



PROCURA ALTA

Traição conjugal é o carro-chefe em agências de detetive em JP

Além dos meios mais usuais para se obter os flagrantes, os drones passaram a ser indispensáveis. **Página 7**

Foto: Niaranjan do Ó/Divulgação



USFs mantêm hortas com plantas medicinais

Prática é recomendada pela Organização Mundial de Saúde e tem dado resultados satisfatórios em vários tratamentos de doenças. **Página 20**



Foto: Arquivo pessoal

ONG salvou 300 mil filhotes de tartaruga na Paraíba

Fundadora da Associação Guajiru, Rita Mascarenhas diz que engorda da orla traria risco aos animais.

Página 4

Pets podem promover bem-estar e auxiliar em tratamento de doenças

Foto: Arquivo pessoal



Na pandemia, bichinhos de estimação tiveram um importante papel no controle emocional de seus tutores. Segundo censo do Instituto Pet Brasil, eles são 146 milhões no país. Psicóloga avalia benefícios da adoção.

Página 6



Foto: Roberto Guedes

Lei dá mais fôlego ao movimento hip hop na PB

Arte “de rua”, que envolve o breaking (foto), o rap, graffiti e outras manifestações, virou patrimônio cultural.

Turistas passam a investir em imóveis nas praias da PB

Flats e apartamentos compactos são adquiridos como imóveis para o lazer e aluguéis por temporada.

Página 17

Opera Paraíba prevê, até junho, realização de 11 mil cirurgias

Meta é 37,5% maior do que total de procedimentos realizados no mesmo período do ano passado.

Página 3

■ “Comunicação não é tema que todos dominem ou panela em que todos metem a colher, ao contrário do que muitos pensam”.

Angélica Lúcio

Página 26

■ “Solidão é bom, é só aprender a conviver. Vive-se só, dorme-se só, somos tão sozinhos que inventamos de sair e já queremos voltar”.

Kubitschek Pinheiro

Página 10

Aparecida, a indígena que ainda hoje é um enigma

Ninguém soube seu nome real e origem. Caçadores a encontraram vestida com pele de animal e falando dialeto estranho.

Página 25



Foto: Roberto Guedes



Memórias Carlos Pereira “casou” a engenharia com jornalismo

Em entrevista ao Projeto Memórias A União, o atual superintendente do DER e colaborador deste jornal conta como iniciou carreira de repórter e fala sobre sua paixão pela crônica.

Páginas 14 e 15

Editorial

Transportes e gargalos

As cidades precisam tratar a questão da oferta de transporte público de qualidade com um olhar para soluções duradouras, que tragam melhorias para todas as gerações. Seguir por atalhos com soluções dissimuladas, temporárias e, por vezes, eleitoreiras, só faz aumentar o problema. O setor de transporte público, no caso particular de João Pessoa, passa por uma crise que ganhou força com a pandemia da Covid-19, e algo para reestruturar o serviço necessita ser feito.

As empresas relatam redução do volume de passageiros e a necessidade de cortar custos. Já os usuários apontam o envelhecimento da frota, a redução da malha de linhas disponíveis e a retração do número de veículos em circulação. Rotas foram renomeadas e unificadas, alguns itinerários foram alongados para abranger mais regiões da cidade, sem o devido reforço no quantitativo de veículos.

Os passageiros continuam a sofrer, sobretudo os que residem nas áreas mais afastadas, que dependem de uma única linha para se deslocar de casa para o trabalho ou o lazer, e vice-versa. A situação piora nos feriados e em horários específicos como o noturno, quando a frota é reduzida e até linhas deixam de circular.

A passagem mais cara é um novo ingrediente às queixas sobre a má qualidade do serviço prestado. Os usuários questionam o transporte coletivo, alegando tratar-se de uma concessão pública, motivo pelo qual as empresas deveriam oferecer um bom serviço, dando contrapartidas para justificar um reajuste tarifário, como também fazer por merecer os benefícios já em vigor, a exemplo dos cortes nos tributos relativos ao setor.

A cidade de João Pessoa requer um estudo aprofundado do sistema de transporte público e a apresentação de soluções e alternativas. Que seja feito um diagnóstico sério e sejam apresentadas propostas de solução para os gargalos existentes.

A adoção de faixa livre para os ônibus foi uma medida acertada que deve ser expandida. A criação há alguns anos do sistema de integração temporal foi outro avanço. Também seria bem-vinda a implementação de um sistema de transporte sobre trilhos, como um metrô de superfície, que funcionasse cruzando eixos específicos da cidade, com algumas estações estrategicamente instaladas e que se conectassem com o sistema de ônibus.

É preciso iniciar o debate, aceitar que o sistema atual, sucateado e deficitário, não atende às expectativas da população. O serviço já era alvo de queixas, porém, nos últimos tempos, após a flexibilização das medidas de prevenção à Covid-19, está decaindo ainda mais.

Para se falar em modernizar a cidade, é preciso criar condições de infraestrutura. No caso dos transportes, enquanto o problema não é encarado de frente, a população sofre e busca mecanismos alternativos, como o uso de veículos por aplicativos e até os clandestinos. O resultado é que a bola de neve da ineficácia dos transportes públicos cresce ainda mais. Reconhecer o problema, desviar-se do debate e não buscar soluções eficazes prejudica a cidade como um todo. E vai se perdendo o bonde, o ônibus, a paciência.

Artigo

Rui Leitão
iurleitao@hotmail.com

O Brasil e Zé Américo, vítimas do golpe de 1937

A Constituição de 1934 já previa a restauração das eleições presidenciais três anos depois da sua promulgação. Dentre os candidatos registrados estava o nosso conterrâneo José Américo de Almeida, enfrentando Armando Sales de Oliveira, representando os liberais, e Plínio Salgado, chefe da Ação Integralista. No dia 25 de maio de 1937, governadores e representantes de partidos políticos que apoiavam o Governo Federal, reunidos no Rio de Janeiro, homologaram a candidatura do paraibano, que havia sido ministro de Viação e Obras Públicas do Governo Getúlio Vargas, naquela época ocupando o cargo de ministro do Tribunal de Contas da União – TCU, desde 1935.

Uma multidão se fez presente na Esplanada do Catete no início da noite de 31 de julho para ouvir o discurso do candidato governista à presidência da República. Foi, sem dúvidas, um momento apoteótico da história política do ilustre paraibano, na oportunidade em que concorria ao posto mais elevado do poder público nacional. Seu principal articulador político era o então governador da Bahia, Juraci Magalhães, arregimentando alianças de apoio nas mais diversas localidades do país. A coordenação da campanha foi assumida por Benedito Valadares.

Em princípio, seu nome sofreu vetos do Palácio do Catete, embora, depois de muitas articulações políticas, ter conseguido ser oficializado como o candidato da situação. Mas o apoio oferecido pelo Presidente da República mostrava-se tímida, para não dizer desinteressada. A campanha acontecia em meio a um período de grande turbulência política, em razão da vigência do decreto de 1936 que estabelecia formas de repressão às Revoltas Comunistas de 1935, efetivando-se um verdadeiro “estado de guerra”. O “perigo vermelho” era uma forma de promover a instabilidade política e possibilitar um golpe militar. Antevendo a ruptura democrática que se mostrava evidente, José Américo, em um dos seus memoráveis discursos, conclamava os brasileiros: “Juremos todos, pelas cinzas repatriadas dos nossos mártires, que não se destruirá a liberdade dos brasileiros com falsos regimes de autoridade, que não passariam de regimes de submissão”.

Vargas trabalhava nos bastidores fomentando resistências regionais (Pernambuco, Bahia e Rio Grande do Sul), na pretensão de se manter no poder, jogando contra seu próprio candidato. Em setembro de 1937, circularam nas mídias de massas um documento falso engendrado pelos integralistas, o Plano Cohen, com informações de que os comunistas pretendiam estimular insurreições para tomar o poder no Brasil. Getúlio Vargas o utilizou como motivo para a decretação do estado de guerra, em 2 de outubro de 1937. Em novembro, era outorgada uma nova Constituição. Às 20 horas do dia 2 de dezembro, Getúlio Vargas proferiu no rádio seu Manifesto à Nação. Iniciava-se o período ditatorial conhecido historicamente como Estado Novo. O Golpe de 1937, então, matava a democracia e, consequentemente, as possibilidades de que, por eleição direta, o paraibano José Américo de Almeida fosse alçado ao cargo de Presidente da República.

“

Uma multidão se fez presente na Esplanada do Catete no início da noite de 31 de julho para ouvir o discurso do candidato governista à presidência da República

Rui Leitão

Foto

Legenda

Clóvis Roberto



Beleza e graça da natureza!

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

Seu nome é mulher

Cultivo um ponto de vista estranho e mesmo confuso ante o significado humano do progresso. Talvez seja o dicionário Aurélio o que mais concorra para a babel que o assunto assanha em minha cabeça. Diz lá como primeiros significados: “Progresso - Movimento ou marcha para a frente; desenvolvimento; aumento; adiantamento em sentido favorável”. Sem acrescentar o harmonioso. Deve ter sido este o sentido perseguido na divisa positivista da bandeira.

Vai por aí até que a televisão local abre a janela para o Dia Internacional da Mulher, esse 8 de março com sua justa e bela homenagem à luta da mulher do campo, simbolizada em Elizabeth Teixeira, nos seus 98 anos, com uma parceira urbana a catar lixo para manter o filho na escola e ajudar no sustento da mãe dele sob a latada de um barraco que não se compara com a casa da camponesa de 1962, quando conheci Elizabeth, decorridos 61 anos de progresso. Era uma casa rústica dominada pela força de trabalho do grande líder camponês João Pedro Teixeira.

Ah! – me dirão – o catador de lixo destes tempos de estradas reduplicadas, faixa de asfalto comum a todas as ruas, água encanada, nenhuma casa sem luz nos fundões paraibanos, meio século de programas continuados de habitação popular urbana, informática em todos os serviços, um milhão e 300 mil veículos para quatro milhões de habitantes, numa média universal de três habitantes por carro, mais celulares do que ouvidos, ou seja, o catador de lixo destes nossos tempos não é mais o “bicho” do poeta Manuel Bandeira:

“Vi ontem um bicho / Na imundície do pátio / Catando lixo entre os detritos (...)

O bicho não era um cão / Não era um gato / Não era um rato/ O bicho, meu Deus, era um homem!”

Mudou, sem dúvida. Houve progresso, dirão os entusiastas. Desde 2011 que o catador, mesmo arrastando uma carroça de tração humana (as de tração animal já foram proibidas oficialmente) obteve o reconhecimento profissional da Câmara do país e, por consequên-

“

Mudou, sem dúvida. Houve progresso, dirão os entusiastas

Gonzaga Rodrigues

cia, do Ministério do Trabalho. Associou-se em cooperativas e soube mobilizar-se por seus direitos. Mas as condições de trabalho não são muito diferentes das que motivaram o poema de Bandeira.

E chega a ser chocante, aos meus olhos, quando o catador de lixo da rua é uma mulher, fonte de todos os amores, e que careça de uma lei especial de proteção além da que lhe consagra o Capítulo – Dos Direitos e Deveres Individuais e Coletivos de todas as constituições.

Claro, o modo como a vi na pauta de homenagens da TV Cabo Branco, franzina e forte a rolar o seu rochedo, um trambolho de carroça, o filho colado a ela a caminho da escola, o modo como a vi em sua dignidade, me pareceu de uma grandeza superior a tudo, ao regime, a seus dirigentes, embora a condição a que é forçada a lutar como mãe e mulher negue a olhos vistos todas as definições de progresso social e humano.

Miúda, incomodando o trânsito das ruas que excretam o melhor lixo, explorada pelo atravessador, como me cresceu em seu olhar forte, superior ao meio, protegido quase que somente pelo relevo voluntarioso de suas so-brancelhas. Que pena, num instante que desviei da tela perdi seu nome. Melhor assim, seu nome é mulher.

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL

EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Velga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042
Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509
E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U I D I O R I A : 99143-6762

OPERA PARAÍBA

Programa vai fazer 11 mil procedimentos até junho

Número é 37,5% superior ao registrado no mesmo período do ano passado

Nalim Tavares
Especial para A União

O Opera Paraíba, maior programa de cirurgias eletivas do Brasil, prevê a realização de 11 mil procedimentos até junho deste ano — cerca de 37,5% a mais que no mesmo período do ano passado. No caminho para cumprir a meta, entre 1º de janeiro e 28 de fevereiro, 1.934 cirurgias já foram realizadas. As informações são da Secretaria de Estado da Saúde (SES-PB). Em todo o estado, mais de 23 unidades de saúde atuam dentro do programa, de forma regular e itinerante, a fim de reduzir a fila de espera cirúrgica. Algumas unidades oferecem os procedimentos diariamente, como o Hospital de Clínicas de Campina Grande, enquanto outras recebem pacientes em dias específicos, de acordo com a demanda já existente em sua rotina de atendimento. O secretário de Estado da Saúde, Jhony Bezerra, conta que “a Paraíba conseguiu, utilizando seus recursos e sua rede hospitalar, acabar com a fila das cirurgias eletivas que se arrastava por anos, provando que é possível fazer saúde pública de qualidade.” Este ano, de acordo com a SES, a fila de espera é de oito mil procedimentos e, portanto, deve ser zerada ainda neste primeiro semestre de 2023. Ainda neste mês, Maman-guape vai realizar cirurgias oftalmológicas nos dias 15, 16 e 17. O mesmo tipo de procedimento será ofertado em Campina Grande, nos dias 29, 30 e 31. Já o município de Taperoá vai fazer cirurgias gerais nos dias 24, 25 e 26. Em abril, os pacientes da 3ª Macrorregião de Saúde do Estado serão beneficiados. Em Patos, um mutirão de cirurgias oftalmológicas vai acontecer do dia 4 ao dia 6, e cirurgias gerais serão ofertadas do dia 7 ao dia 9. Cajazeiras terá cirurgias gerais do dia 14 ao dia 16. Procedimentos do mesmo tipo serão realizados em Sousa nos dias 21, 22 e 23, e, em Piancó, cirurgias oftalmológicas vão ser feitas nos dias 24 e 25. Os procedimentos são realizados em hospitais geridos pelo Governo do Estado, e é possível encontrar uma lista

com todas as unidades que atuam no programa através da aba “institucional” do site operaparaiba.pb.gov.br. Em João Pessoa, de abril de 2022 até janeiro de 2023, o Hospital Estadual de Emergência e Trauma Senador Humberto Lucena já realizou mais de 2.462 cirurgias eletivas, por meio de oito especialidades médicas. Somente em janeiro, foram 306 cirurgias feitas no hospital. Já em Campina Grande, no Hospital das Clínicas, cerca de 1.500 procedimentos foram realizados em 2023, nas especialidades de cirurgia geral, urologia, oftalmologia, otorrinolaringologia, ortopedia, ginecologia, bariátrica e vascular. Conforme a Assessoria de Comunicação da unidade de saúde, no ano passado, foram realizadas aproximadamente 8.500 cirurgias. Para esse ano, a meta é chegar a 10 mil procedimentos. Desde a ocasião do seu lançamento em 2019, o Opera Paraíba já realizou mais de 33 mil cirurgias eletivas. Em fevereiro, o programa que vem sendo compartilhado com go-

vernoss de outros estados também foi apresentado ao Ministério da Saúde. “A gente fica muito feliz que a Paraíba está sendo espelho para todo o Brasil. Estamos compartilhando essas experiências e servindo de modelo para outros estados, até mesmo para um programa nacional”, diz Jhony Bezerra.

“

A Paraíba conseguiu, utilizando seus recursos e sua rede hospitalar, acabar com a fila das cirurgias eletivas

Jhony Bezerra

Foto: Secom-PB

■ As cirurgias são realizadas em hospitais geridos pelo Governo do Estado, e existe uma lista no site operaparaiba.pb.gov.br



Desde a ocasião do seu lançamento em 2019, o Opera Paraíba já realizou mais de 33 mil cirurgias eletivas

Ampliação das cirurgias ginecológicas

Lançado no último dia 6 pelo Governador João Azevêdo, o Opera Paraíba Mulher pretende realizar 500 procedimentos cirúrgicos no mês de março. A proposta, segundo a SES, é “ampliar o número de cirurgias ginecológicas, como cirurgias de ovário, laqueadura, histerectomia, perineo e endometriose, e diminuir o tempo de espera para a realização das intervenções.” Os procedimentos serão

feitos no Hospital de Clínicas de Campina Grande e de forma itinerante em outros municípios. De acordo com o diretor técnico do Hospital de Clínicas, Thyago Morais, boa parte das cirurgias oferecidas pelo programa já são ofertadas pelo Estado. “A intenção é, justamente, aumentar o quantitativo de atendimentos para este mês de março, para que possamos contemplar o maior número possível de mulheres.” Segundo Thyago Morais,

A primeira cirurgia realizada através do programa foi de endometriose, feita no dia 8 de março por videolaparoscopia — via de acesso para procedimentos cirúrgicos, pouco invasiva ao corpo humano. A paciente, Maria Mércia, de 40 anos, conta que a cirurgia foi como um presente. “Saber que agora não vou mais sentir dor para trabalhar, para dormir, é um sonho.” Segundo Thyago Morais,

o Hospital de Clínicas abriu, na última sexta-feira, “o Ambulatório de Endometriose, um ambulatório multidisciplinar. Vamos ter acompanhamento não só da parte de ginecologia especializada em endometriose, mas, também, de nutrição, psicologia, e de outras áreas que uma paciente possa precisar.” O médico lembra, ainda, que as mulheres compõem 60% do público cadastrado no Opera Paraíba.

Cadastro deve ser feito para inscrição

Para se inscrever no programa, o usuário do Sistema Público de Saúde precisa se dirigir a Unidade de Saúde da Família (USF) do seu município e preencher seu cadastro.

Logo em seguida, a demanda é encaminhada para a Secretaria Estadual de Saúde, que faz o levantamento e direciona os pacientes para o hospital regional mais próximo.

Também é possível se inscrever através do site www.operaparaiba.pb.gov.br. Nesse caso, é necessário anexar exames e um laudo médico que comprovem a necessi-

dade da cirurgia. Depois, o paciente é classificado pela central de regulação e encaminhado para o Hospital Regional executante mais próximo.

UN Informe

Ricco Farias
papiroeletronico@hotmail.com

“CANDIDATURA ISOLADA, QUE COMPLIQUE A FEDERAÇÃO, NÃO FAZ SENTIDO”, AVALIA JACKSON

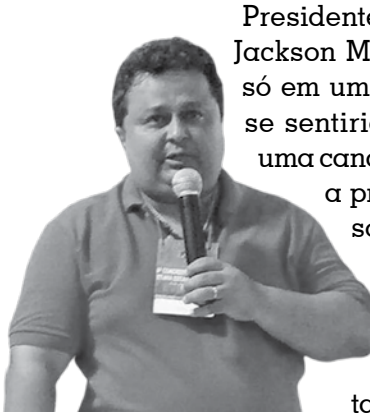


Foto: Divulgação/PT

Presidente do PT na Paraíba, Jackson Macedo (foto) diz que só em uma hipótese o partido se sentiria impelido a lançar uma candidatura própria para a prefeitura de João Pessoa, em 2024: ter uma candidatura muito competitiva. “Passou o tempo de o PT disputar por disputar. Na última eleição, o partido teve seu pior desempenho, com 1,49% dos votos. A chapa de vereador teve mais voto”, disse, referindo-se à candidatura de Anísio Maia, em 2020. A fala do dirigente sugere que a executiva estadual do partido não enxerga um nome em seus quadros capaz de disputar a eleição na capital com perspectiva de vitória. “A candidatura própria é importante, mas só se for robusta, que unifique o partido e que esteja bem situada nas pesquisas. Candidatura isolada, que complique a federação [PT, PCdoB e PV], não faz sentido manter”, avaliou. O partido vem recebendo acenos de Cícero Lucena (PP), que até admite contar com membros da legenda em seu secretariado. O PT poderá apoiar a reeleição do prefeito? “Eu acho que ainda é muito cedo [para tratar de alianças], mas no momento certo o partido vai ter que discutir isso”, afirmou o petista, destacando que “a construção de 2024 não é só do PT, tem o PCdoB e o PV”.

“E SE CÍCERO SE FILIAR À FEDERAÇÃO?”

Jackson Macedo em nenhum momento descarta, categoricamente, o apoio do PT à campanha de reeleição de Cícero Lucena, apesar de dizer que a sigla, a preço de hoje, é oposição na Câmara Municipal. E faz uma leitura pertinente: “E se Cícero se filiar a essa federação?”, conjecturou, referindo-se à união entre o PSB, o PDT e Solidariedade, “olha só a mexida no tabuleiro do xadrez político que isso fará. Ele estará no campo da esquerda e vai polarizar com o campo bolsonarista”. Tirem suas conclusões, leitores.

“A PRINCÍPIO”, NÃO!

Provocado a falar sobre a possibilidade de ele ou a sua esposa, Ana Cláudia disputar a prefeitura de Campina Grande, Veneziano Vital do Rêgo (MDB) tratou de descartá-la. “Não temos, a princípio, o propósito de participar de uma disputa majoritária, seja com meu nome ou com o de Aninha”. Como ‘o futuro a Deus pertence’, como preceitua o ditado, ele usou a expressão “a princípio”.

“PODE SER QUE ACONTEÇA”

Sobre a possibilidade de apoiar a campanha à reeleição de Bruno Cunha Lima (PSD), Veneziano admitiu: “Pode ser que nós componhamos e isso aconteça”. O que se depreende dessa fala é que o senador, uma vez aliando-se ao prefeito, indicará o vice. Ou melhor: a vice. Naturalmente, o nome seria o de Ana Cláudia, não precisa bola de cristal para adivinhar.

PARA ACABAR COM O CENTRÃO

Jackson Macedo defende uma tese para acabar de vez com o chamado ‘centrão’, formado por partidos cuja característica é nunca ser, de fato, oposição ao governo de plantão e sempre negociar apoios em troca da liberação de emendas: “Pra acabar com o centrão é preciso acabar com a emenda parlamentar. O centrão se sustenta com a emenda, essa mercadoria que existe no Congresso. É assim que as majorias se formam”.

NICARÁGUA: PSB E GOVERNO DIVERGEM

Há um tema que tem gerado divergência entre o governo Lula (PT) e o PSB. O primeiro não assinou manifesto na ONU, subscrito por 55 países, que condena violações aos direitos humanos praticados pelo governo de Daniel Ortega, antigo aliado de Lula, no plano internacional. Já os socialistas, em nota, registraram “amplo repúdio às práticas ditatoriais do senhor Ortega, a quem acusam de ser “sanguinário”, na Nicarágua.

ENERGIAS RENOVÁVEIS: MINISTRO VEM À PB DEBATER COM GOVERNADORES

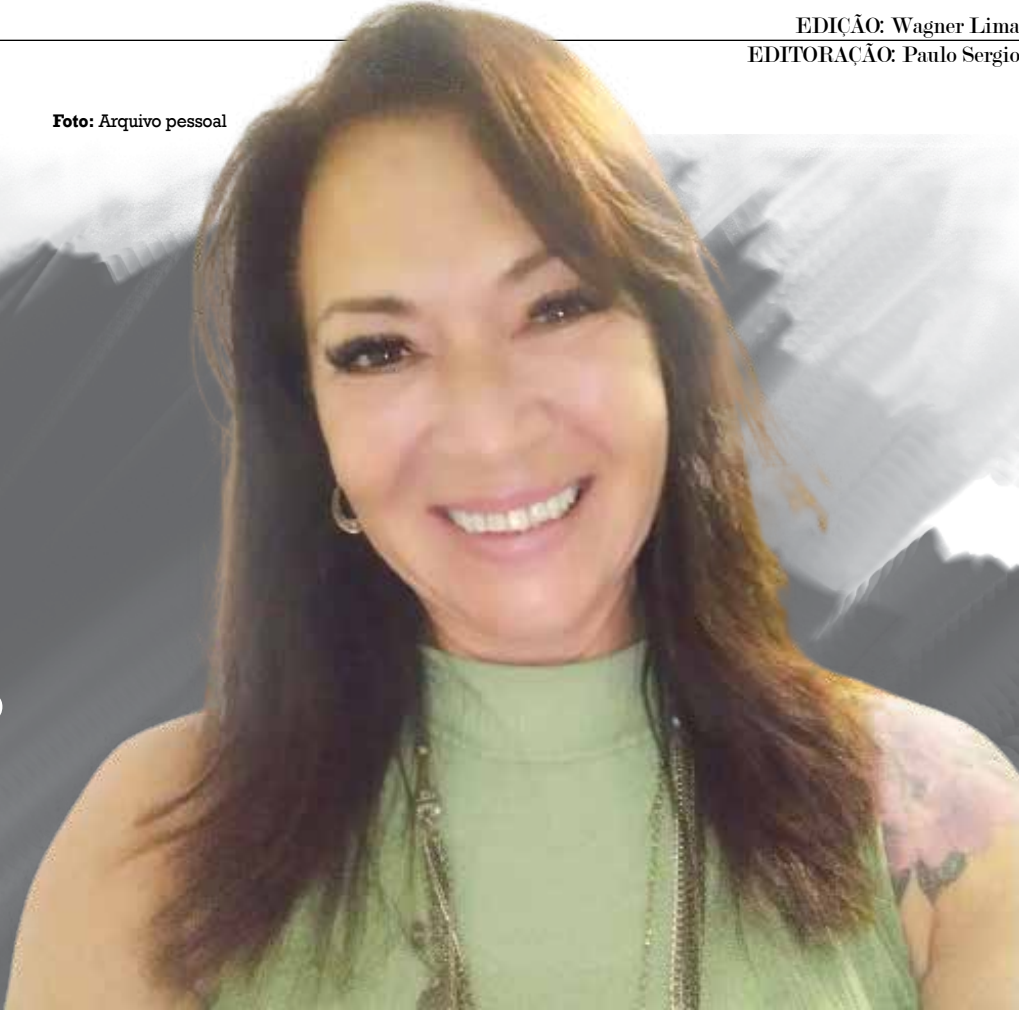
Presidente do Consórcio Nordeste, o governador João Azevêdo confirma a vinda a João Pessoa, no dia 28 de abril, do ministro das Minas e Energia, Alexandre Silveira. Ele vem debater com governadores nordestinos e investidores o potencial do Nordeste para receber novos empreendimentos ligados ao segmento de energias renováveis. O encontro deverá definir um cronograma de investimentos para os próximos anos.

Foto: Arquivo pessoal

Rita Mascarenhas

Pós-doutora em Biologia

“Intervenção na orla vai aterrar corais e bancos de algas”



Bióloga alerta para o impacto da engorda da orla na vida marinha e os riscos para a reprodução das tartarugas

Lucilene Meireles
lucilenemeireles@epc.pb.gov.br

Citar o trabalho em prol das tartarugas marinhas em João Pessoa remete às ações que ocorrem há mais de 20 anos conduzidas pela Associação Guajiru. Nos primeiros quase 20 anos, a Ong teve uma força agregadora em reunir parceiros, voluntários, sociedade civil organizada e mídia: Rita Mascarenhas. E ao mesmo tempo uma força irradiadora de ideais sobre preservação ambiental e a responsabilidade de cada cidadão sobre o mundo que construímos diariamente com nossas ações.

Formada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Goiás, Rita é mestre em Biologia Animal pela Universidad Nacional Autonoma de Mexico, doutora em Ciências Biológicas pela Unesp e pós-doutora em Biologia da Conservação. Rita Mascarenhas é hoje uma das referências na luta ambiental no Nordeste e durante décadas um dos principais nomes na Paraíba.

Em entrevista ao Jornal A União, Rita Mascarenhas reflete sobre os possíveis impactos dos projetos de engorda na orla da capital na vida marinha, as medidas que os poderes públicos deveria ter com programas de gerenciamento de lixo urbanos, a importância da criação de zonas de proteção marinha, o legado deixado junto à Guajiru, entidade que mantém vínculo.

Entrevista

■ Os mares e rios têm sofrido com as ações de poluições em todo o mundo e não tem sido diferente na Paraíba. Que soluções a senhora aponta para resolver o problema de poluição que afeta esses ecossistemas?

Um trabalho sério de educação sobre o uso e descarte de plástico, programas de reciclagem desse material, projetos de urbanização de praias que considerem esses ambientes como um ecossistema. Também sugiro um programa de gerenciamento de lixo urbano que abarque as bacias hidrográficas, uma vez que 80% do lixo encontrado no mar vêm dos ambientes urbanos carregados pelos rios. É importante a criação de zonas de proteção no mar que proíbam a pesca em áreas de alimentação de tartarugas marinhas e ainda uso de sistema de iluminação urbana na linha de praia que sejam menos nocivas para as tartarugas.

■ Quais seriam as principais medidas para as cidades terem um programa de gerenciamento de lixo urbano desse tipo que a senhora cita?

Alguns estudos nos Estados Unidos indicam que o gerenciamento de locais para fazer aterros sanitários é importante, considerando os cursos de água, uma vez que até enchentes podem atingir esses locais e levar o lixo para os rios. Assim, pensando nesse aspecto, por exemplo, corre-se menos risco de carrear lixo para o rio e deles para o mar. O Rio Paraíba nasce em Itabaiana e com certeza o lixo de lá chega ao nosso litoral por falta de gestão e destinação adequada.

■ Que outros seres, além das tartarugas, estão sob ameaça diretamente em razão dos crimes ambientais na área litorânea? A senhora vê a educação ambiental como uma das principais formas de evitar que

isso aconteça?

Toda fauna marinha é ameaçada. O microplástico, por exemplo, contamina e mata os filtradores, que são as ostras. Com isso, a cadeia inteira é afetada, pois, de forma simples, o maior come o menor até chegar, por exemplo, nos golfinhos que chamamos animais de topo de cadeia, que acumulam no organismo todos os contaminantes. Em estudo de presença de agrotóxicos nos tecidos de peixes-boi foi demonstrada a presença em grandes quantidades desses organoflorados (compostos orgânicos utilizados na produção agrícola como pesticidas). Quanto à educação ambiental, é importante, assim como a criação e prática de políticas públicas para o meio ambiente que sejam eficientes

■ A proposta de engorda da orla de João Pessoa e intervenções na falésia têm gerado debates nas últimas semanas. Como a senhora avalia essa proposta? Que solução apontaria para salvar a falésia sem interferir no ecossistema?

A lógica, do ponto de vista da natureza, é deixar o tempo agir e daqui a centenas de anos não haveria mais aquela falésia e sim uma praia plana. Como edificamos no topo da falésia, interferimos no fluxo da água das chuvas, dos ventos e da ação das marés no pé da barreira e aceleramos para questão de poucos anos o que a natureza levaria centenas de anos para produzir. A solução seria retirar asfalto, prédios construídos no topo, reflorestar e permitir ao ambiente se reconstituir. Um grande absurdo se apoderar do termo ponto mais oriental das Américas, e para mantê-lo, destruir toda a biodiversidade local.

■ Esses projetos devem afetar a vida marinha no litoral da capital? Que impactos podem incidir diretamente sobre a vida

das espécies marinhas?

Os impactos são não só sobre as tartarugas, mas sobre toda a base de vida no mar. Ao longo das estações do ano, naturalmente o mar retira areia de uma praia e deposita em outra, próxima ou distante, depende da geografia do local. Assim, uma praia artificial com a engorda teria mais areia para deslocar, por exemplo, e cobrir corais, bancos de algas. Além disso, esses projetos retiram areia do fundo do mar para fazer a engorda. São muitas desvantagens, algumas muito graves e, por vezes, incomensuráveis nessa mania dos humanos acharem que podem alterar ambientes sem que sofram consequências. Os ovos de tartarugas dependem da qualidade da areia para se desenvolverem e há sério risco de causar morte de todos os ninhos a partir disso.

■ Como essas mudanças incidem? Quais os impactos para outras espécies?

O que estará sendo alterado nessas áreas de doação de areia? Que organismos, principalmente vírus, podem viver sem interagir com a fauna mais costeira e com humanos e, de repente, entram em contato? O que podem causar? É só pensar no exemplo da Covid. O vírus estava em seu ambiente nas espécies com os quais evoluiu e, de repente, entra em contato com a gente ou outros animais, se adapta e causa a pandemia. Quanto aos impactos a outras espécies, ocorre a perda de habitat, perda de alimento e também da qualidade da água.

■ Como pós-doutora em Biologia da Conservação, que mudanças a senhora aponta como prováveis nos ciclos de vida marinha com esse projeto de intervenção no Cabo Branco?

Altera tudo, pois aterra corais, aterra bancos de algas, muda os ciclos de deposição e retirada de areia de acordo com as correntes marinhas ao longo do ano, além de trazer para a costa espécies de outros locais. Como seria essa interação? Na maioria das vezes, muito negativa, extinguindo as locais.

■ As alterações climáticas vêm ocorrendo em escalada assustadora. Essas mudanças bruscas têm se intensificado também na Paraíba. Como a senhora avalia que esses fatores climáticos podem afetar a fauna marinha, as populações costeiras e até as do interior?

As mudanças climáticas são um ultimato para a humanidade, pois viveremos extremos, muita chuva ou muita seca, ventos sem controle, furacões em maior número e mais intensos. Afeta tudo, a agricultura, por exemplo. Como vamos produzir alimentos? Como ficam as fontes de água? Muitos locais podem se tornar impossíveis de abrigar vida humana. No mar, muda correntes, marés e a produção de oxigênio, afetando toda a base primária de vida que mantém a biodiversidade e, consequentemente, a nossa sobrevivência.

■ A Associação Guajiru foi criada em 2002 com o intuito de proteger os ninhos de tartarugas nas praias da Paraíba. Nesses quase 21 anos, que balanço a senhora faz das ações?

Muitas dificuldades, mas também muitas vitórias. A primeira delas foi garantir a proteção de cada ninho nas praias urbanizadas, uma vez que sem isso todos os filhotes morrem ao sair, pois se desorientam com as luzes artificiais e morrem indo na direção delas. São cerca de 300 mil filhotes protegidos nesse interim. Mais de um milhão de pessoas atendidas em palestras ou na sede da ONG. Outra vitória: um espaço físico. A nova direção alugou uma casa e adaptou para museu, área de palestras e lojinha.

■ Quantas tartarugas marinhas foram salvas nesse período?

Em 19 anos, salvamos por volta de 300 mil filhotes. Além disso, conseguimos salvar cerca de 50 tartarugas adultas ou jovens que enalharam na praia doentes e foram devolvidas ao mar recuperadas. Até 2012, tínhamos uma biblioteca na praia e um projeto de inclusão social de crianças em situação de risco. Lembra do Fininho? Hoje é campeão de surfe e vive em Santa Catarina. Depois, perdemos o espaço que tínhamos no Bar do Surfista e ficamos somente com as tartarugas.

■ Durante o tempo em que a senhora atuou na ONG, quantas mortes de tartarugas contabilizou? Quais as principais causas dessas mortes? E quantas nasceram?

Contabilizamos uma média de 100 animais mortos por ano, o que soma mais de mil, infelizmente, sendo a grande maioria por interação com a pesca. Elas acabam morrendo afogadas, presas nas redes de pesca. Outra causa de morte é por ingestão de plástico, que obstrui o intestino delas e sem poder se alimentar e nem defecar, elas morrem. Por outro lado, indo para o mar, foram mais de 300 mil filhotes e temos uma média de 130 ninhos a cada ano.

■ Sobre o trabalho que a senhora desenvolveu à frente da Guajiru em quase duas décadas que lições leva para a vida?

Como fundadora da ONG e coordenadora do projeto, atuava em todas as frentes, campo, pesquisa e educação ambiental. Foram 19 anos em João Pessoa e levo, como lição para a vida, o quanto é gratificante trabalhar pelo coletivo, pois cuidar da biodiversidade é proteger seres humanos, já que dependemos do equilíbrio do ambiente para nossa sobrevivência enquanto espécie.

■ Sempre envolvida em alguma causa, a senhora é incansável na luta por direitos. Além de atuar pelo meio ambiente, tem hoje uma nova missão, no Espírito Santo, administrando um hospital. Como está sendo essa experiência?

Sempre inquieta com os problemas da sociedade, sim. Ainda sigo

com as tartarugas, usando minha expertise para fortalecer a Rede Nordeste de Tartarugas Marinhas (Retamane). Faço parte do comitê científico e cooriento duas estudantes de mestrado na UFPB. Quanto ao hospital, é a Casa de Caridade São José, com 87 anos de existência. Teve áureos tempos e hoje sofre pela falta de recurso, equipamento, e profissionais. Quando cheguei, eram seis cirurgias ao mês, hoje são mais de 100. Criamos um projeto de recuperação e, com diversos parceiros e recursos de emendas parlamentares, estamos reestruturando e trazendo de volta o papel que o hospital tem de cumprir para a sociedade, tudo isso voluntariamente, até recentemente, quando passei a ser remunerada por minha função.

■ Quais os principais desafios a senhora tem enfrentado e como os dribla nessa nova empreitada?

Manter equipamentos, insumos e administrar 98 cabeças, em turnos, 24 horas por dia, todos os dias do ano. Mas, é prazeroso ver as mudanças acontecendo e os frutos sendo colhidos. Tem sido uma experiência fantástica, um grande crescimento pessoal lidar com tantas pessoas, a burocracia, legislação. É um mundo novo, e um hospital é bastante complexo.

■ O trabalho da senhora na Guajiru marcou a história da ONG. Há pretensão de voltar a João Pessoa para retomar sua atuação presencial?

No momento não vislumbro uma volta para João Pessoa, mas sigo de longe participando, apoiando e torcendo para que as meninas tenham forças pra tocar a ONG e que preparem, lá na frente, a futura geração de “tartarugueiros” da Paraíba. É um trabalho que deve ser para sempre, já que cada vez mais as praias sofrem com a intervenção humana e sem essa ajuda as tartarugas vão desaparecer. Acho que viver é isso: construir coisas, ensinar os mais jovens o valor da vida, seja ela qual for e preparar pessoas para atuarem em seu dia a dia para construir um mundo melhor. Esse é o meu prazer quando falo da Guajiru. Deu certo e, como não somos eternos, que os novos ocupem o lugar e sigam na missão.

■ Que estudos a senhora desenvolveu ou desenvolve em relação às tartarugas marinhas?

Estudamos os tamanhos dos filhotes ao nascerem, pois indicam a saúde das mães; número de ovos depositados por fêmea para comparar com outros locais; estudamos a qualidade de praia, estudamos o impacto da iluminação artificial sobre as fêmeas desovando e sobre os filhotes ao saírem do ninho, estudamos as temperaturas de areia para saber o sexo dos filhotes e os impactos do aquecimento global sobre as tartarugas e há vários outros em andamento. Os estudos se concentram nas áreas urbanas que monitoramos.



Foto: Freepik

Dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública mostram que 45% das mulheres que sofreram violência não tomaram nenhuma atitude após as agressões sofridas

VIOLÊNCIA

Romper o silêncio para sobreviver

Ausência de denúncias fortalece o ciclo de agressões que mata milhares de mulheres diariamente no Brasil

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Em setembro de 2020, no distrito de Poço José de Moura, região de Cajazeiras, Pâmela Nascimento, grávida de cinco meses, começou a ser espancada pelo companheiro. Os vizinhos ouviram os gritos de Pâmela e acionaram o Samu. Ela foi socorrida, mas já chegou ao hospital sem vida. O laudo do Instituto Médico Legal (IML) identificou que Pâmela sofreu pancadas no abdômen, que resultaram em uma hemorragia interna, e teve duas costelas fraturadas.

Em setembro de 2022, Hélio José de Almeida Feitosa, marido da vítima, foi condenado a 42 anos de prisão em regime fechado pelo feminicídio de Pâmela Nascimento. Durante as investigações do crime, a Polícia Civil constatou que, em fevereiro de 2020, ela já havia sido agredida e sofreu um aborto devido as lesões do espancamento.

Por que Pâmela não procurou ajuda? Por que os vizinhos não chamaram a polícia, não denunciaram? Essas e outras questões estão presentes na pesquisa “Visível e Invisível: a Vitimização de Mulheres no Brasil”, realizada pelo Fórum de Segurança Pública e pelo Instituto DataFolha, patrocinada pela Uber Brasil. De acordo com os dados divulgados na última semana, 45% das mulheres que sofreram violência em 2022 relataram que não tomaram atitude alguma após as agressões sofridas. Apesar do número alto, o índice é inferior ao que foi registrado em anos anteriores – 2017 e 2019 com 52% de mulheres que não tomaram nenhuma atitude.

Para a advogada criminalista Ana Beatriz Eufrauzino, que também é mestre em Direitos Humanos, Cidadania e Políticas Públicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e presidente da Comissão de Combate à Violência e Impunidade contra a Mulher da Ordem dos Advogados do Brasil na Paraíba (OAB-PB), os crimes de violência que acontecem no escopo familiar já são muito subnotificados. “O grande problema é que essa vítima não encontra apoio e quando ela decide pedir ajuda, entra no que chamamos de “rota crítica”, que é todo o caminho que ela percorre até concretizar uma denúncia e essa rota às vezes começa na própria rede de apoio social”. Foi o caso de Isabel (nome fictício), assistente de marketing, que só conseguiu forças para denunciar dois anos após a primeira agressão.

“Ele era um bom pai e nunca deixou faltar nada em casa, mas tinha crises de raiva e ciúme. Eu quis denunciar desde o primeiro empurrão, mas minha família não me apoiou. Não ia

conseguir me mudar e sustentar meu filho sozinha, e se ele fosse preso, tudo ia ficar pior”, afirma Isabel.

A gota d’água aconteceu quando, durante uma discussão, ele pegou uma faca e a ameaçou de morte. “Liguei no meio da noite para minha irmã, que foi me resgatar e me levou direto para a Delegacia da Mulher, no Geisel. Fiquei abrigada com meu filho na casa da minha irmã esperando a medida protetiva”, afirmou. No final do processo, ela conseguiu o divórcio. O ex-marido não chegou a ser preso, mas se mudou de João Pessoa e hoje ela consegue ter uma vida com mais paz. “Eu só penso que podia ter feito tudo isso antes e, se tivesse ajuda, teria feito”, ressaltou.

Isabel sofria violência doméstica em casa, longe dos olhos da sociedade. Mas será que essa violência seria facilmente identificada por quem via de fora?

Em relação à percepção das pessoas, os dados da pesquisa apresentam uma piora significativa: em 2017, 34% dos entrevistados afirmaram não ter presenciado qualquer situação de assédio e/ou violência doméstica contra adolescentes e mulheres; esse número saltou para 48% na pesquisa de 2023. “Não é possível afirmar que estes resultados indiquem uma redução da prevalência destas violências, mas é de se considerar a hipótese de que autores estão menos encorajados a se mostrarem agressivos publicamente, e isso explicaria tanto a redução progressiva de testemunhos sobre terem visto violência contra a mulher”, diz a pesquisa.

Psicóloga do Programa Integrado Patrulha Maria da Penha, em Campi-

na Grande, Glória Tamires Maciel traz uma observação pertinente. “Percebemos que as pessoas possuem uma melhor compreensão da Lei Maria da Penha e isso fez com que as denúncias aumentassem e notamos também que as mulheres que conseguem denunciar possuem uma rede de apoio, e essa rede também se forma a partir da reflexão e do entendimento do que é violência doméstica, por isso a importância da rede de proteção e das campanhas de conscientização”.

Para a psicóloga, essa rede é fundamental para que as vítimas se sintam encorajadas a denunciar. “Essas mulheres vêm acompanhadas de muitas dúvidas, inseguranças, pressão social e precisam de um ambiente em que se sintam seguras para falar sobre o que se sente, e que possam compreender quais os mecanismos de proteção que têm direito e podem acessar. A rede de proteção está apta a reconhecer outras dificuldades e pontos que podem ser utilizados pelo agressor para que aquela vítima retorne ao ciclo da violência doméstica. O objetivo principal é fazer com que a mulher consiga romper o ciclo de violência e possa seguir sua vida em liberdade”, diz Glória Tamires.

Na Paraíba, o atendimento às vítimas de violência doméstica pode ser realizado nas Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher (DEAM), de forma direta, ou pelo Disque 180. Para casos de emergência, a Polícia Militar deverá ser acionada pelo número 190. O Boletim de Ocorrência também pode ser feito de forma virtual no endereço delegaciaonline.pb.gov.br.

Patrulha Maria da Penha garante maior segurança

Na Paraíba, o Programa Integrado Patrulha Maria da Penha se tornou uma importante ferramenta na proteção das mulheres. Implantado no estado em agosto de 2019, o programa faz acompanhamento preventivo e periódico no sentido de garantir maior proteção às mulheres em situação de violência doméstica e familiar que possuem medidas protetivas de urgência.

A patrulha apresenta um modelo diferenciado do restante do país “porque avaliamos que é importante proteger as mulheres não só pelo olhar da segurança pública, mas um olhar de uma equipe multiprofissional, que nos ajuda a identificar os determinantes sociais e o que condiciona essa mulher a viver nesse histórico de violência”, afirma Monica Brandão, coordenadora-geral do programa.

Com a implantação no Núcleo de Guarabira, no Brejo paraibano, a Patrulha Maria da Penha passa a atender 100 dos 223 municípios do estado e já está consolidada na

Região Metropolitana de João Pessoa e na região polarizada por Campina Grande.

Monica Brandão comemora a atuação da Patrulha Maria da Penha na Paraíba. “Em quase quatro anos de programa, nós não perdemos uma única mulher. O trabalho integrado, que é o nosso diferencial, nos trouxe o Selo Especial de Práticas Inovadoras de Enfrentamento à Violência contra Meninas e Mulheres do Fórum Brasileiro de Segurança e se tornou modelo para o restante do país”, concluiu.

Desde sua implantação, em 2019, nenhuma mulher assistida pelo programa foi vítima de feminicídio na Paraíba

Foto: Ortilio Antônio



Unidades e guarnições da Maria da Penha já atingem 100 cidades; esse número deve ser ampliado para garantir a segurança em toda a Paraíba



Foto: José Marques/Secom-PB

MAIS QUE AMOR

Animais são aliados na saúde

Psicóloga avalia benefícios dos pets domésticos na melhora da qualidade de vida e de tratamento de doenças

Carol Cassoli
carol.cassoli@gmail.com

Em fevereiro de 2019, a campanha da casa da estudante Sarah Macedo tocou. Quando a mãe da moça foi até o portão, sua prima entregou o cachorro que tinha nos braços para ela, entrou no carro que a tinha levado até lá e foi embora. Assim o pequeno *poodle* Apolo entrou para a família. “Ele era do tamanho das mãos da minha mãe. Tão pequeno, tão fofo que a gente nem pensou na possibilidade de não ficar com ele”, conta Sarah, de 22 anos. Hoje, Apolo tem quatro anos e, mesmo que já seja adulto, continua sendo o xodó dos Macedo. Devido ao porte pequeno que lhe confere menos de 40 centímetros, é difícil encontrar um membro na família que não se desmanche todo pelo cachorrinho. Assim como na família de Sarah, muitas famílias têm seus bichinhos como membros. Estima-se que existam, no Brasil, 149,6 milhões de animais de estimação. Este número foi levantado pelo Censo do Instituto Pet Brasil e coloca o Brasil em terceiro lugar no *ranking* de países com a maior

“
Ter um bichinho pode auxiliar no tratamento de algumas questões de saúde que afetam seus donos, contribuindo para uma melhora

Ana Raquel Calaça

população de animais domésticos. O benefício é mútuo. Além de reduzir a imensa população de animais de rua do país, adotar um animal contribui para a saúde física e mental dos tutores. A psicóloga, Ana Raquel Calaça, explica que um *pet* pode, inclusive, representar um salto na qualidade de vida de seu tutor. “Ter um bichinho de estimação pode até auxiliar no tratamento de algumas questões de saúde que afetam seus donos, contribuindo para uma melhora na resposta do paciente a diversos tratamentos”, diz a psicóloga. Segundo Ana, o convívio com os bichos de estimação diminui o risco de doenças cardiovasculares e bastam apenas alguns minutos com um bichinho para que as pessoas se sintam mais calmas e menos estressadas. Isso porque o corpo passa por mudanças físicas que alteram o humor das pessoas e os níveis de cortisol, o hormônio do estresse, diminuem. Além disso, o amor incondicional do animal de estimação pode ajudar o tutor a lidar com doenças, como a depressão. Quando a cachorrinha Pêpa chegou à casa de Gisely Castor de Andra-

de, de 28 anos, os dias da professora certamente ficaram mais coloridos, mas o amor de um *pet* Gisely já conhecia. É que, antes de Pêpa, Gisely vivenciou por 17 anos o companheirismo da cachorra Pandora, que faleceu em fevereiro do ano passado. “Panda, como a chamávamos, foi quem me ensinou as responsabilidades e os prazeres que um bichinho de estimação nos proporciona”, conta. E, para Gisely, são mais benefícios que malefícios. Na pandemia de Covid-19, por exemplo, Pêpa e Panda exerceram um papel de fundamental importância para tutora e de todo o mundo: o contato físico. “A Covid-19 nos privou desse contato, mas quem tinha um animalzinho pôde amenizar a falta de um abraço; neles estava liberado o aconchego. Cuidar de um animal nos ajuda a nos manter ativos mental e fisicamente. Mentalmente podemos dar e receber afeto. As brincadeiras e os passeios nos ajudam a nos movimentar, assim como fazer amizades em parques e praças para trocar ideia sobre eles” avalia a tutora de Pêpa. Desde pequeno, o estudante uni-

versitário Ricardo Lellis convive com animais de estimação. Assim como foi com Gisely, o primeiro bicho que o ensinou o amor de um animal foi Pandora, uma cachorrinha. De lá para cá, são mais de 20 anos de experiências com animais de estimação. Em 2012, o estudante, de 23 anos, conheceu Spike, seu parceiro de quatro patas atual. À época, Spike, junto de Pandora e Belinha, compunham um hiperativo e problemático trio, em que a juventude de um nem sempre era uma boa ideia para os mais velhos. Nessa mistura, sobrou até para Tom, o gorducho gato da família. “Minha mãe conta que a primeira coisa que eu disse quando a vi com Spike, que estava dentro de uma caixa, foi: bateria tem rabo? Só dava para ver o rabinho dele e não parava de chacoalhar”, lembra. Hoje, o *pet* de Ricardo assumiu uma nova responsabilidade: acompanhá-lo em outra cidade, enquanto ele faz faculdade, já que o recifen-se é aluno da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e, por enquanto, vive sozinho em João Pessoa. “Sozinho, mas não só”, já que o estudante tem Spike ao seu lado.



Sarah e a família Macedo celebram o aniversário de Apolo



Pêpa é responsável por colorir os dias de Gisely Castor



Ricardo Lellis tem Spike como companheiro e companhia

Fotos: Arquivo pessoal

Bichos exóticos, como serpentes, também são fascinantes

Além dos bichinhos tradicionais, há, ainda, quem crie animais exóticos. E os tutores desses *pets* garantem: além de apaixonarem quem cria, os exóticos fascinam a todos que veem. Este é o caso do marceneiro Washington Pereira, que, depois de assistir a documentários e programas sobre a vida animal, se encantou pelo estilo de vida dos répteis e passou a criá-los há cerca de seis anos. “Quando falei para a minha esposa que queria criar cobras, foi uma resistência gigante. Mas, desde que comecei, não parei mais. Foi amor à primeira vista”, conta o criador, que já chegou a ter sete serpentes em casa e, hoje, mantém três e outros animais, como lagartos e papagaios. O marceneiro lembra que, no início, seus vizinhos também resistiam ao fato de ele criar répteis. “Diziam que era loucura e, na verdade, não é. Para ter um bicho desses e oferecer qualidade de vida a ele, você precisa ter noção de um monte de coisas,

como temperatura, umidade, troca de pele e alimentação”, diz o dono das serpentes ao lembrar que elas também não demonstram quando estão doentes. Para Washington, criar animais exóticos é, de fato, uma prova de amor, porque os obstáculos impostos pela sociedade são muitos. “Por estarem presentes na Bíblia, por exemplo, as serpentes são muito discriminadas. Dizem que ter uma serpente é ter o mal dentro de casa e, na verdade, não. Elas são extremamente dóceis”, conta. Justamente por serem dóceis, as serpentes do marceneiro se tornaram parte da família. E até mesmo sua filha, a pequena Maria Júlia, tem carinho pelos animais, com os quais se exhibe toda enrolada nas redes sociais. Número de abandono cresce Através do Censo do Instituto Pet Brasil, infere-se que, atualmente, no mínimo 70% da população brasilei-

ra tenha um animal de estimação na família ou, pelo menos, conheça alguém com um *pet* em casa. E os tutores, asseguram: quem adota, não se arrepende. A psicóloga Ana Raquel Calaça aconselha a adoção como relação lucrativa para ambos os lados. “É preciso ter responsabilidade e prudência. Mas os benefícios à saúde não se restringem somente às pessoas. Igualmente, o contato do tutor com os animais também gera interferências positivas nos bichinhos. Em poucos minutos de carinho e afagos para que as taxas cardíacas dos animais diminuam e eles se sintam mais calmos”, afirma. A tutora de Apolo, Sarah Macedo, diz que, sem ele, a família não seria igual. Já para Ricardo Lellis, a adoção é como um vício, pois quem conhece o amor de um, deseja repetir com vários. Pêpa, que tem um acento no nome para não ser confundida com a porquinha rosa dos desenhos anima-

dos, já é considerada filha da professora Gisely Castor. E as serpentes de Washington o ensinam tanto quanto ou mais que qualquer outro bicho “tradicional”. “Sempre incentivo que adotem. Primeiro porque os bichos não deveriam estar na rua. O abandono é nossa culpa e cabe a nós reparar nossa dívida com os animais de estimação os adotando e retribuindo tudo o que eles fazem por nós”, analisa Ricardo Lellis. Embora as adoções de animais tenham aumentado durante a pandemia de Covid-19, já foi possível notar a alta na quantidade de abandonos em todo o Brasil. A Organização Mundial da Saúde (OMS) estima que, hoje, existam cerca de 30 milhões de animais abandonados no país, sendo 20 milhões deles cachorros e 10 milhões gatos. Assim como contou Gisely Castor, na pandemia, os animais assumiram mais que nunca um papel de supor-

te emocional para as pessoas. E, agora que a dinâmica social já voltou ao normal, muitos tutores abandonaram seus *pets* em abrigos ou tomaram uma decisão pior, soltando-os na rua. De acordo com a médica veterinária Luana Ribeiro, a adoção de *pets* tem se tornado cada dia mais comum. A veterinária alerta, no entanto, para as responsabilidades adquiridas ao adotar um animal. “A questão não é só adotar, mas ter consciência. O animal hoje tem um impacto muito grande na vida de nós humanos. Suprimos a nossa solidão, nossa carência e muitas vezes as nossas perdas e, em contrapartida, eles nos demandam amor incondicional, formando uma relação sinérgica”, explica ao reforçar que, para agregar um bichinho à família, é importante ter em mente que os *pets* têm suas necessidades básicas, fisiológicas e também mentais; e que esse quadro se agrava sobretudo quando o animal é um gato.



Maria Júlia exhibe o amor pelas cobras nas redes sociais



Luana Ribeiro ressaltando as responsabilidades do tutor



Para Ana Raquel, a relação é saudável para pets e tutores

INFIDELIDADE

Traição aumenta busca por detetives

Em apenas uma agência do segmento em João Pessoa, 80% dos serviços são para comprovar relação extraconjugal

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

■ Serviços incluem registros de imagens feitas por máquina fotográfica, filmadora e até drone

Ele já não atendia as ligações da esposa e se afastava quando o telefone tocava. Esses sinais acenderam na administradora Juliana Silva (nome fictício) o alerta de uma possível traição por parte do marido, o que foi confirmado posteriormente. Investigações de possíveis traições conjugais representam 80% dos casos atendidos em uma única agência de investigação na Paraíba. Além de não atender aos telefonemas da esposa, o marido infiel ainda tinha sumiços repentinos. Eles se conheceram ainda na adolescência, quando engata-ram o romance. Foram 10 anos de relacionamento no total, sendo oito de namoro e dois de casamento.

Juliana já tinha visto de perto os impactos que uma traição poderia causar em um relacionamento. Ela ainda cogitou perdoar o ex-marido para não afetar a convivência com o filho. "Entendi que não conseguiria, por ter a experiência dos meus pais, que foi uma relação de traição também. Eu vi que não conseguiria conviver", explicou a administradora. Na Agência Paraíba

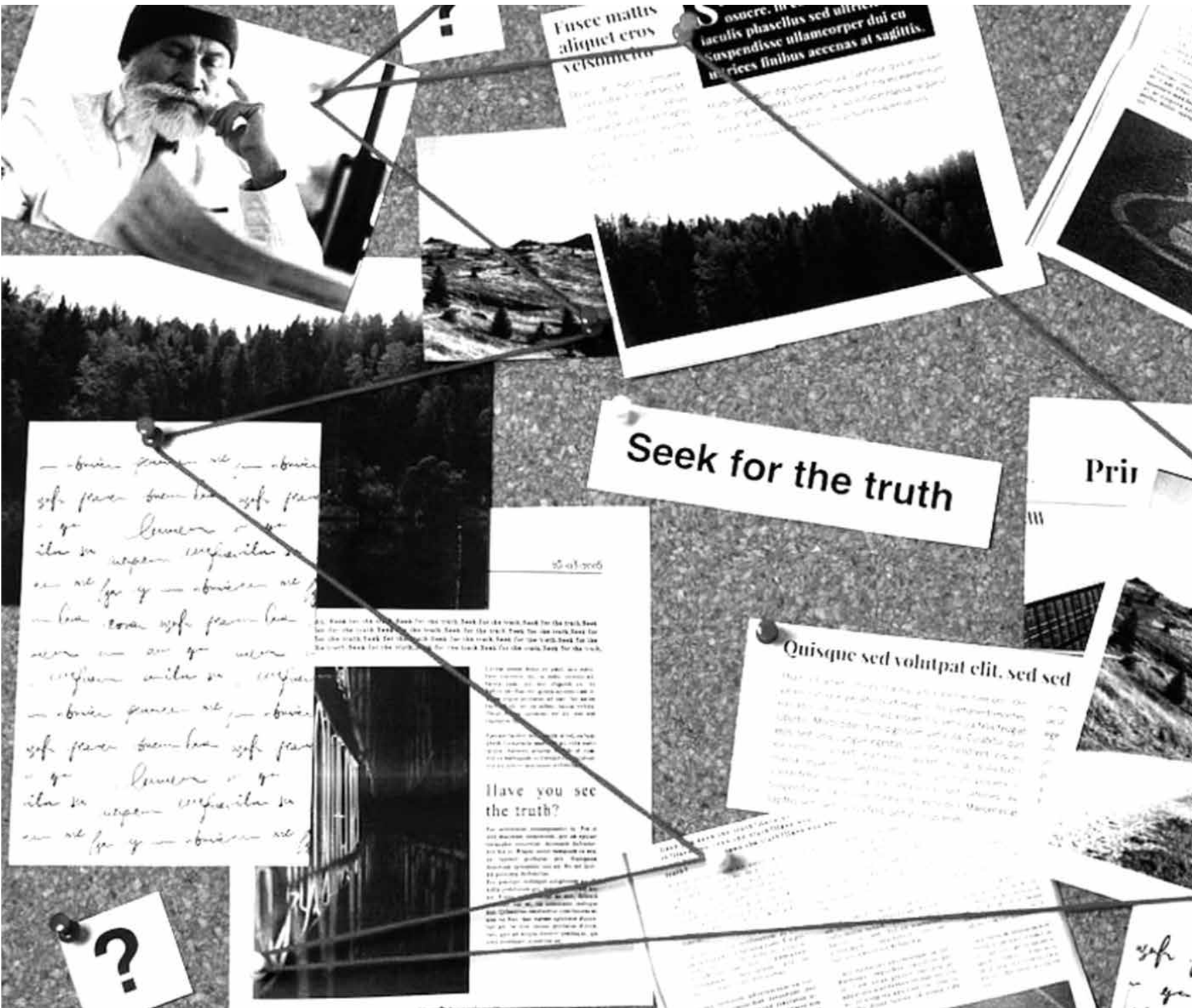
de Investigação e Informação, as mulheres são maioria na hora de contratar os serviços de um detetive para investigar a "pulada de cerca" do parceiro. O número de homens que recorrem ao trabalho investigativo, no entanto, tem aumentado

consideravelmente. "Traição conjugal é o carro-chefe, não tem tempo, época, mês. A procura é grande o ano todo", explicou o detetive Ribeiro, diretor da agência. Para contratar o serviço os "desconfiados" precisam desembolsar R\$

450 por diária. Com a experiência de trabalhar há 17 anos com investigações, Ribeiro já presenciou situações inusitadas. Entre os casos que têm se tornado recorrentes, estão os de amantes que con- tratam o detetive para des-

cobrir se o parceiro, além da esposa, mantém relacionamento com outra mulher. Na agência também há pedidos de maridos que pedem para que as amantes sejam investigadas. A investigação de um caso de adultério dura, em

média, sete dias e vários recursos são utilizados para flagrar o traidor, como registros em fotografias e filmagens, até com o uso de *drone*. Caso o flagrante não ocorra em uma semana, a investigação é renovada por mais sete dias.



Diárias de investigadores chegam a R\$ 450; serviço tem sido muito procurado por cônjuges e até por amantes em busca de comprovação de traições dos parceiros

Casos de divórcios aumentaram 21,8% na PB durante a pandemia

Em menos de uma hora, o que era “até que a morte os separe” chega oficialmente ao fim. Impulsionado pela pandemia da Covid-19, na Paraíba o número de divórcios cresceu 21,8%, segundo pesquisa divulgada este ano pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Foto: Arquivo pessoal



É necessário procurar um advogado para dar entrada no divórcio, seja no cartório ou no juizado

Larissa Paulino

Os dados são relativos ao ano de 2021 e mostram que no estado 5.111 casais decidiram “separar as escovas”, enquanto no ano anterior foram contabilizados 4.195 divórcios. João Pessoa lidera com 1.393 separações, seguida por Campina Grande, com 1.025 divórcios. A capital também apresentou o maior percentual de aumento de divórcios, com 34,8%. O processo de divórcio pode ser simples, mas isso depende do regime adotado na celebração do casamento, conhecimento de direitos sobre guarda, partilha de bens, pensão alimentícia, existência de filhos e divisão de bens, por exemplo. A advogada especialista em Direito de Família e Sucessões, Larissa Raulino, explica que é necessário procurar um advogado para dar entrada no divórcio, seja no cartório ou no juizado. O ex-casal pode recorrer ao cartório quando as partes forem maiores de idade, capazes, não tiverem filhos menores e estiverem de acordo com todas as condições do divórcio. Em caso de filho menor ou desacordo com os termos do divórcio, o processo deve ser

feito, obrigatoriamente, judicialmente. “O divórcio sendo feito no cartório pode ser em um dia. A gente até brinca dizendo que a pessoa pode se casar em um dia e se divorciar no outro porque o procedimento é simples. Quando precisa ser ajuizado na Justiça é um pouco mais demorado, mas se as partes estiverem de acordo e a ação judicial for pela existência de um filho menor ou incapaz, é relativamente rápido. No caso de divórcio litigioso é mais demorado, vai ter todo um procedimento a ser seguido, com audiência, entrevista social, quebra de sigilo bancário para investigar patrimônio quando necessário”, afirmou. Após tomar a decisão de se divorciar, o processo legal foi simples para Juliana Silva e o ex-marido, que chegou a resistir à separação e tentou uma reconciliação. “Tínhamos o mesmo advogado, que era amigo da família. Ele mesmo conversou com o meu ex-marido para que não fosse feito de forma litigiosa, pois esse demora muito. Como resolvemos em acordo, tudo ficou resolvido rápido”, lembrou.

Popularização das redes sociais pode ser um facilitador nas traições

Uma traição pode ser causada por diversos motivos, como problemas de comunicação, desentendimentos frequentes ou falta de envolvimento emocional. Entre os fatores apontados pela psicóloga Rosane Vieira, terapeuta cognitivo comportamental, estão ainda a necessidade de aventura, a busca por atenção emocional ou simplesmente a falta de intimidade entre o casal. “Em alguns casos, a traição pode ser causada por uma vontade de vingança ou algum trauma relacionado a relacionamentos passados”. Rosane acrescenta que é necessário que ocorra um diálogo aberto entre o casal para dirimir dúvidas. Descobrir uma traição pode não ser fácil e deixa sequelas emocionais. Conforme a psicóloga, há casos em que a pessoa traída assume papel de culpa, aumenta a insegurança, traumas em futuros relacionamentos, baixa autoestima e até podem evoluir para um quadro de ansiedade e depressão. “Por afetar a autoestima, isso acaba afetando vários fatores na vida da pessoa traída”, afirmou. A psicóloga ressaltou que

se a pessoa traída decidir perdoar o parceiro é necessário que haja sinceridade para que a traição fique no passado e não se transforme em motivos para desentendimentos e acusações. Ela destacou que perdoar não é esquecer, mas saber que, apesar de ter ocorrido a traição, ela ficou no passado. “A traição é algo profundamente desrespeitoso e pode destruir a confiança em uma relação. Se você está tendo pensamentos de traição, tente conversar com o parceiro sobre o que o está incomodando na relação. Se não resolver o problema, talvez seja necessário buscar um profissional de saúde mental para intermediação”. Muitas traições podem começar com curtidas em fotos e conversas no *direct* das redes sociais. Com a popularização, as redes sociais podem desempenhar um papel importante na traição de um relacionamento, levando em consideração que elas podem ser vistas como um facilitador do processo. “As pessoas podem usar as redes sociais para se comunicar com outras pes-

soas que não sejam seu parceiro. Isso pode levar à troca de mensagens, fotos ou outras interações interpretadas como traição. As redes sociais também podem ser usadas para encontrar ou se conectar a antigos parceiros ou até mesmo para procurar outras pessoas com quem se envolver”, pontuou.

Foto: Arquivo pessoal



Muitas traições podem começar com curtidas em fotos e conversas no *direct* das redes sociais

Rosane Vieira

NO SERTÃO

Desterro: tradições e investimentos

Cidade distante 284 quilômetros da capital mantém festas populares e garante incentivos às políticas públicas

José Alves
zavieira2@gmail.com

Localizado no Sertão da Paraíba e na microrregião da Serra do Teixeira, o município de Desterro tem como base econômica o setor primário, porém, o que mais aquece a economia local são as festas promovidas pela prefeitura. A tradicional festa junina “João Pedro”, por exemplo, que se traduz na festa de São João e São Pedro, fora de época atrai uma multidão. Essa festa acontece sempre no período de 14 a 17 de julho, com atrações como Xand Avião, Mano Valter e Dodô Pressão, entre outros artistas nacionais e aquece o comércio da cidade.

Segundo o prefeito da cidade, Valtécio de Almeida Justo, “a festa João Pedro, é tão esperada pela população de Desterro (8.315 habitantes), que as atrações são anunciadas meses antes, no sentido de que todos os filhos da cidade, principalmente, os que moram fora, se preparem para entrar no clima e retornar ao município que fica a 284,3 quilômetros de João Pessoa.

O prefeito disse ainda, que São João do Alto, o São João do Poço João, a festa das crianças, a festa da Padroeira da cidade e o Réveillon Fest no povoado de Tataíra, são outras festas que atraem milhares de pessoas e arrecadam mais dividendos para o município. Só o Réveillon Fest de Tataíra, tem mais de 80 anos de tradição. Já a festa João Pedro, é realizada na Praça Vereador Francisco de Assis Ferreira ‘Preta da Barraca’, a principal praça da cidade.

No que diz respeito ao turismo da cidade, segundo o secretário de Finanças, Jardeson da Silva Costa, o município tem alguns atrativos, a exemplo de museu que conta a história do município; a Igreja Matriz de Nossa Senhora do Desterro, construída no ano de 1926 (padroeira da cidade), e um cruzeiro, que é bastante visitado pelos religiosos da região. A festa de emancipação política da cidade é realizada no dia 22 de outubro e os esportes mais praticados pelos desterreenses são o futebol e o ciclismo.

Quanto à agricultura familiar se destacam em Desterro as culturas do algodão, feijão e milho. Já na pecuária, os destaques ficam com a criação de gado bovino e caprino. E na avicultura o que predomina são os galináceos, com a produção de ovos. No comércio local se destacam algumas lojas de artesanato e outras de confecções de roupas e calçados.

O secretário de Finanças do município contou que a cidade tem uma pessoa que é muito admirada pela população local. O nome dele é Dilson de Almeida, mais conhecido por Didi, ou Ganjão. Segundo Jardeson, “o Dilson é uma pessoa super admirada e querida. É um cidadão carismático e muito amável e quando chega em Desterro o povo faz fila para tirar uma foto com ele, ou simplesmente para lhe dar um abraço”.

Ainda de acordo com Jardeson, Didi ou Ganjão como é conhecido o cidadão mais amado da cidade, foi ex-prefeito do município (2004) e venceu uma das disputas políticas mais acirradas da história de Desterro, contra um grupo que governava o município



Museu é um dos atrativos da cidade sertaneja. No local, os visitantes podem apreciar o acervo fotográfico e peças que marcaram época como invenções tecnológicas, a exemplo do aparelho telefônico da era analógica, equipamentos de TV e máquinas de escrever. Pelo acervo, é possível contar um pouco da história do povo desterreense

pio há 28 anos. Em 2016 e 2020 foi fundamental para vitória do seu irmão, Nilton de Almeida no município de Cacimbas, cidade da região e atualmente é conselheiro do grupo político do atual prefeito, Valtécio Justo.

O prefeito revelou que o governador João Azevêdo está sempre garantindo parcerias com o município de Desterro. Ele disse que entre as obras de destaque com a prefeitura, o Governo do Estado já providenciou a reforma do

ginásio de esporte “O Joaozão”, a reforma da Escola Casimira Leite; foi responsável pela construção de uma travessia urbana e atualmente está concluindo a construção da mais nova creche da cidade.

Ele enfatizou que o Governo do Estado também levou para o município o Programa Empreender Paraíba e abriu, em parceria com a prefeitura local, vagas para linhas de crédito Pessoa Física, Empreender Juventude, Empreender Profissional Liberal e Empreender

Profissional Liberal Juventude. “O Programa Empreender busca ativar a economia dos municípios da Paraíba promovendo uma melhor qualidade de vida da população com a criação de novos pontos de trabalho”, disse o gestor.

O município de Desterro se localiza na região geográfica imediata de Patos, nas proximidades da Serra de Teixeira. Tem como vizinhos os municípios de Cacimbas, Livramento, Teixeira, Itapetim e São José do Egito (PE).

■ Agricultura familiar é marcada pelas culturas do algodão, feijão e milho. Cidade também guarda tradição na criação de bovinos e caprinos

Busca por água gerou fundação da cidade

■ Município teve emancipação política apenas em 1959, deixando de pertencer como povoado à cidade de Teixeira

De acordo com historiadores o comerciante Manoel dos Reis de Souza e sua esposa Silvéria Maria da Conceição, admirados e tidos até os dias atuais como os fundadores do município, foram atraídos para a região pela existência de água na localidade através do afluente do Rio Taperoá, também conhecido como Rio dos Porcos. No local, eles fixaram residência, onde hoje está encravada a cidade.

O lugar onde foi construída a residência dos pioneiros chamava-se de “Sítio Entre Rios”, passando a se chamar Desterro após o cumprimento de uma promessa feita pela esposa de Manoel Reis, dona Silvéria à Nossa Senhora do Desterro, para que a santa banisse da região uma “epidemia de febre”. Pelo clima ameno e a fertilidade do solo, o número de casas construídas no local, aumentou quando o ambiente

passou a ser conhecido como povoado e logo depois como distrito de Teixeira, obtendo a emancipação política em 1959.

E foi exatamente no ano de 1959, que o antes distrito, foi elevado à categoria de município com a denominação de Desterro, através de Lei Estadual. E assim o município foi constituído distrito sede no ano de 1997, ano em que Desterro passou a ter seus limites atuais.

IDENTIDADE

Pelos caminhos multidimensionais do *hip hop*

Conheça as diversas facetas do marginalizado movimento de rua reconhecido como patrimônio cultural imaterial da PB

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

O que define a identidade cultural de um local ou de um povo nem sempre está representado no que ele produz de forma tangível, que pode ser tocado. Existe um nível muito mais subjetivo numa comunidade que se organiza e se diferencia pelos seus costumes, pelos seus saberes, pelos seus modos de fazer e de celebrar. Com a publicação no último dia 6 da lei que definiu o *hip hop* como patrimônio cultural imaterial da Paraíba, ficam salvaguardadas as atividades do *graffiti*, do *rap*, do DJ e do *beatbox*; dos MCs e suas batalhas, das manifestações poéticas do *slam*, assim como o *breaking* das *b-girls* e dos *b-boys*. Um ecossistema rico que agora passa a ter a proteção institucional, garantindo o reconhecimento e a legalidade aos integrantes do movimento historicamente perseguido e criminalizado por produzir arte.

“Essa lei dá um fôlego para a gente. Sou mestre da cultura popular e do *hip hop* e agora me sinto contemplado. Vou imprimir e andar com essa lei toda vez que for fazer uma atividade a céu aberto porque isso pode até resguardar a vida da gente”, afirma o *rapper*, poeta e MC Pertnaz. Ele foi o primeiro representante da Paraíba em uma batalha de rima, em 2007, e afirma que jamais havia vivido tantas formas de silenciamento como durante os últimos quatro anos governado por políticos de extrema-direita no país. “Foi um momento

“

O *hip hop* é um estilo de vida, não apenas uma cultura. Por isso abrange tantas áreas. (...)
O *rap* é uma ferramenta de transformação social

Pertnaz

perigoso para quem faz cultura”, define ele. É por esse motivo que o artigo segundo da Lei nº 12.579 prevê que qualquer ação discriminatória, preconceituosa e desrespeitosa, seja de natureza social, racial, cultural ou administrativa, contra o movimento *hip hop*, estará submetida às penas da lei.

Nas culturas ocidentais, acostumou-se a perceber as linguagens artísticas como algo independente e separado: a música, a poesia, a dança e a pintura. O *hip hop* tem uma multidimensionalidade que funde todos esses elementos de forma que eles não se equivalem à soma dessas partes separadas, pois só em conjunto elas criam essa característica da expressão humana. “O *hip hop* é um estilo de vida, não apenas uma cultura. Por isso abrange tantas áreas. É o cara que mora na periferia, vê uma arte perto dele que expressa o que ele pensa sobre a vida e resolve se utilizar disso para si”, detalha Pertnaz, que atua também na educação social, já tendo alfabetizado mais de duas mil pessoas, além de oferecer oficinas de literatura, ritmo e poesia. “O *rap* (um dos pilares do *hip hop*) é uma ferramenta de transformação social, resgatando e redirecionando jovens e adultos”, complementa.

Mapeando as áreas de maior incidência dessa expressão artística, a Zona Sul de João Pessoa se destaca entre as demais. A maior e mais conceituada batalha de *rap* da capital ocorre na Praça do Coqueiral, no bairro de Mangabeira, e na Praça da Paz, nos Bancários. “É aí onde estão tradicionalmente os maiores

celeiros de poetas e poetisas. Mas tem batalhas ainda em Campina Grande, Bayeux, Santa Rita e Cabedelo”, aponta o *rapper* pessoense. Com a popularização do *hip hop*, o perfil dos seus praticantes tem mudado com a ajuda da internet e das mídias mais tradicionais. Nesse fluxo, nomes de destaque nacional como Bixarte e Fúria Negra se juntam a artistas como o cantor e compositor João Carlos Jr. Todos eles vencedores de suas respectivas edições do Festival de Música da Paraíba. É assim que se mede a expansão do público, que passa a reproduzir as batalhas até no Alto Sertão. “Quando você vê as batalhas acontecendo em Cajazeiras, por exemplo, ou MCs surgindo em Mari e Patos, no interior paraibano, a gente percebe esse crescimento. São sementes que são plantadas”, exemplifica Pertnaz.

Esse crescimento é percebido por todos que compõem o movimento, como é o caso da campinense radicada em João Pessoa, Jéssika Andrade, mais conhecida como *b-girl* Pekena. “Acredito que o *hip hop* é uma cultura onde todas as pessoas podem acessar. Sobretudo a população periférica que muitas vezes é marginalizada, ou deixada de lado na sociedade. A população enxerga através da cultura *hip hop* uma forma de criticar os problemas sociais, mas também é uma forma de se sentir pertencente à arte, ao mundo”, afirma a dançarina e única atleta paraibana integrante da seleção brasileira de *breaking*, que sonha em representar o estado nas Olimpíadas de Paris, em 2024. “Cada linguagem tem sua própria singularidade, sua própria técnica, apesar de muitas vezes o mesmo artista transitar nessas diferentes linguagens”, acrescenta ela, que se dedica há mais de 13 anos ao *breaking* com treinos diários e muita preparação.

Já a grafiteira e tatuadora Witch está no movimento desde o começo dos anos 2000 e percebe que este momento atual é o de maior relevância para o *hip hop*. “Antes, os artistas tinham que ser patrocinados por gravadoras ou produtores para serem reconhecidos nacionalmente, o que era difícil, pois cultura preta nunca foi bem quista pela sociedade. O *rap*, o *graffiti* e o *break* não eram todos que ouviam ou olhavam que gostavam. Graças à internet temos uma divulgação gratuita e vemos cantores de *rap* e DJ fazendo shows por todo o território nacional”, compara a artista que está sempre presente nos eventos de *hip hop*, produzindo os desenhos durante as apresentações.

“Minha vida profissional está atrelada ao movimento *hip hop*. Consigo colocar mensagens através da minha personagem Catrina nos muros. As minhas maiores realizações profissionais foram ter participado de algumas exposições e eventos que considero importantes, como o Meeting Of Favela e o Recifusion. Ter promovido o maior festival de arte urbana aqui no estado, o De Ponta a Ponta, onde ocorreu em um mês oficinas e murais pela cidade de João Pessoa com mais de 100 artistas da Paraíba. E estar nos livros de arte do 7º do ensino público do Brasil”, cita a artista que vem ganhando também os muros e os painéis de toda a cidade.

O patrimônio imaterial é disseminado de geração para geração, e passa por constantes processos de ressignificação pelas comunidades e grupos, alterando sua história e as interações sociais e com a natureza. É isso que gera um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana. “Esse é um reconhecimento não só da minha luta, mas de muitos irmãos e muitas irmãs que vêm batalhando em suas periferias, em suas quebradas, para mudar a realidade onde o poder público não chega de forma significativa para oferecer uma outra perspectiva à população”, finaliza Pertnaz.

Foto: Roberto Guedes



Foto: Acervo Pessoa/Instagram



Foto: Edson Matos



Foto: Leo Accioly/Divulgação



Jéssika Andrade, mais conhecida como *b-girl* Pekena, é a única atleta paraibana integrante da seleção brasileira de *breaking*, que sonha com as Olimpíadas de Paris

Veterana grafiteira desde 2000, Witch está sempre presente nas apresentações de *hip hop*, produzindo os desenhos e painéis durante os eventos

Um dos nomes de destaque nacional do *slam*, a cantora, poeta e compositora Bixarte já venceu uma edição do Festival de Música da Paraíba, em 2020

Rapper, poeta e MC Pertnaz atua na educação social, já tendo alfabetizado mais de duas mil pessoas, além de oferecer oficinas de literatura, ritmo e poesia

Artigo

Estevam Dedalus
Sociólogo | colaborador

Platão e a democracia

Platão tinha uma evidente pro-
pensão antidemocrática. Isso pode
ser visto de várias formas, desde sua
defesa dos filósofos como as pessoas
mais capacitadas a governar um es-
tado, como a repreensão que faz à
poesia, ao teatro e à música.

Em sua versão de sociedade ideal,
Platão acreditava que era necessário
aplicar censura na literatura e nas
músicas que os jovens teriam aces-
so. Os poetas e dramaturgos como
merecessem uma admoestação, de-
veriam ser banidos.

Essa é uma visão estreita sobre a
arte e o comportamento humano. O fi-
lósofo acreditava que a representação
de histórias com vilões desvirtuaria as
pessoas, especialmente quando os vi-
lões são felizes e os personagens bons
e tristes. As peças teatrais aceitáveis
seriam aquelas que traziam personag-
ens masculinos e heroicos.

Tal perspectiva é comum a ditadu-
ras ao longo da história. A arte é vis-
ta como uma ameaça por seu poten-
cial crítico, seu estímulo à imaginação
e por provocar muitas vezes um cer-
to tipo de tensão com a ordem esta-
belecida. A função da cultura para o
platonismo é refinar os homens, le-
vá-los ao caminho do bem. Curiosamente
Platão achava que a mentira é um
expediente válido, quando usada
pelo estado e legisladores com o fim

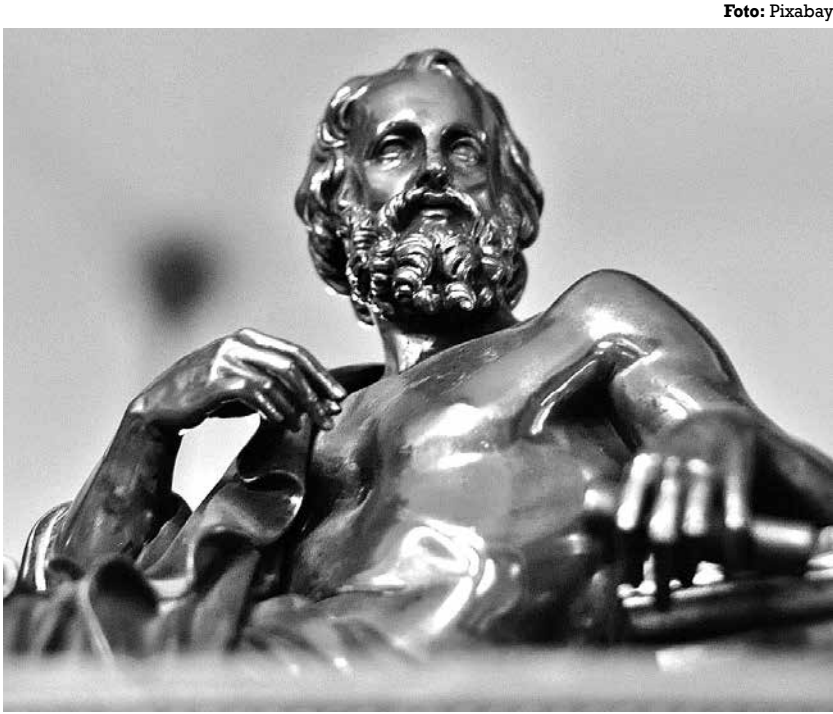


Foto: Pixabay

Segundo Platão, a representação de histórias com vilões desvirtuaria as pessoas

de atingir objetivos de grande impor-
tância pública.

Na República platônica há uma
posição contrária à propriedade pri-
vada e a adoção de um modelo de
família coletivo. Platão defende um
modelo de propriedade coletiva que
inclui bens materiais, filhos, esposas
e maridos. Ele, de maneira um tan-
to progressista, dizia que a educação
das mulheres tem que ser da mesma
natureza dos homens. Ambos os gê-
neros devem aprender as mesmas coi-

sas. Esparta produziu um fascínio no
filósofo, muitas dessas ideias é resul-
tado dele. Por isso, não está vedada às
mulheres participarem da classe dos
dirigentes políticos. O que deve pre-
valecer na escolha de um governan-
te é a sabedoria.

Do ponto de vista prático, no en-
tanto, é praticamente impossível de-
terminar que uma formação intelec-
tual garanta um bom governante,
muito menos que ela seja fonte do
privilegio de mando.

Estética e Existência

Klebber Maux Dias
klebmaux@gmail.com | colaborador

Poder e liberdade

As complexas relações humanas
nesta contemporaneidade apre-
sentam a necessidade de priorizar
o novo conceito de poder quando
uma ação de uma pessoa inten-
ciona agir sobre uma “conduta de
outro ser humano”, com a condi-
ção de que quem manda deixa ao
outro a possibilidade de dizer sim
ou não. A partir disso, pode-se con-
siderar que só existe “poder” no
consentimento, sem o uso da força
e nem da violência, isto é, na dinâ-
mica da liberdade. Por isso, só há
seres livres nessas relações de po-
der. Essa tese foi criada pelo filósofo,
psicólogo, historiador, filólogo,
crítico literário e professor francês
Michel Foucault (1926-1984).

As contribuições do pensamen-
to de Foucault são estudadas nestas
três fases: a primeira, na década de
1960, conhecida por “arqueologia
das ciências humanas”, estabele-
ceu um estudo sobre as estruturas
das ciências humanas, em especial
da História e das Ciências Sociais.
Também da Filosofia, da Linguís-
tica e da Literatura. As principais
obras desse período arqueológico
são *As palavras e as coisas* (1966), e
Arqueologia do saber (1969); a segun-
da, a partir dos de 1970, na qual
preocupou-se com as formas de
subjetivação e poder. Ele criou aná-
lises filosóficas por meio do méto-
do genealógico. Nesse período os
livros que mais se destacam são *A
verdade e as formas jurídicas* (1973),
Vigiar e punir (1975), *Microfísica
do Poder* (1979) e *Vontade de saber*
(1973); a terceira analisa a vida se-
xual dos gregos antigos, com a fi-
nalidade de compreender a cultura
grega em o uso dos prazeres e de
descobrir o modo como a socieda-
de grega encarava a sexualidade.
O livro que se destaca nessa fase a
História da sexualidade (1976-2017): I
- *A vontade de saber* (1976); II - *O uso
dos prazeres* (1984); III - *O Cuidado de
Si* (1984) e IV - *Os prazeres da carne*
(que não chegou a ser concluído).

O período genealógico de Fou-
cault foi influenciado por seus anos
de clínica psicológica em manicô-
mios, prisões e pelo método genea-
lógico do filósofo, filólogo, crítico
cultural, poeta e compositor prus-



Foto: Oswaldo Jurno/Estadão Conteúdo

Filósofo Michel Foucault (1926-1984)

siano Friedrich Wilhelm Nietzsche
(1844-1900). A partir daquele am-
biente tenso e complexo e do mo-
delo de gestão da administração
pública, observa-se que o seu pen-
samento sugere que a humanidade
seria organizada em formas e em
momentos diferentes por interven-
ções dos poderes locais – conhecido
por “biopoder” – de modo a lidar
politicamente com elementos re-
lacionados à vida – conhecido por
“biopolítica” –, que se manifesta
através das práticas disciplinares e
tem como alvo o conjunto dos indi-
víduos. Por isso, deve-se atender as
necessidades e os desejos dos cida-
dãos. Diante disso, entende-se que
a “biopolítica” é a prática de biopo-
deres locais. Em ambos poderes, a
sociedade é tanto o foco como ins-
trumento em uma relação de poder.
No seu texto, Foucault ao comentar
sobre *A governamentalidade* (1978),
em *Microfísica do poder* (1979, pp.
277-293), afirma que: “Os instru-
mentos que o governo se dará para
obter esses fins que são, de algum
modo, imanentes ao campo da so-
ciedade, serão essencialmente a po-
pulação sobre o qual ele age”.

Os estudos de Foucault pro-
põem que o poder e a liberdade não

são incompatíveis. Também afirma
que a democracia não é uma forma
de governo em que cada um pode
fazer o que bem quiser, isto é, sem
vinculação com os outros. E é no
modo de se exercer o poder que se
deve buscar uma harmoniosa rela-
ção entre ética e política. Por causa
disso, a liberdade é autônoma, ou
seja, deve-se estabelecer a própria
lei e ser responsável por ela e pelo
seu cumprimento e resultados, por-
que sem responsabilidade não há
liberdade. Esse seu argumento res-
ponsabiliza que não se temo direito
de reclamar quando não há cora-
gem de reconhecer que também se
erra. Nessa perspectiva, a liberdade
existe enquanto se está em relação
de respeito com outras pessoas. E
só não há poder quando houver
violência, seja entre o professor e o
aluno, entre pais e filhos, entre go-
vernante e governado, entre patrão
e empregado, entre todos, indepen-
dente de sejam amigáveis ou con-
flituosas. O poder está presente em
todo lugar em que há relações hu-
manas e deve priorizar o cuidar do
outro com a finalidade de preservar
a dignidade humana na sua mais
expressiva liberdade e felicidade.

O poder só acontece entre pes-
soas livres e em que sempre é pos-
sível admitira desobediência. Por
causa disso, deve-se deixar de di-
zer que todos os males se devem
aos outros que não o obedece. Tam-
bém, evitar dizer que uns são só
bons e outros são maus. Percebe-se,
então, que não se deve lutar contra
o poder, e, sim, de compreendê-lo
e de mudar as suas relações em que
se está envolvido. Considerando
isso, é o jeito de exercer o poder
que vai determinar se suas relações
são eticamente corretas ou não, seja
nos relacionamentos, também nas
instituições públicas.

Sinta-se convidado à audição do
410º Domingo Sinfônico, deste dia
12, das 22h às 0h. Em João Pessoa-PB
sintoniza FM 105,5 ou acesse através
do aplicativo radiotabajara.pb.gov.
br. Irei homenagear o meu amigo, já
falecido, o ator, humorista e ex-dire-
tor de programação da Rádio Taba-
jara Cristovam Tadeu (1962-2017).

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Solidão

Havia um berço, um terço, uma rede, o
chocalho, um cubículo, o homem, sua fé, um
mané, uma moça velha na janela, um molho
de chaves e um morto-vivo. Meu Deus...

O Carlos (não o gauche) Homem-Aranha, o
Superman da canção de Gilberto Gil, e várias
gerações que acordam e anoitecem sozinhas,
sobreviventes de uma vida doce e amarga. Nós
somos sós. Não adianta querer viver de patotas,
porque a cidade tá cheia de idiotas, dores, chacotas,
amores perdidos, acenos, velórios, broxadas, muito
embora a estrada nunca é a mesma.

Uma pessoa que não consegue viver só, não
sabe o que está perdendo. Na minha casa,
na minha vida, mando brasa. Cá, moro eu, a
mulher e o menino. Quando eles saem e eu fico
só, estou de volta ao poema de Drummond, com
as perguntas zeradas que até um fantasma tem
algo a não dizer.

Pera. Eu adoro conversar, delirar, viajar,
adoro a família, meus amigos, mas sou do
tempo que o melhor lugar do mundo é a
casa da gente, um prato de arroz, cuscuz
com galinha capoeira na casa de Dr. Plínio e
Socorro Fontes, doce de leite cortado e cadeiras
na calçada – nada de reclamar da solidão.
Peraí, não é só isso que estou querendo falar.
Então, desembucha, K.

Uma pessoa que só quer viver grudada,
que reúne gente na quinta, sexta, sábado
e domingo, (*Áargah*, deve ser tri bem legal,
mas tô fora). Lá na Maranbaia, a varanda
tropical reunia os bacanas da vida toda, mas
fechou bem antes da pandemia. Era bom,
mas cansava, abusavam da estadia, cigarros,
gargalhadas bêbadas, muito xixi nos banheiros
e um “trem” de copos e pratos para lavar e
nem sei o que mais. Tá bem, deixa que eu tomo
conta da garrafa.

Solidão é bom, é só aprender a conviver.
Vive-se só, dorme se só, somos tão sozinhos que
inventamos de sair de casa para ir a um evento e
já queremos voltar. Solidão a dois deve ser foda,
né? Não aquela foda boa, sabe...

Tem gente que reclama que vive em solidão,
mas com a casa cheia, geladeira entupida,
Netflix e suas *prafrentexs* séries. Sim, é bom o
social, mas toda guerra é a mesma.

Eu pego um avião, vou acolá, quero voltar
– antes penso que não vou gostar, mas adoro,
embora é bom demais estar sozinho no quarto de
um hotel, sem ódio a Graham Bell. Tem um apê
em Copacabana, na varanda atlântica que é uma
beleza. Acordar e sair andando pelas ruas, falando
sozinho, cantando, dando bom dia a quem não
conheço. Puxa vida, o Rio é tão bonito!

Eu gosto da canção do Alceu Valença, que fala
da solidão que apavora, devora, mas é preciso
estar atento e forte. Gosto mais é da canção
'Esquados', de Adriana Calcanhotto, que fala de
uma pessoa que anda pelas ruas, num passeio
pelo escuro, mas presta muita atenção, no que
seu irmão ouve, como uma segunda pele. “Um
calo, uma casca, uma cápsula protetora, ai, eu
quero chegar antes pra sinalizar, o estar de cada
coisa, Filtrar seus graus”.

Solidão, que nada, se botar na cabeça é
pior, aí vira outra coisa, vai pro doutor que
passa rios de Rivos-Trio & Rivone, digo Ivone,
pelo telefone. Putz! Adeus, Mariana, que eu já
vou embora.

Kapetadas

- 1 - Ai a dona diz – “Amor nada como tatuagem
nova pra renovar a autoestima”. Tô fora.
- 2 - Eu me pergunto: “Por que sou assim? Pelo
menos umas duas vezes por dia”. Assim, komo?
- 3 - O som na caixa está dentro do texto.



Foto: Leo Aversa/Divulgação

Adriana Calcanhotto, compositora da canção 'Esquados'

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

O filme que é um brinde à Natureza

O verdadeiro cinema, assim o entendo, é aquele que aprecia fielmente a Natureza, na sua mais extensa significação. Uma natureza não somente na forma humana, no modo existencial de ser de cada pessoa, mas a verdadeira Natureza (com letra maiúscula), no que existe nela de mais belo e cênico. E citaria aqui o termo “cenográfico”, justo naquilo que é deveras imperativo das artes pictórica, teatral e cinematográfica, que é uma *mise-en-scène* jamais meramente virtual, mas real em *scénographie*.

E se alguém me perguntasse o porquê do termo “natureza”, sobre o que realmente admiro na vida e no cinema, responderia de imediato e sem medo de errar: no caso do comportamento humano, nobreza de caráter – mesmo sabendo que, diferentemente do cinema e das artes, uma *mise-en-scène* de natureza pessoal nem sempre é fidedigna, sendo mero fingimento –, na obra de arte, as bem construídas encenações em imagens cenográficas naturais, como narrativa no contar de uma história.

Todo esse alinhavado acima, afirmo ser para justificar as preferências que tenho sobre cinema. Arte que admiro na sua forma estética, imagética; também, na fidelidade de um bom argumento como discurso narrativo.

Toscana, filme que reví esta semana na Netflix, uma produção de 2022 lançada em maio do ano passado, me traz uma convenção a tudo que apreciei acima. E o que mais me empolga na obra do diretor Mehdi Avaz não é a trama envolvendo personagens, que chega a ser trivial, mas a região em que foram



Foto: Divulgação

Em ‘Toscana’, Christina Dell’Anna (E) é Sophie e Anders Matthesen (D) vive o Theo

feitas as cenas do filme. Um dos locais mais belos da Toscana, em um castelo fora de Florença, na Itália. O filme é uma verdadeira ode à natureza cênica do lugar e à gastronomia, onde não poderia faltar um tributo ao “Deus do Vinho”. E, discussões à parte, se seria Baco ou Dionísio o real guardião de tão valerosa bebida; sobretudo, o *rouge*, um de meus hábitos cotidianos...

Há quem afirme que o filme é simplesmente uma boa opção a se assistir. Vou mais além. É um colírio aos olhos daqueles que admiram a Natureza no melhor de sua estética “vegetalista”. Quanto ao existencial dos personagens, a narrativa foca diretamente, segundo o *script*, na figura de Theo (Anders Matthesen). Um renomado chef de cozinha, proprietário de restaurante na Dinamarca que vai à Toscana, após o falecimento de seu pai, para assumir a herança de um antigo castelo, atualmente um restaurante para turistas. É lá onde fi-

caram suas raízes e memórias infantis, inclusive a Sophie (Christina Dell’Anna), sua paixão de adolescente. Ainda ressentido com o seu pai, por questões de abandono da família, pretende vender tudo e voltar à Dinamarca.

Moral da história: prevalece as quimeras afetivas, fazendo com que Theo fique definitivo na Toscana, assumindo o restaurante que ali existe desde os tempos de seu genitor.

Finalmente, gostaria de fechar minhas reflexões sobre o filme *Toscana*, levando em conta o que afirmou uma certa especialista em vidas humanas: “Theo foi revendo fantasias e memórias afetivas, reiniciando laço amoroso com a Sophie, reconciliando as representações simbólicas do próprio pai com sua história infantil...”. Cenicamente é um belo filme, mesmo de história trivial sobre família, carece ser assistido. – Mais “Coisa de Cinema”, acesse o blog: www.alexssantos.com.br.



APC homenageia a mulher no cinema

Academia Paraibana de Cinema e o Curso de Comunicação da Universidade Federal da Paraíba, na sessão da última quinta-feira (dia 9), às 17h, no Cine Aruanda da UFPB, homenagearam a mulher paraibana no cinema, um dia após o 8 de março. O filme exibido foi *Romão práqui, Romão prá acolá*, de Vânia Perazzo, diretora de outros singulares trabalhos. As sessões no Aruanda são uma maneira de aproximar os alunos universitários do nosso cinema, segundo informou o professor João de Lima, vice-presidente da APC. Vânia Perazzo, considerada “pioneira entre as mulheres diretoras”, é também uma das fundadoras da Academia Paraibana de Cinema, ocupando a cadeira 35, que tem como patrona a atriz Margarida Cardoso.

EM cartaz

ESTREIAS

PÂNICO 6 (Scream 6. EUA. Dir: Tyler Gillett e Matt Bettinelli-Olpin. Terror. 16 anos). Os quatro sobreviventes do massacre realizado pelo Ghostface, decidem deixar Woodsboro para trás em busca de um novo começo em Nova York. Mas não demora muito para eles se tornarem alvo de um novo serial killer. CENTERTPLEX MAG 4: 18h30 (dub.) - 21h15 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 2 (dub.): 16h (exceto qua.) - 18h45 (exceto qua.) - 21h30 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 4 (leg.): 15h30 - 18h15 (exceto qua.) - 21h (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 6 (3D): 13h45 (dub.) - 16h30 (leg.) - 19h15 (dub.) - 22h (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 7 (dub.): 14h45 - 17h30 - 20h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 1 (dub., 3D): 13h45 - 16h30 - 19h15 - 22h; CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 14h45 - 17h30 - 20h15; CINE SERCLA TAMBIA 3 (dub.): 19h; CINE SERCLA TAMBIA 6 (dub.): 16h05 - 18h30 (3D) - 20h40; CINE SERCLA PARTAGE 2 (dub.): 16h05 - 18h30 (3D) - 20h40; CINE SERCLA PARTAGE 3 (leg.): 21h; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 18h30.

65 - AMEAÇA PRÉ-HISTÓRICA (65. EUA. Dir: Scott Beck e Bryan Woods. Ficção científica. 12 anos). Após um catastrófico acidente o levar à uma queda em um planeta desconhecido, o piloto Mills (Adam Driver) rapidamente descobre que ele está preso na Terra... 65 milhões de anos atrás. CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (leg.): 17h45 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 8: 15h (dub.) - 17h15 (19h15 - 22h); CINÉPOLIS MANGABEIRA 5 (dub.): 17h45 (leg.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 3 (dub.): 13h40 (exceto seg. e ter.) - 16h (exceto seg. e ter.) - 18h15 (exceto seg. a qua.) - 20h30 (exceto seg. a qua.); CINE SERCLA TAMBIA 1 (dub.): 16h0 - 18h40 - 20h30; CINE SERCLA PARTAGE 4 (dub.): 16h0 - 18h40 - 20h30.

CONTINUAÇÃO

ABALEIA (The Whale. EUA. Dir: Darren Aronofsky. Drama. 16 anos). Um professor de inglês recluso (Brendan Fraser) que vive com obesidade severa tenta se reconectar com sua distante filha adolescente para uma última chance de redenção. CENTERTPLEX MAG 2 (leg.): 15h30 18h30 21h; CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP (leg.): 15h20 - 18h - 20h45; CINE SERCLA PARTAGE 3 (dub.): 18h45.

CREED 3 (EUA. Dir: Michael B. Jordan. Drama. 12 anos). Depois de dominar o mundo do boxe, Adonis Creed (Michael B. Jordan) vem prosperando tanto na carreira quanto na vida familiar. Quando um amigo de infância e ex-prodígio do boxe, Damian (Jonathan Majors), ressurge depois de cumprir uma longa sentença na pri-

são, ele está ansioso para provar que merece sua chance no ringue. CENTERTPLEX MAG 1: 16h15 (dub.) - 18h50 (dub.) - 21h30 (leg.); CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 20h (exceto qua.); CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP (leg.): 14h - 16h45 (exceto qua.) - 19h20 (exceto qua.) - 21h50 (exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 16h15 (exceto qua.) - 19h (exceto qua.) - 21h45 (exceto qua.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 18h35 - 20h50; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 18h35 - 20h50.

DESAPARECIDA (Missing. EUA. Dir: Nicholas D. Johnson e Will Merrick. Suspense. 14 anos). Quando sua mãe Grace (Nia Long) desaparece enquanto estava de férias na Colômbia com seu novo namorado, a busca de June (Storm Reid) por respostas é prejudicada pela burocracia internacional. Embora os agentes Park (Daniel Henney) e Heather (Amy Landecker) assegurem à filha perturbada que estão fazendo tudo ao seu alcance, Grace continua desaparecida. CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 21h15 (exceto seg. e qua.); CINE SERCLA TAMBIA 4 (dub.): 16h25; CINE SERCLA PARTAGE 5 (dub.): 14h.

GATO DE BOTAS 2: O ÚLTIMO PEDIDO (Puss in Boots: The Last Wish. EUA. Dir: Tom Wheeler. Animação. Livre). O Gato de Botas descobre que sua paixão pela aventura cobrou seu preço: por conta de seu gosto pelo perigo e pelo desrespeito à segurança pessoal, ele queimou oito de suas nove vidas. Com apenas a restante, ele precisa encontrar a mítica Estrela dos Desejos, capaz de restaurar suas vidas. CENTERTPLEX MAG 4 (dub.): 16h; CINÉPOLIS MANAÍRA 1 (dub.): 15h15; CINÉPOLIS MANGABEIRA 4 (dub.): 14h; CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 15h30; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 15h30.

HOMEM-FORMIGA E A VESPA: QUANTUMANIA (Ant-Man and The Wasp: Quantumania. EUA. Dir: Peyton Reed. Aventura. Livre). O Homem-Formiga (Paul Rudd) e a Vespa (Evangeline Lilly) lutam contra Kang, o Conquistador (Jonathan Majors), no reino quântico. CENTERTPLEX MAG 3: 18h (leg.) - 20h45 (dub.); CINÉPOLIS MANAÍRA 3: 13h30 (dub.) - 16h15 (dub., exceto qua.) - 19h (dub., exceto qua.) 21h45 (leg., exceto qua.); CINÉPOLIS MANGABEIRA 2 (dub.): 15h45 (exceto seg. e qua.) - 18h30 (exceto seg. e qua.); CINE SERCLA TAMBIA 5 (dub.): 17h30 - 20h; CINE SERCLA PARTAGE 1 (dub.): 11h7h30 - 20h.

AS MÚMIAS E O ANEL PERDIDO (Moomios. Espanha e EUA. Dir: Juan Jesus Garcia Galocha. Animação. Livre). Três múmias egípcias que acidentalmente entram no mundo moderno. CENTERTPLEX MAG 3 (dub.): 15h45.

CINE BANGÜÊ (JP) - MARÇO

ANDANÇA (Brasil. Dir: Pedro Bronz. Documentário. Livre). Filme aborda a vida e obra de Beth Carvalho. CINE BANGÜÊ: 12/3 - 18h; 16/3 - 18h30; 18/3 - 19h; 22/3 - 19h.

ABOAMÃE (Bonne mère. França. Dir: Hafsia Herzi. Drama. 14 anos). Depois de seu filho ser preso, a cuidadora da casa faz de tudo para ajudá-lo. CINE BANGÜÊ: 14/3 - 18h30; 18/3 - 17h; 20/3 - 18h30.

CORSAGE (Áustria, Luxemburgo, Alemanha e França. Dir: Marie Kreutzer. Drama. 16 anos). Cruzada da Imperatriz Elizabeth da Áustria para manter sua imagem. CINE BANGÜÊ: 13/3 - 18h30; 15/3 - 20h30; 20/3 - 20h30; 23/3 - 18h30; 29/3 - 18h30.

MATO SECO EM CHAMAS (Brasil. Dir: Joana Pimenta e Adirley Queirós. Documentário. 14 anos). A história das Gasolinas de Kebradas, tal como ecoa pelas paredes da Colméia, a Prisão Feminina de Brasília (DF). CINE BANGÜÊ: 19/3 - 18h; 21/3 - 19h30; 26/3 - 18h; 28/3 - 19h30.

MI IUBITA, MEU AMOR (Mi iubita, Mon Amour. França. Dir: Noémie Merlant. Drama. 14 anos). Jeanne vai comemorar sua despedida de solteira na Romênia. Lá, ela conhece Nino, sendo o início de um verão apaixonado e atemporal. CINE BANGÜÊ: 21/3 - 17h30; 28/3 - 17h30; 30/3 - 20h30.

MEDUSA (Brasil. Dir: Anita Rocha da Silveira. Terror. 14 anos). Uma gangue de mulheres fazem o melhor que podem para controlar tudo ao seu redor. CINE BANGÜÊ: 16/3 - 20h30; 19/3 - 16h; 23/3 - 20h30; 27/3 - 20h30; 30/3 - 18h30.

PERLIMPS (Brasil. Dir: Alé Abreu. Animação. Livre). A jornada de aventura de Claé e Bruô, agentes secretos de reinos rivais. CINE BANGÜÊ: 12/3 - 16h; 18/3 - 15h; 25/3 - 15h; 26/3 - 16h.

REGRA 34 (Brasil. Dir: Júlia Murat. Drama. 18 anos). Uma jovem defensora pública auxilia mulheres em casos de abuso. No entanto, seus próprios interesses sexuais a levam a um mundo de violência. CINE BANGÜÊ: 13/3 - 20h30; 15/3 - 18h30; 25/3 - 17h; 29/3 - 20h30.

SHORTBUS (EUA. Dir: John C. Mitchell. Drama e Comédia. 18 anos). Jovens de Nova York se desafiam emocionalmente pelas interseções entre amor e sexo. CINE BANGÜÊ: 14/3 - 20h30; 25/3 - 19h; 27/3 - 18h30.

Letra Lúdica

Hildeberto Barbosa Filho

hildebertopoesia@gmail.com

Poema e circunstância

Todo poema é de circunstância, dizia Goethe. Não importa se esta circunstância envolva sentimentos individuais, assuntos coletivos, fatos quaisquer do cotidiano, lembranças, perspectivas, tragédias, espetáculos etc.

Até mesmo as armadilhas e os quebra-cabeças do experimentalismo vocabular podem constituir a circunstância para o cometimento de um poema. As palavras se prestam a tudo!

Sem dúvida, o gênio alemão tem toda razão, e seu pensamento me parece incontestável. E o fato de o poema ser circunstancial em nada o diminui.

Só que não é somente a circunstância que faz o poema. Óbvio, todos os ingredientes possíveis da vida e suas circunstâncias, do “eu e minhas circunstância”, para a frase de lembrar Ortega Y. Gasset, habitam a casa do poema, em todos os seus cômodos e mobília. Sobre tudo se a luz incandescente da poesia macula a diversa matéria de que são feitos.

Penso na poesia que palpita, por exemplo, solerte e escondida, no silêncio da sala, na ausência que se senta na cadeira de balanço, naquele retrato em sépia de meu velho avô, que se foi não sei para onde, na sombra do abacateiro do quintal, na paz e na guerra que os livros exercitam enfileirados nas estantes em meio à solidão da biblioteca.

Certa feita escrevi um poema (está lá no *Exílio dos dias*), como se fosse uma casa, com seus arredores e interiores, seus corredores e cubículos, seus alpendres, pilares, assoalho e cancelas. Casa em que o repasto do vazio e a verdade da beleza, fundidos ao sortilégio da recordação, cadenciava os passos solenes de cada verso e a edificação plural de cada estrofe.

Dizia, sim, não é só a circunstância que faz o poema, mesmo que todo poema seja circunstancial, como o autor do *Fausto* reconhece. Com discernimento e sabedoria.

É preciso que a emoção subjetiva que o sustém, com todo o seu *páthos*, força, realidade e implicações, se converta em emoção estética, isto é, numa experiência que ultrapasse as fronteiras da singularidade e alcance conotações universais.

Para tanto, creio que seja indispensável sondar as virtualidades da linguagem, procurando juntar as palavras a partir de uma lógica que transgrida os reduzidos caminhos da razão. Dito de outra forma, transfigurar...

Quando Dante escreve sobre o inferno; quando Baudelaire escreve sobre o albatroz; quando Blake escreve sobre o tigre; quando Pessoa escreve sobre Lisboa; quando Rilke escreve sobre a pantera; quando Borges escreve sobre os labirintos; quando Bandeira escreve sobre o beco, a glória, a estrela; Drummond, sobre o retrato na parede, Augusto, sobre o tamarindo, e Jorge e Lima, sobre a garupa da vaca, que “era palustre e bela”, estão simplesmente transfigurando... Transformando a coisa real de fora em coisa estética de dentro.

Quero crer que transfigurar seja algo mais que representar. As palavras, ali, não cumprem apenas o papel de evocar as coisas, os fenômenos, as circunstâncias. Tocam diretamente na sua alma, na essência misteriosa de que são forjados em sua realidade ontológica e singular.

As palavras, ali, não servem apenas para nomear as coisas. São como que as próprias coisas, em sua unicidade, em sua linguagem primordial e intransferível. Talvez por isto, E. E. Cummings considerasse o poema como aquilo “que não pode ser traduzir”. O que é dito ali, só ali é dito. Na forma e no conteúdo. Circunstância irrepetível: do verbo e da vida.



Foto: Pixabay

Dizia o escritor alemão Goethe: Todo poema é de circunstância

Colunista colaborador

MÚSICA

Projeto apresenta *hits* do Pink Floyd

Hoje, em João Pessoa, apresentação ‘Coming Back to Life’ é baseada no rock progressivo da banda inglesa

Da Redação

Os acordes do rock progressivo do Pink Floyd aliado à tecnologia tridimensional. O projeto Atom Pink Floyd promove o espetáculo *Coming Back to Life Tour 2023*, um show inédito com projeções artísticas em 3D, que acontecerá hoje, no Teatro A Pedra do Reino, na capital paraibana, a partir das 19h. As entradas estão sendo vendidas através do site Ingresso Digital (www.ingressodigital.com), com os valores que variam entre R\$ 200 e R\$ 60.

“Tudo foi pensado para que o show fosse uma verdadeira e inesquecível homenagem”, conta o vocalista e guitarrista Helinho Guimarães, um dos nove músicos que estarão no palco. “Com um repertório que homenageia toda a carreira da banda, um cuidado extremo com a parte musical aliada a uma parte audiovisual bastante elaborada, proporcionando uma experiência única para os fãs”, conta ele, que assina a produção executiva do show.

O show passa por todas as fases da banda britânica, desde as experimentações psicodélicas dos anos de 1960, passando pelo brilho megalomaniaco dos álbuns *The Dark Side of The Moon*, *Wish You Were Here*, *Animals* e *The Wall*, até a fase pós-Roger Water.

Sobre a banda Atom

Os músicos à frente do projeto dividem a paixão pela banda Pink Floyd. Juntos desde 2012, com algumas mudanças na formação, o grupo é formado por Helinho Guimarães (vocal, violão, guitarra); Rufino Silvério (vocal, teclados, *synth*); Paulo Victor (bateria); Renato Valente (baixo); Mariana Roque, Thaís Coimbra e Raquel Carneiro (*backing vocal*).

Para se atingir a maior semelhança à sonoridade original, a banda conta com alguns equipamentos produzidos especialmente pelo inglês Pete Cornish, conhecido pela longa parceria na produção de diversos equipamentos e instrumentos para os membros do Pink Floyd ao longo da carreira.

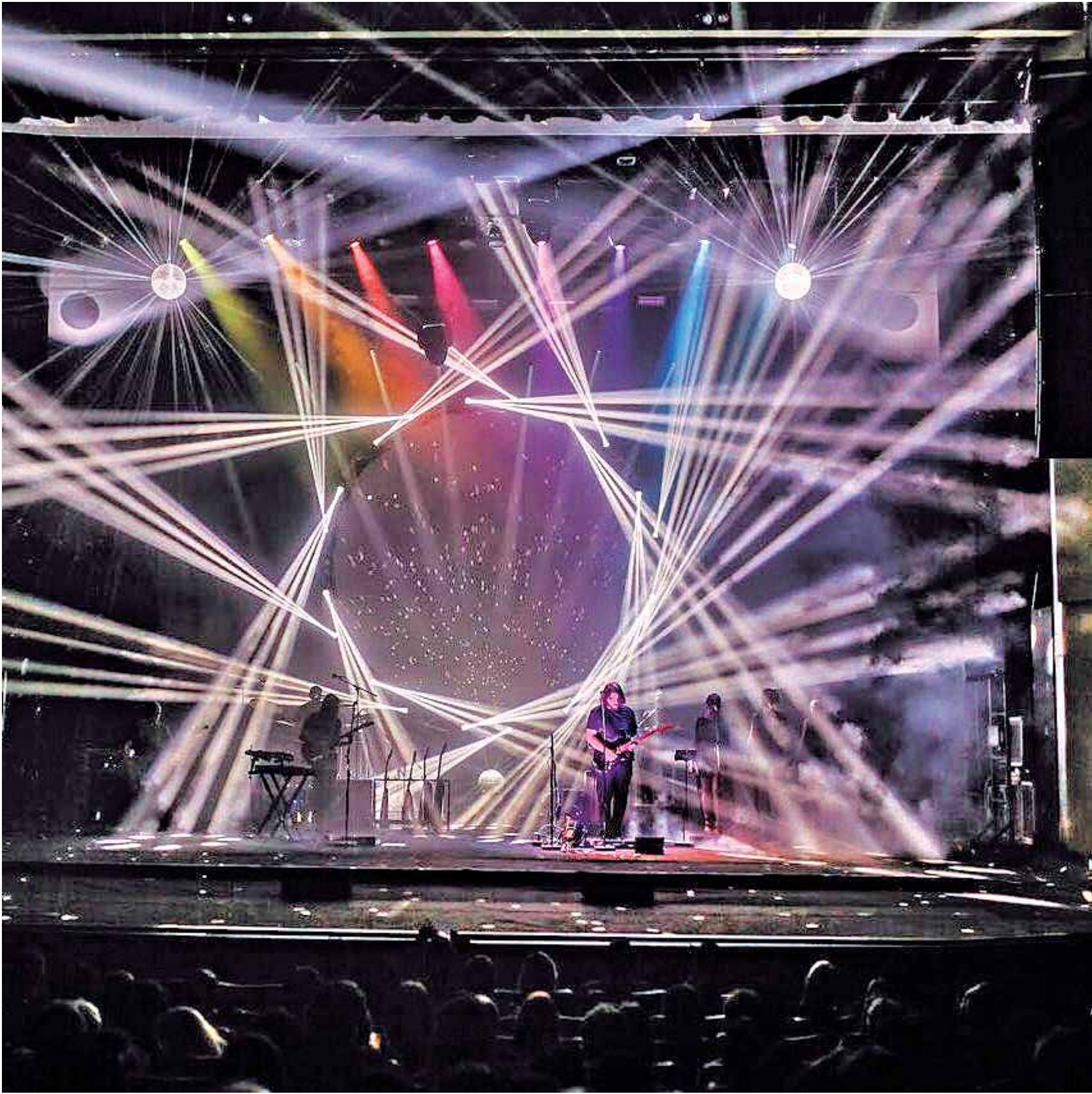


Foto: Flávio Charchar/Divulgação

Show inédito da iniciativa brasileira terá várias projeções artísticas em 3D no Teatro A Pedra do Reino e vários sucessos da banda Pink Floyd

“

Um cuidado extremo com a parte musical aliada a uma parte audiovisual bastante elaborada

Helinho Guimarães

“Bandas como Pink Floyd, Queen, Beatles e Led Zepellin surgiram na época em momento único que permitiu essa existência e o crescimento delas. Depois disso, deixaram um certo vácuo porque nunca mais apareceu nada igual. O público que gosta delas, não tem nada parecido hoje, e, por isso, se mantém fiel ao que aconteceu lá atrás, é uma memória afetiva muito grande e forte que não teve renovação desse tipo. Por isso sempre vai ser um grande sucesso”, explica Helinho Guimarães.



Através do QR Code acima, acesse o site Ingresso Digital para as entradas

Show traz repertório do Pink Floyd ao piano

Do pomposo ao intimista. No mesmo dia da apresentação do projeto Atom Pink Floyd com o espetáculo *Coming Back to Life Tour 2023*, o pianista curitibano Bruno Hrabovsky traz um especial dedicado à famosa banda inglesa, passando por toda história do grupo de rock progressivo, em releituras feitas em ordem cronológica exclusivamente com o piano.

O músico se apresenta hoje, a partir das 19h, na Sala de Concertos Maestro José Siqueira, no Espaço Cultural José Lins do Rego, na capital paraibana. Os ingressos custam R\$ 60 (inteira) e R\$ 30 (meia) para o 2º lote, podendo ser adquiridos pela plataforma Sympla.

Será segunda vez que Bruno Hrabovsky se apresenta em João Pessoa e agora, o pianista traz um espetáculo narrando toda trajetória da banda, contextualizando todas as músicas. O concerto chega no mês em que o lendário *The Dark Side of the Moon* completa 50 anos. Considerado uma das obras-primas do rock mundial, o álbum foi lançado em 1º de março de 1973.

O repertório traz as seguintes músicas: ‘Bike (The Piper at the Gates of Dawn)’; ‘Corporal Clegg (A Saucerful of Secrets)’; ‘Green is the colour (More)’; ‘The Narrow Way pt. 3 (Ummagumma)’; ‘Summer ‘68 (Atom Heart Mother)’; ‘Fearless (Meddle)’; ‘Stay (Obscured by Clouds)’;

‘Breathe (The Dark Side of the Moon)’; ‘Shine on You Crazy Diamond pt. 1 (Wish you were here)’; versão reduzida; ‘Dogs (Animals)’; versão reduzida; ‘In the Flesh (The Wall)’; ‘The Fletcher Memorial Home (The Final Cut)’; ‘Learning to fly (A momentary lapse of reason)’; ‘High Hopes (The Division Bell)’ e ‘Louder than words (The Endless River)’.

Bruno Hrabovsky estuda piano erudito desde os 6 anos

de idade. Em 2013, após graduar-se em Geologia pela Universidade Federal do Paraná, decidiu apostar em seu projeto de releituras e, devido ao sucesso dos primeiros shows, passou a se dedicar exclusivamente à música desde então. *Rock ao Piano* e seus subprojetos ganharam a estrada em 2014, atualmente já tendo passado por 94 cidades de 11 estados do país, além de um show realizado na Nova Zelândia.



Através do QR Code acima, acesse o site do Sympla para comprar os ingressos

Foto: Daniel Castellano/Divulgação



Curitibano Bruno Hrabovsky tocará releituras feitas em ordem cronológica exclusivamente com o piano

PLANO DIRETOR

Vereadores se dedicam a estudar a mobilidade

Processo de deslocamento dos cidadãos é o grande problema a resolver

Pettronio Torres
pettroniotorres@yahoo.com.br

Na próxima terça-feira, dia 14, completa uma semana que os vereadores de João Pessoa, através de uma Comissão Multidisciplinar, se debruçam sob o esboço do que será o novo Plano Diretor da capital paraibana. Um dos pontos nevralgicos desta peça, que delineará a cidade pelos próximos 10 anos, é a mobilidade urbana. Dos nove itens primordiais elencados no documento, elaborado pelo arquiteto Gustavo Taniguchi, e remetido no final do ano passado à Casa Napoleão Laureano, chama a atenção como se dará o deslocamento do cidadão pessoense na futura década. Seja ele feito à pé ou através de qualquer meio de transporte. O tema com suas conclusões e obras, que ainda promete arrancar debates na Câmara Municipal, serão antecipados, em parte, nesta edição de hoje de **A União**.

O novo plano diretor da capital paraibana está finalizado e pronto para ser votado pelos 27 vereadores que compõem a Câmara Municipal de João Pessoa. Ele foi entregue pelos técnicos e secretários da Prefeitura Municipal que passaram quase dois anos estudando as mudanças e adequações e os respectivos impactos que a cidade sofrerá, após sua aprovação e início das intervenções. No entanto, uma Comissão Multidisciplinar foi criada para debater possíveis modificações no que foi apresentada pelo Consórcio contratado pela prefeitura da capital.

Dentro destas possibilidades de mudanças, a mobilidade urbana continua sendo um dos grandes desafios para a humanidade que vive em grandes centros. Em João Pessoa, essa dificuldade e soluções se fizeram presentes no novo Plano Diretor. A construção de novos viadutos, pontes, binários, elevados, novas vias, será um teste de readequar a cidade e o jeito de se locomover do cidadão e o plano diretor busca colocar ordem na casa, ou melhor nas ruas.

São muitas as ideias e opções para tentar diminuir este problema de mobilidade da capital paraibana, que cresce em ritmo acelerado. João Pessoa passa por essa dificuldade já faz algum tempo e para piorar, o problema só se agrava. Mesmo com criação de vias alternativas como as ciclovias, a mobilidade ainda é motivo de estresse para os pessoenses, principalmente na hora de voltar para casa, os chamados horários de pico, quando há uma grande quantidade de veículos circulando nos mesmos sentidos e rotas disponibilizadas.

Décadas atrás, os engarrafamentos se resumiam no centro da cidade, na Epitácio Pessoa e outros poucos corredores. Pois bem, hoje, a

problemática da mobilidade urbana chegou aos bairros afastados do Centro, denominados de periféricos.

Ainda no quesito mobilidade urbana existem ações para quase todos os pontos considerados importantes e estratégicos de João Pessoa. No Altiplano, há um projeto para a subida do bairro. Uma obra grande, que supera a casa dos R\$ 100 milhões. O valor justifica-se porque será necessário fazer grandes intervenções, como alças, rebaixar vias, colocar mais outras quatro vias, além das existentes, e fazer desapropriações e sem esquecer os devidos cuidados e a proteção do

meio ambiente, leia-se Rio do Cabelo.

Outra ideia para melhorar a mobilidade é que seja obrigatória que todas as ruas da capital a serem pavimentadas tenham as suas calçadas padronizadas com os parâmetros de acessibilidade.

Ainda neste quesito, o Consórcio responsável dividiu a Mobilidade Urbana em três eixos: urbana, rural e regional. Isso servirá, segundo Gustavo Taniguchi, para análise do sistema viário, das áreas atendidas e não atendidas pelo transporte público, da infraestrutura viária, das condições de acessibilidade universal, das ciclovias e ci-

clofaixas, da acessibilidade ao centro da cidade, dos centros de bairro e dos equipamentos públicos.

O presidente da Comissão, vereador Damásio Franca (Progressitas) confirmou que a equipe se debruçara mais sobre a temática da mobilidade na segunda audiência que debate o novo Plano Diretor.

“São mais de 200 páginas que vamos se debruçar sobre este tema. Sem dúvida nenhuma é um dos pontos mais importantes deste novo documento que queremos aprovar até o final do mês de maio e apresentá-lo a população da capital paraibana”, ressaltou Damásio Franca.

Vereador diz que Plano Diretor não contempla transporte público

Para o vereador de oposição e membro da Comissão Multidisciplinar, Marcos Henriques (PT), o novo Plano Diretor proposto pela Prefeitura Municipal de João Pessoa pouco contempla mudanças na mobilidade urbana na capital. Ele cita como exemplo o transporte público e de qualidade.

“O próprio Tribunal de Contas do Estado emitiu um alerta. Esse Plano Diretor não contempla mobilidade e transporte público. Ele é inconsistente e está ultrapassado. Estou ao lado da Universidade Federal da Paraíba tentando ajustá-lo as reais necessidades da população pessoense”, disse o vereador.

O petista citou o PAC II do governo da ex-presidente da República Dilma Houssef e lembrou algumas intervenções que deixaram de ser feitas. O vereador ressaltou que foram liberados R\$ 83 milhões para construção do sistema de Veículos Leves sob Trilhos (VLT) e nada foi feito.

“Hoje o que temos aqui é um sistema de transporte deteriorado. Falava-se em ônibus cinco estrelas com *wi-fi* e ar-condicionado. Na realidade temos é veículos sucateados transportando os pessoenses, com péssima qualidade no serviço que presta fora dos padrões de consumo e ainda pagando um preço

muito caro e o Consórcio nada apresentou para mudar esta triste realidade. O Plano Diretor não apresentou soluções para as nossas demandas nesta área”, justificou o vereador.

Em maio do ano passado, a Câmara Municipal de João Pessoa aprovou o Plano de Mobilidade Urbana da capital paraibana. A matéria de autoria do Executivo foi aprovada com apenas um voto contrário, justamente do vereador Marcos Henriques (PT), que pediu para adiar a votação da pauta para que houvesse maior debate junto à sociedade. O pedido de adiamento foi rejeitado em plenário.

Propostas

Principais eixos da mobilidade do PD

- Ligar a subida do Altiplano até a Hilton Souto Maior
- Ligar as Três Ruas dos Bancários com o anel da Cidade Universitária
- Duplicação do anel e da ligação com o bairro Altiplano, nas imediações do Hospital Universitário, também com a duplicação das vias
- Requalificar a extensão do Rio Jaguaribe da sua nascente até a Avenida Rui Carneiro, com a criação de acessos e saneamento básico
- Interligação de Manaíra com o Bessa, Aeroclube e a BR-230
- Requalificação da BR-230 com duplicações de vias próximas
- Interligação da Avenida Ranieri Mazzili com as vias próximas ao Centro Administrativo Municipal
- Ampliação do escoamento para o Valentiná e adjacências com a interligação Cristo-Água Fria
- Construção de um viaduto na entrada do Bairro das Industrias, na BR-101

Toca do Leão

Fábio Mozart
mozartpe@gmail.com / Colaborador

Ainda sobre Bacurau

Em uma noite de outubro de 2019, fui ver Bacurau, o filme mais badalado daquele momento, com o compadre velho Jacinto Moreno, caboclo se dizente entendedor da arte cinematográfica, ele mesmo produtor de mais de dez vídeos de ficção. Na longa fila no Cine Banguê do Espaço Cultural José Lins do Rego, noventa por cento de jovens descolados. Raros coroas do tope do velho Mozart e do videasta Jacinto. Sem bronca, furamos a fila, eu amparado na bengala, Moreno na lei da prioridade para os “pezinhos no sepulcro”. Não frequento sala de cinema há um século. O som é muito alto. Ruído tão intenso que seus ouvidos deixam escapar palavras soltas nos diálogos. Deficientes auditivos se sentiriam confortáveis.

O filme começa com os créditos. Informa que Bacurau foi o primeiro no júri popular em um determinado festival. Jacinto Moreno soltou sua primeira avaliação: “júri popular não representa nada, o povo não entende de cinema”. Mais ou menos na mesma linha do raciocínio que garante que o povo não sabe votar, por isso vota em cavalos, papagaios, gambás e outras animálias. O próprio Moreno, eleitor do jegue militar, não bota a carapuça na cabecinha nem que a vaca tussa e o burro relinche em inglês. Mas, vamos ao filme. Eu gostei, com restrições. Um troço realmente audacioso como obra de arte. Mistura tradições culturais nordestinas com modernidades. A violência campeia, nos moldes de “Django Livre”. O figurino, confesso que não entendi sua proposta, como de resto não alcancei a maioria dos signos e alegorias da trama. Os modelitos da população de Bacurau estão mais pra galera esportiva e descolada dos grandes centros. Nada a ver com o que veste o povaréu de um lugarejo perdido nos sertões nordestinos. Essa e outras inadequações à realidade deve fazer parte da mensagem além do conflito opressor e oprimido, evidente até pela trilha sonora com canções de Geraldo Vandré.

Na conversa com Jacinto após a exibição, teve confissão mútua de que não captamos uma parte do conflito: por que uma organização criminosa nazista americana iria empregar tantos recursos para eliminar a população de uma vila perdida nos confins do Nordeste do Brasil? As referências lógicas a gente captou, que ninguém é assim tão jerico. No enterro de uma vítima, a galera fazia a chamada dos mortos, citando Marielle Franco e outras figuras recentes tragadas pelo terremoto miliciano e pelo esquema geral da direita. As cabeças dos invasores expostas na calçada é uma alusão clara ao massacre dos cabras de Lampião. A união de marginalizados com “gente do bem” contra o inimigo comum foi mensagem claramente comunicada. O político tradicional foi exemplarmente punido, como manda o figurino um tanto equivocadamente da própria direitona que assumiu o país nos últimos anos.

Nossos atores paraibanos tiveram poucas falas, mas foram bem. Meu compadre Buda Lira morre no fim, metralhado por um casal de bandidos americanos. Os pistoleiros alcançaram a pé o carro dirigido pela personagem de Buda em plena noite escura, guiados pelo GPS da inverossimilhança. Depois relaxaram com uma bela trepada, devidamente registrada pelo comandante nazista da operação em seu drone disco voador. Pornô cibernético hodierno. Enfim, são tantas as subjetividades que meu olhar fica assim em enquadramento “fora de campo”. É um filme que você sente necessidade de ver de novo. Como arte cinematográfica, achei acima da média. Em plano geral, Bacurau correspondeu às minhas expectativas. O compadre Jacinto Moreno garante que faria coisa melhor se tivesse os recursos financeiros disponibilizados para a produção de Bacurau. Eu dei a ideia: cinematografar um épico gospel fantasmagórico e delirante estilo Irmã Damares e tentar verba na nova agência de cinema com a marca de “Deus acima de tudo”. O velho Moreno fingiu que não entendeu a ironia e fomos tomar sopa de tomate.

Redação e engenharia se encontram para a construção da crônica da cidade

Necessidade de trabalhar para ajudar o pai, os primeiros passos na revisão do Correio da Paraíba, a história de um menino que pediu pão e virou notícia são detalhes da passagem desse pessoense que não esquece de suas raízes no bairro de Jaguaribe

Luiz Carlos Sousa
lucjcp@gmail.com

Carlos Pereira de Carvalho é engenheiro por profissão e coronista por opção. Dividiu-se sempre entre os cálculos e a construção de histórias. Começou nos jornais pela revisão e foi se “enxerindo” como conta, substituindo colegas, escrevendo colunas até que chegou o dia do grande teste: escrever uma reportagem sobre um menino que chegara à redação do Correio da Paraíba dizendo que estava com fome. O secretário de Redação, Eurípedes Gadelha, determinou que Carlos fizesse uma reportagem. No dia seguinte, o menino que queria “um pão ou morrer porque no céu não faltava comida” garantiu chamada na primeira página e o estudante de engenharia foi promovido e até hoje brinda os leitores com suas crônicas.

Entrevista

■ Como começou a sua história com A União?

Eu diria o seguinte: A União é um complemento de uma vida dedicada ao jornalismo e à engenharia. Duas profissões que, em princípio, não se casam, mas, no meu caso, se deram muito bem, porque eu trabalhei em O Norte com você, no Correio da Paraíba com você e agora, como colaborador de A União, encontro você, que para mim é uma satisfação. Há mais ou menos 12 anos, eu estou completando 12 anos como superintendente do DER, trabalhei oito anos no governo Ricardo Coutinho e estou completando o quarto ano do governo João Azevêdo e fui convidado para escrever alguma coisa uma vez por semana. E desde então eu tenho cumprido essa tarefa com muita satisfação.

■ Sempre com uma crônica?

Uma crônica semanal publicada aos sábados. Eu tenho a grande companhia de Gonzaga Rodrigues, só que Gonzaga duas vezes por semana, eu uma vez por semana. Sempre como tentativa de ser um cronista. Tentativa, porque crônica, todo mundo diz, é muito fácil de fazer. Qualquer pessoa pode ser cronista. Eu não me considero um cronista, me considero um aprendiz da crônica.

■ E ainda bem que você tem o mestre Gonzaga no mesmo dia?

É o maior cronista da província e um dos maiores do Brasil. Eu sempre gostei de ler os grandes cronistas, os sábios da crônica: Paulo Mendes Campos, Rubem Braga, Fernando Sabino, Zé Carlos Oliveira, Stanislaw Ponte Preta. São os ícones da literatura, assim como Clarice Lispector. Achava que um dia qualquer eu poderia ingressar, não nessa galeria de luxo, mas pelo menos ser um cronista provinciano. Comecei e gostei. E todas as semanas eu escrevo uma crônica para A União. É a minha história de cronista.

■ Mas você sempre foi jornalista?

Jornalismo mesmo comecei pelo rádio.

■ E no jornalismo impresso, a sua experiência como cronista?

Como cronista do cotidiano ou até de política.

tudei da primeira série até a oitava.

■ Quer dizer que você fez o científico no Liceu?

Eu estudei no Grupo Escolar Santo Antônio e no Izabel Maria, onde fiz o primário, porque na época era primário e o ginásio e o secundário era o clássico científico. Eu queria fazer engenharia.

■ E você, desde criança, já tinha intimidade com as letras?

Eu gostava de escrever cartas. Por exemplo, tenho um tio que morava lá em Riacho, lá no Rio Grande do Norte, tio Joca. Ele chegava e dizia: “Meu sobrinho preferido nem mandou carta para mim nessa semana?”. Está pronta aqui, sabia que o senhor viria, está aqui. Meu pai gostava muito de escrever. Meu pai era um autodidata, tinha o curso primário, mas ele tinha uma letra tão boa que ainda hoje eu guardo uns escritos dele, porque ele escrevia num português escorrito, que aprendeu sem ter ido praticamente à escola.. Eu lia, lia e gostava de ver a letra dele. Era uma letra de caligrafia, muito bonita. Foi servidor ao público. Ele era fiscal de salário da Biblioteca Pública do Estado.

■ A que fica na General Osório?

A mesma biblioteca existente na General Osório. E eu com 11 anos, 12 anos, ia toda noite para o expediente. De mão dada com ele, subia aquela escadinha da biblioteca, ficava lendo, lendo, lendo. E ele dizia assim: “Aproveite para tomar conta desses estudantes que vêm para aqui, botam um livro de baixo do casaco e levam. Eu sou o fiscal, mas não dou conta disso aí”. Então meu pai praticamente me ensinou a ler e a gostar de ler, e, de ler tanto fui me enxerindo - termo que no Nordeste é muito usado, no Sul nem tanto. Uma vez eu falei enxerimento em Brasília e me perguntaram o que é enxerimento? Ousadia.

■ Há sempre uma história de enxerimento por aqui no Nordeste?

Uma vez, em um almoço de domingo, na casa de uma irmã minha, cujo marido gostava muito de



Carlos revela que também passou pelo rádio e que iniciou a carreira como repórter de pista entrevistando jogadores

ler e lia muito. Ele gostava muito e lia por Jorge Amado e gostava de ler umas histórias bem picantes e tal. Aí, eu com 11 anos, nessa época - essa passagem nunca esqueci. Quando ele começou a falar “Menino de Engenho”, eu dizia: já li. “Sai daqui, isso não é história para menino. Vá embora. Isso aqui é história para homem”, quer dizer, eu tinha um interesse natural, como eu também sempre pensei ser engenheiro. Não sei porquê. Eu até escrevi uma crônica: O meu desejo de ser engenheiro. Eu comecei sendo sabe o quê? Pista de campo no Cabo Branco, para a Rádio Arapuan.

■ Você também é radialista?

Sou. Na Arapuan trabalhei muito. Tinha um programa no meio do campo, na segunda-feira à noite, que era um programa de entrevistas, com o nosso amigo Marcondes Brito, com o Humberto Mesquita, o famoso príncipe submarino, que hoje é escritor, lançou o livro há uns três meses aqui e mora em São Paulo. Foi meu colega no Liceu. E me lembro, eu gosto muito de falar, posso falar?

■ Fique à vontade...

Eu estudava francês com o professor Henri Balzac. Era um francês desse tamanho assim, abusado. E o Humberto Mesquita, da minha turma. Aí um dia chegou para a chamada oral. O Humberto de Mesquita não sabia nada de francês e foi chamado. Quando ele chamou disse “senhor Humbertô Navarrô de Mesquita: zerrou”. O Humberto nunca esqueceu isso: “Zerrou o senhor, porque agora eu vou tirar dez em todo o ano. E estudou francês para valer.

■ Você contou como foi o primeiro contato com as letras, a experiência do rádio, falou no programa com o Marcondes Brito. Mas quando é que você começou a escrever suas crônicas?

É o seguinte é uma passagem muito interessante que eu costumo relembrar com muita saudade, até. Eu estava já no Correio da Paraíba e escrevia uma coluna lá. Jacinto de Araújo tinha a página de espor-

te. Então, eu comecei a trabalhar no Correio da Paraíba, como revisor. Era estudante de quarta série do Liceu, atrás de emprego. Trabalhava à noite, estudava de dia. Ali Teotônio Neto era o dono e Zé Teotônio o diretor. Comecei a escrever com a anuência de José Jacinto. Uma vez por semana eu assinava uma coluna chamada No Meio do Campo ou coisa assim. Ari Stóteles era o pseudônimo, desse jeito. O secretário de Redação daquela época era Eurípedes Gadelha e chegou um menino na redação.

■ A redação já estava fervilhando na hora que a criança chegou?

Só tinha eu e o Gadelha. O pessoal já tinha terminado. Gonzaga trabalhava nesse tempo. Acho que Bui Ramos, Jório Machado. Como sempre, uma página última aberta. Podia ser que houvesse uma notícia importante nacional ou internacional para botar na manchete. Aí chega um menino na redação: pobre, esquilão, malvestido. Eu sozinho lá na revisão. Me chamou de senhor. Imagina, eu tinha, acho que 16 anos ou coisa assim. “O senhor não podia me dar um pedaço de pão, não?”, perguntou. Não tenho aqui não. Perguntei: Como é que é isso? Gadelha ouviu, chegou perto e disse: “O que é que você quer, menino?”. “Eu queria comer, eu queria comer ou então ir pro céu, porque no céu não falta pão”. Meu Deus, eu me arrepiei e me arrepio ainda hoje. Gadelha disse: “Carlos, faça uma reportagem com esse menino”. Chamou o fotógrafo e disse: “Faça a reportagem”. O menino disse que estava o dia todinho sem comer. Não tinha pai, que havia abandonado a mãe, e ele não sabia pedir esmolas. Ele queria comer. Devia ter oito, nove anos.

■ Uma história ainda atual?

Perfeitamente. Fiz a matéria, o título foi o seguinte: “Quero morrer, porque no céu tem pão”. Gadelha botou na primeira página. Quer dizer, a chamada para oitava, que era a contracapa. Foi um sucesso. Você lembra, há pouco tempo, um

“A União era onde os melhores trabalhavam, mas aí depois me deram essa oportunidade e eu estou aqui

Carlos Pereira de Carvalho

menino que ligou para a polícia, pedindo para arranjar o que comer. A televisão mostrou, o rádio também. Ligou para você 190 E disse: “Eu sou um menino, não consigo o que comer, porque aqui em casa ninguém está comendo nada.

■ Tantos anos depois, o drama se repete?

Aí a sociedade foi procurar saber do menino. Também saiu a foto dele. Tinha “A Botijinha” na esquina - mandamos buscar um sanduíche, um copo de leite e o menino saiu satisfeitíssimo. Deixou o endereço. No dia seguinte foi um bocado de gente querendo fazer doação, querendo ajudar o menino. Eu disse a Gadelha que era bom ajudar, mas vamos colocar esse menino para estudar, porque esse pensamento desse menino é de uma pessoa que está muito além de uma criança dessa idade. Pois esse menino estudou, terminou o curso primário, que ele não tinha feito e depois sumiu. E nunca mais apareceu, nunca mais soube da história, onde esse menino se encontra.

■ Sempre há uma história comovente para contar?

Eu sei que naquele momento foi um dos pontos mais importantes da minha carreira de jornalista. Nesse dia Gadelha disse que eu es-

tava promovido a redator. E eu fui realmente promovido

■ O que foi o jornal para você?

Para resumir, o jornal para mim sempre foi um atrativo. No começo, era a minha profissão. Como jornalista ganhava algum dinheiro: Arapuan, Tabajara, O Norte, Correio da Paraíba, mas eu já tinha o meu emprego.

■ Paralelamente vivia o jornalismo?

Quando comecei na Rádio Arapuan, com o Zé Otávio, Ominado Lourenço, a gente começou a fazer a transmissão esportiva no velho Cabo Branco. O Humberto Mesquita era o narrador, José Otávio comentava e eu fazia o pista, de microfone na mão entrevistando os jogadores ou o técnico. Faz muito tempo, mas sempre fui, não diria fanático, mas um assíduo frequentador das ondas do rádio.

■ Curtia alguma rádio de outro estado?

Eu acompanhava a Rádio Nacional do Rio de Janeiro aos domingos e ainda hoje me lembro. A Rádio Nacional entrava em João Pessoa como se fosse rádio local. E a Rádio Nacional tinha alguns programas que eu nunca esqueci. No domingo ao meio-dia, “quando os ponteiros do relógio se encontram às 12h, é hora de você se encontrar com o rei da voz, Francisco Alves”. Isso não foi de seu tempo.

■ Mas como foi a vinda para A União?

Tinha sido secretário de Educação e Cultura nos governos de Brito e Maranhão. Quando Ricardo ia assumir em dezembro de 2010, me chamou na casa onde funcionava o comitê e disse: “Carlos, é o seguinte: eu queria manter você como secretário da Educação, mas eu não tenho como deixar de atender a um pedido de Iveraldo Lucena, que era um grande amigo meu. Márcia, a filha dele, trabalhou muito com Ricardo na prefeitura e Iveraldo pediu a Ricardo: “Se você puder fazer alguma coisa, faça pela minha filha”. Ricardo escolheu Márcia para a Educação. “Eu tenho um compromisso com Iveraldo. Agora eu tenho uma coisa, eu sei que você é do DER há muito tempo, você aceita ser diretor do DER?”, me indagou. Fui nomeado em 1 de janeiro de 2011. Não sei bem quem era o diretor de A União na época, mas ele me chamou e disse: “Não quer fazer uma colaboração?” Perguntei: Ricardo, tem algum problema? “Não, você é servidor público. Você pode escrever o como você quiser, não escrevendo contra mim, você pode”.

■ Como você define a crônica?

É algo que você descreve com simplicidade, sem ser um linguajar escorrito, aquilo difícil de procurar no dicionário. Como Gonzaga escreve, nosso melhor para paradigma sobre crônica. Então você es-

creve para as pessoas lerem e sentirem aquilo. Quando eu descrevo Jaguaribe daquele tempo, o jovem não tem ideia. Mas os que viveram naquela época estão se colocando naquela mesma posição da Senador João Lyra, da Vasco da Gama.

■ Bairro antigo, de muitas histórias?

Quando eu falo dos bondes - o bonde que eu pegava em Jaguaribe ia parar em Tambaú para tomar banho de mar e o bonde virava os bancos ali, onde hoje é a PBTur ninguém me entende, quando eu falo dos trilhos do trem, que levava a gente daqui para Itabaiana, ninguém tem ideia, porque isso não existe mais. Mas na minha memória, existe. Daí porque dizem que eu sou um memorialista. Eu acho que vale a pena, sabe? Vale a pena escrever as coisas do passado, principalmente quando se trata da história que você viveu.

■ Tema constante nas suas crônicas?

Eu escrevi Ode à minha cidade, dizendo: “Amanheça dia ali na praia do Cabo Branco e espere o sol sair de dentro d’água e espargir os seus primeiros raios. Depois, depois que ele começa a subir, você saia, vá pela Epitácio Pessoa, chegue à Praça da Independência. Vá descendo em direção ao centro, passe pelo Ponto Cem Réis, que era o local onde os bondes paravam, onde tinha a galeria dos engraxates, onde se batia papo, onde se falava mal de todo mundo, menos da pessoa com quem se conversava, onde tinha, onde tinha o Paraíba Palace Hotel, a banca de jornal famosa que por muito tempo ia comprar o jornal do Rio de São Paulo. E depois você aproveite, desça, vá descendo, passe pela Praça Pedro de Melo, que é a Praça do Pensamento, passe pelo Batalhão da Polícia, vá descendo até chegar onde a cidade nasceu. Vá lá para o Hotel Globo e espere o pôr do sol. Ele, que nasceu no oceano, vai se pôr do rio. A cidade nasceu no rio e depois mudou toda para o mar praticamente. E faça o seguinte: no Hotel Globo, você fique, de preferência, bem acompanhado. E peça a Juran- dy do Sax, mesmo que não seja do pôr do sol do Jacaré, para ele tocar uma música muito bonita, Meu Sublime Torrião, de Genival Macedo. Aí você terá feito a sua homenagem a essa belíssima cidade”.

■ E assim a história começou?

Foi assim que comecei a escrever em A União. Eu tenho uma memória de no mínimo duas mil crônicas entre as crônicas que eu escrevi para o Norte, para o Correio e para A União. E tem uma coisa: comecei a gravar na Rádio Tabajara crônicas que vão ao ar ainda hoje e já faz mais de dez anos, de segunda a sexta, no Jornal Estadual, exatamente às 7h. A crônica da cidade, do jornalista Carlos Pereira.

■ Você nasceu em Jaguaribe?

Nasci e me criei em Jaguaribe, estudei, e agora quando foi o aniversário da cidade de João Pessoa, 437 anos, escrevi uma crônica, porque acho essa cidade encantadora. Já morei em Recife, em Natal, em Brasília, nos Estados Unidos, mas sempre voltei. É uma cidade onde se deve viver, bucólica antiga, gostosa, linda cidade.

■ Tema constante nas suas crônicas?

Eu escrevi Ode à minha cidade, dizendo: “Amanheça dia ali na praia do Cabo Branco e espere o sol sair de dentro d’água e espargir os seus primeiros raios. Depois, depois que ele começa a subir, você saia, vá pela Epitácio Pessoa, chegue à Praça da Independência. Vá descendo em direção ao centro, passe pelo Ponto Cem Réis, que era o local onde os bondes paravam, onde tinha a galeria dos engraxates, onde se batia papo, onde se falava mal de todo mundo, menos da pessoa com quem se conversava, onde tinha, onde tinha o Paraíba Palace Hotel, a banca de jornal famosa que por muito tempo ia comprar o jornal do Rio de São Paulo. E depois você aproveite, desça, vá descendo, passe pela Praça Pedro de Melo, que é a Praça do Pensamento, passe pelo Batalhão da Polícia, vá descendo até chegar onde a cidade nasceu. Vá lá para o Hotel Globo e espere o pôr do sol. Ele, que nasceu no oceano, vai se pôr do rio. A cidade nasceu no rio e depois mudou toda para o mar praticamente. E faça o seguinte: no Hotel Globo, você fique, de preferência, bem acompanhado. E peça a Juran- dy do Sax, mesmo que não seja do pôr do sol do Jacaré, para ele tocar uma música muito bonita, Meu Sublime Torrião, de Genival Macedo. Aí você terá feito a sua homenagem a essa belíssima cidade”.

■ Carlos, você é um dos poucos que A União não foi escola?

Não foi não. A minha escola de jornal foi o Correio da Paraíba, foi no Norte, entendeu? Eu nunca trabalhei n’A União, que era muito grande para mim. A União era onde os melhores trabalhavam, mas aí depois me deram essa oportunidade, e eu estou aqui.

■ Você testemunhou toda a evolução que a imprensa teve nesse período, que foi um período rico, foi período de guerra mundial, de golpe militar, depois de reconquista da democracia?

Você sabe que tem uma passagem muito interessante que eu gostaria de registrar também, porque eu sempre fui meio usado. Eu sempre me considere um homem de esquerda, mas de esquerda sem ser fanático. Nunca, nunca me inscrevi em nenhum partido. Por isso trabalhei para vários governadores desde João Agripino, Ivan Bichara, Ernani Sátiro, Ricardo, José Maranhão. E lamentei muito a morte de Mariz, que eu era amigo pessoal. O sonho dele era ser governador e só governou nove meses.

■ E doente...

Doente. Pois é. Então, eu sempre fui muito ligado na universidade ao pessoal do diretório que era naquela época, todos de esquerda. Não havia estudante de direita. E aí veio o golpe militar. Em 64 eu estava recém-formado - me formei exatamente em 63. E o meu discurso, fui o orador da turma ainda hoje guardo: a democracia é o mais importante que se tem na vida. Havia sido adotado o Parlamentarismo como uma forma de tentar salvar. Mas aí veio março de 64 e eu me lembro que em dezembro de 63 eu disse: Isso jamais acontecerá com o Brasil. Aí aconteceu. Agora interessante: nunca fui preso, mas fui chamado a depor.

■ Por que?

Porque do dia 31 de março para o 1º de abril - eu sempre digo que foi em primeiro de abril e não 31 de março. Primeiro de abril, dia da mentira, mas não foi mentira não. Muita gente sofreu aqui e eu fui com o padre Jurez Benício, que faleceu

■ Algum registro que você gostaria de fazer de algo que não abordei?

O meu agradecimento por esse convite que eu adiei por umas três vezes por conta da Covid-19. Me sinto muito honrado. Eu nem esperava que fosse convidado. Tem tanta gente mais importante. Eu estava vendo os seus escritos, as suas crônicas, mas fazia tempo que não lhe via pessoalmente. Eu estou achando você muito mais jovem do que antes era.

há alguns anos, tirar os estudantes, colegas nossos da Escola de Engenharia que estavam escondidos na Igreja de São Francisco. Lá tem um túnel e eles estavam escondidos. Padre Jurez conseguiu que o bispo os deixasse lá. A polícia, o DOI-CODI foi lá, e padre Jurez afirmou que o arcebispo da época Dom José Maria Pires: “Aqui não entra ninguém. Tem um mandado judicial ou o senhor veio rezar?”. Fomos lá no dia seguinte, de madrugada, tiramos e avisamos: se escondam noutro lugar, porque eles tinham conseguido o mandado judicial e quando foram lá não tinha mais ninguém.

■ Você sente alguma saudade, acha que a tecnologia vai, por exemplo, ser hegemônica a ponto de o impresso, não só o jornal, mas o papel desaparecer?

Desde o hieróglifo, que o papel existe. Os chineses inventaram o papel. Eu acho que ele não vai desaparecer. Acontece o seguinte: a tecnologia tem que ser acompanhada aos poucos, pelo tempo. Mas eu, por exemplo, não troco até hoje, a não ser que A União deixe de ser impresso: todo dia de manhã, a primeira coisa que eu faço, tomando café, é ler A União. Não é porque eu esteja aqui não, mas A União, está muito renovada, está com muito bons articulistas, muitos bons comentaristas, muitos bons cronistas, a começar por Gonzaga Rodrigues, Ana Adelaide. E aí A União se renovou, na parte gráfica, se renovou na parte redacional, e hoje não parece que é um jornal oficial. Não vive todo dia divulgando loas ao governo. Não, divulga a verdade, a informação, A informação e com muitos bons articulistas e com muito bom editorialista. É um trabalho muito bom, que Naná Garcez vem fazendo à frente da Empresa Paraibana de Comunicação, englobando dois órgãos de imprensa muito importantes, juntando o rádio, com o jornal.

■ E de História...

A tradição da Rádio Tabajara, cultura. A Tabajara é uma relíquia. Quanto tempo tem a Tabajara, A União? Eu hoje eu estou aqui na União, no parque Industrial, mas gostaria de estar naquele prédio lindíssimo da Praça João Pessoa. Até hoje o pessoal reclama de Ernani Sátiro, que era um intelectual. Aquele prédio não devia nunca ter sido tombado. Nunca. Mas a história é boa. É verdade, né? O progresso é compensação ele fez dois estádios de futebol, em um tempo curtíssimo. Inaugurou com jogos do meu Botafogo de Futebol e Regas contra o Campiense e contra o Botafogo.

■ Algum registro que você gostaria de fazer de algo que não abordei?

O meu agradecimento por esse convite que eu adiei por umas três vezes por conta da Covid-19. Me sinto muito honrado. Eu nem esperava que fosse convidado. Tem tanta gente mais importante. Eu estava vendo os seus escritos, as suas crônicas, mas fazia tempo que não lhe via pessoalmente. Eu estou achando você muito mais jovem do que antes era.



Segundo Carlos, uma reportagem sobre um menino com fome acabou o promovendo a redator



EDIÇÃO: Luiz Carlos Sousa
EDITORACÃO: Paulo Sérgio



Nena Martins, Edinewton César, Beto Brunet, Vivian de Oliveira, Lula Crispin, Christian Oliver, Marilda Serrano, Henrique Santiago, Maria Lúcia Jurema e Magna Celi Meira de Souza são os aniversariantes da semana.

IMOBILIÁRIA

PARAÍBA
PROPERTY

www.paraibaproperty.com.br

+55 83 99302-7071

ESPRESSO SÃO BRAZ EM CÁPSULAS.
EXPERIMENTE.



Ex-moradores do bairro do Miramar promoveram encontro, na última sexta-feira (10), no Cabo Branco, clube que foi palco de grandes e tradicionais eventos. O ato, liderado por Noberto José, Saulo Caldas, Yves Bernard Pereira, Roberto Uchôa, Virgínia Palitot, Paulo Sérgio Carvalho e esta colunista (foto), foi sucesso total. Miramarenses raiz confraternizaram-se e, num momento histórico, hastearam a bandeira que tem a frase emblemática “República Independente do Miramar”.



Por conta do Dia Internacional da Mulher, registrei café da manhã, no Ba’ra Hotel, da Associação Brasileira de Advogados Criminalistas seccional paraibana (Abracrim-PB), presidida, pela primeira vez, por uma mulher, a advogada Nathalia Alves (na foto, entre os advogados Carlos Aquino, Ezilda Melo e Sheyner Asfora, presidente, licenciado da Abracrim Nacional.



Pocinhos, município localizado a cerca de 30 km de Campina Grande, já está se preparando para realizar a sua tradicional festa junina. A prefeita Eliane Galdino (na foto entre as amigas Marcélia Leal, Júlia Ferrer e Roberta Aquino), e que também é esposa do deputado e presidente da Assembleia Legislativa da Paraíba, Adriano Galdino, participou de Chá da Tarde na cafeteria Santa Clara e, na ocasião, revelou que os festejos juninos vão valorizar a “prata da casa, ou seja, terão o autêntico forró pé de serra.



Na sexta-feira, durante a realização do II Fórum de Políticas Públicas para as Mulheres de João Pessoa, evento promovido pela Prefeitura Municipal de João Pessoa, através da Secretaria de Políticas Públicas para Mulheres, órgão municipal presidido pela jornalista Nena Martins, tive a satisfação de receber o Selo Social Parceira da Mulher de João Pessoa. Além de mim, foram agraciados, Thereza Madalena, Socorro Gadelha, Maísa Ribeiro, Liliâne de Oliveira, Instituto Cândida Vargas, Ana Carolina Gondim, Antônio Gonçalves Ribeiro, Lídia Moura, Graziela Queiroga, Lourdes Meira e Soliandra Alves.



A 3ª edição da Casacor Paraíba, arrojada mostra de arquitetura e designer, foi lançada, com sucesso, durante elegante coquetel liderado pelos franqueados Cesar Revêredo e Gustavo Fernandes (foto).

A professora Ana Flávia Pereira Medeiros da Fonseca, uma mulher à frente do seu tempo, resolveu festejar o Dia Internacional da Mulher, em Roma, a cidade eterna e que abriga um dos menores e mais importantes países do mundo, o Vaticano.

A Prefeitura de João Pessoa, por meio das secretarias de Turismo (Setur) e de Educação e Cultura (Sedec), por meio do Centro de Línguas Estrangeiras (Celest), estão oferecendo uma nova turma para profissionais que atuam na área do turismo para cursos de espanhol e inglês, sendo ofertadas cinquenta vagas (25 para cada idioma). As inscrições serão realizadas, presencialmente, no Celest, localizado na Av. Epitácio Pessoa, nº 1.840, Expedicionários, nos dias 6, 7 e 8, deste mês, no período das 8h às 12h e das 14h às 21h.

Amigas do Chá da Tarde, que normalmente se reúnem na Cafeteria Santa Clara, no Manaira Shopping, confraternizaram-se para festejar o Dia Internacional da Mulher, com elegante almoço no restaurante Cassino da Lagoa. O evento, liderado pela querida amiga Roberta Aquino, contou também com as presenças de Lúcia Padilha, Odila Falcone, Dapaz Gonçalves e a da secretária executiva da Cidadania e Direitos Humanos de João Pessoa, Raissa Lacerda.

A Prefeitura Municipal de João Pessoa, por meio da Secretaria Extraordinária de Políticas Públicas para as Mulheres, está realizando uma série de atividades durante todo este mês, em alusão à data em que é celebrado o Dia Internacional da Mulher, 8 de março. Na programação, aberta na quarta-feira (8), com a Caminhada das Mulheres, registrei as presenças da primeira-dama, Lauremília Lucena e das secretárias Raissa Lacerda e Nena Martins.

A jovem Lily Sanfoneira, de tradicional família sertaneja, concluiu o curso regular de Acordeon da Escola Estadual de Música Anthonor Navarro. Na ocasião, a musicista, que é a primeira concluinte do curso que teve a duração de oito anos, apresentou recital, com orientação do professor Lucas Carvalho, composto por músicas de nosso rico acervo musical.

A nossa Paraíba, representada pela secretária de Turismo e Desenvolvimento Econômico, Rosália Lucas, e pelo presidente da PBTur (Empresa Paraibana de Turismo), Ferdinando Lucena, foi destaque significativo no Fórum PANROTAS, que aconteceu em São Paulo, no Golden Hall do Sheraton WTC, em São Paulo.

Selic	Sálário mínimo	Dólar \$ Comercial	Euro € Comercial	Libra £ Esterlina	Inflação	Ibovespa
Fixada em 1º de fevereiro de 2023					IPCA do IBGE (em %)	
13,75%	R\$ 1.302	+ 1,30%	+ 1,93%	+ 2,21%	Fevereiro/2023 +0,84	103.618 pts
		R\$ 5,208	R\$ 5,543	R\$ 6,263	Janeiro/2023 +0,53	
					Dezembro/2022 +0,62	
					Novembro/2022 +0,41	
					Outubro/2022 +0,59	-1,38%

SEGUNDA CASA

Cresce procura por imóveis entre turistas que vêm à PB

Investimentos têm sido realizados em bens voltados a moradia ou aluguel

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodriguez@gmail.com

Visitantes de outros estados movimentam o mercado imobiliário da Região Metropolitana de João Pessoa com a compra de imóveis compactos para hospedagem própria e como fonte de renda. Conforme a Pesquisa Anual do Desempenho do Turismo, realizada Federação do Comércio de Bens e Serviços da Paraíba (Fecomércio-PB), o meio de hospedagem “residência própria” foi indicado por 4,8% dos entrevistados. O interesse no tipo de hospedagem pode ser refletido também na opção “flats” (6,02%) e “casa ou apartamento alugado” (11,60%).

Na comparação desta edição da pesquisa, realizada em janeiro de 2023, com a de 2022, houve uma alta de 2,48 pontos percentuais na procura por casas e apartamentos para alugar e de 1,12 p.p. no número de pessoas que já possuem residência na Região Metropolitana de João Pessoa.

O presidente do Sindicato da Indústria da Construção Civil de João Pessoa (Sinduscon-JP), Wagner Breckenfeld, aponta que desde 2019 vem ocorrendo o crescimento da de-

manda por imóveis compactos, a exemplos de flats e estúdios, com área de 18 metros quadrados a 45 metros quadrados, em média, de preferência, na faixa litorânea.

“Esse tipo de imóvel é normalmente utilizado como segunda residência, isto é, de lazer, para utilização nas férias, e como fonte de renda no restante do ano, a partir dos aluguéis por temporada. João Pessoa tem sido um grande case de sucesso nesse aspecto. É comum que pessoas das regiões Sul e Sudeste se aposentem e invistam aqui”, comenta Wagner Breckenfeld.

A professora aposentada, Joana Braga, está apenas esperando o esposo se aposentar também para vir morar na Paraíba. O casal reside em Rondônia, mas nutre esse desejo há um tempo. Por isso, já dispõe de dois imóveis na Região Metropolitana de João Pessoa. O primeiro, localizado no bairro do Bessa, na capital, foi onde a filha morou enquanto cursava Farmácia. O imóvel está alugado, mas segundo Joana, a intenção é vender.

O outro imóvel, um estúdio, está em construção, na praia de Ponta de Campina, em Ca-



O casal Francisco e Valquiria se encantou pelo estado

bedelo. “Quando o imóvel ficar pronto, nós vamos usar durante as férias do meu esposo. É o lugar para nos hospedarmos quando formos visitar minha filha e minha neta. Mas, enquanto a aposentadoria não chega, alugaremos por meio dos sites de reservas por temporada”.

Pesquisa da Associação Brasileira das Incorporadoras Imobiliárias, em parceria com a Brain – Inteligência Estratégica, aponta que, no Nordeste, 15% dos compradores adquirem imóveis para lazer ou para

estabelecer uma segunda residência. Entre os participantes da região Sul, 28% procuram um segundo imóvel para lazer.

O presidente do Conselho Regional de Corretores de Imóveis da Paraíba (Creci-PB), Ubirajara Marques, afirma que o mercado dos imóveis compactos vem ganhando força desde a pandemia de Covid-19. “As pessoas queriam investir, tinham dinheiro e estavam se sentindo sufocadas, no período de isolamento social. O mercado de segunda residência vem ganhando força desde então”.

Flats ganham a preferência dos compradores

Segundo Ubirajara Marques, o aluguel por diárias é bem mais lucrativo do que comprometer o imóvel com único inquilino. “O proprietário utiliza o flat em um período do ano, geralmente, na alta estação, e depois aluga por temporada para gerar renda”.

Ele comenta que a dinâmica é simples: o condomínio onde o imóvel está construído contrata uma empresa administradora de todos os imóveis, o que garante praticidade aos proprietários. O dirigente destaca que o mercado é repartido entre turistas e moradores, que

utilizam apenas como fonte de investimento.

O paulista Francisco Marques tem uma história de amor com a Paraíba. Aposentado do trabalho como caminhoneiro, nos Estados Unidos, ele viajou a João Pessoa, pela primeira vez, no verão de 2020, quando conheceu uma pessoa que é sua atual noiva, Valquiria Gonçalves. Além dela, ele também gostou muito da cidade e comprou dois flats, na praia de Intermares, em Cabedelo, região metropolitana.

“Eu senti que João Pessoa e a cidades vizinhas são mais se-

guras do que metrópoles como São Paulo, Rio de Janeiro ou Salvador, cidades inviáveis de morar”, comenta ele, que reside há 23 anos em Orlando, nos Estados Unidos.

Um dos imóveis já está pronto, e é onde ele se hospeda quando está a passeio. No restante do ano, ele aluga, para gerar renda, que deve aumentar com a entrega do outro flat, em 2025. “A ideia inicial é ter um investimento. Ainda não sei se vou vender ou alugar”.

O presidente do Creci-PB explica que a entidade e a indústria de construção civil andam

de mãos dadas para o crescimento do mercado imobiliário. “As empresas fazem estudo de mercado junto aos corretores antes de iniciar os empreendimentos para avaliar a viabilidade. Quem anda à beira-mar de João Pessoa vai perceber que há vários lançamentos”.

Segundo Ubirajara Marques, a busca pela segunda residência, na Paraíba, não está restrita às cidades litorâneas. “Pode ser um imóvel nas cidades onde ocorre o festival Caminhos do Frio, a exemplo de Bananeiras”, onde tem havido um grande crescimento imobiliário.

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaobferraz3@gmail.com | Colaborador

O Pix e o sistema bancário

Ao final deste ano o Pix completará três anos do seu lançamento. O nome não é uma sigla, mas uma denominação adotada pelo Banco Central para indicar uma modalidade de pagamento instantâneo. Não era inédito no mundo, pois alguns países já utilizavam sistemas de pagamentos instantâneos, mas claro que com outras denominações.

A paternidade da ideia do sistema Pix do Banco Central brasileiro é atribuída por alguns ao governo Bolsonaro, mas segundo dados revelados recentemente, a ideia estava concebida desde 2016, foi implementada em fevereiro de 2020, mas o seu pleno funcionamento integrado somente começou alguns meses depois, em novembro.

Há quem atribua também que o nosso sistema foi inspirado no modelo utilizado em Portugal, um dos países que possuía um modelo semelhante ao nosso Pix, assim como no Reino Unido, Chile e EUA e um ou outro país.

Sua proposta inicial era ser um meio de pagamento mais seguro, competitivo e rápido. Na prática, com várias funcionalidades, ele passou a permitir também transferências entre contas e pagamentos em tempo real, em frações de segundos, funcionando 24 horas por dia, todos os dias do ano, inclusive nos finais de semana e feriados. Uma revolução no nosso sistema bancário que resultou numa adesão plena da população.

Podemos dizer que é um sistema de transferência de recursos eficiente, entre contas de um mesmo banco ou interbancário que quase aposenta as transferências por Doc ou Ted - as mais tradicionais formas de transferências, e permitindo ser utilizado como meio de pagamento, inclusive de impostos, de contas de concessionárias públicas, boletos ou até mesmo faturas de assinaturas diversas.

O Pix também deu uma “sacudida” no sistema de tarifas bancárias, com a isenção para as contas de pessoas físicas e menores tarifas para as empresas (pessoas jurídicas). Mas isso ainda não é um assunto totalmente resolvido, já que os bancos estão se ajustando, têm independência para atuarem na cobrança de tarifas, mas estão cautelosos para não perderem os seus melhores clientes. Enquanto o mercado vem se ajustando lentamente quanto à nova dinâmica de tarifas, os ganhos vão aparecendo para os clientes e um deles, é a velocidade com que o dinheiro chega e circula no mercado.

Como todos sabem, para que essa velocidade aconteça e o dinheiro percorra entre uma conta e outra, vem do fato que com o Pix não existe um intermediário, ou seja, não há a interferência do BC, pois o dinheiro sai de uma conta e passa direto para outra conta numa linha reta. Para que isso aconteça, o sistema utiliza um modelo de chaves que decodificado ele substitui o número do banco e a conta bancária. As chaves mais usuais são o CPF/CNPJ, um número de um telefone, um e-mail ou uma chave aleatória gerada pelo próprio recebedor.

Pois bem, em 2021, um ano após o seu lançamento, o Pix já ultrapassou em volume de recursos e quantidade de transações, a modalidade do TED (que era a mais rápida transferência interbancária existente e levava em média 25 minutos para se concretizar). Naquele ano, foram registrados R\$ 5,21 trilhões em transações utilizando esse novo modelo de movimentação de dinheiro. Ultrapassou todas as expectativas em qualquer cenário simulado anteriormente pelo BC e pelos bancos e especialistas financeiros.

E não parou por aí, já em 2022 foi alcançada uma marca ainda maior em relação ao anterior. O Pix movimentou R\$ 10,9 trilhões, segundo dados do próprio Banco Central (BC). Para se ter uma ideia de que esses recordes ainda estão longe de serem marcas definitivas, com a retomada da economia e sendo o primeiro período natalino no pós-pandemia, dezembro de 2022 registrou a incrível marca R\$ 1,22 trilhão em operações no Pix. Com isso, nos dois anos desde o lançamento foram feitas 32 bilhões de transações pela ferramenta de pagamento instantâneo e movimentado mais R\$ 16 trilhões, se consolidando como o meio de pagamento mais usado pelos brasileiros e uma marca expressiva no cenário mundial.

Esses números tendem a aumentar e 2023 será o ano do terceiro estágio, onde novas funcionalidades entrarão em atividade, aumentando o alcance de novos meios de transações, tais como débitos programados, assinaturas periódicas e outras novidades. A movimentação entre contas internacionais é que vai demorar mais um pouco pois ainda não existe previsão instrumental e legal para tal.

Com todos esses números, ainda há, mesmo que raro, pessoas que não querem nem ouvir falar de utilizar um celular para fazer uma transação bancária, muito menos “fazer um Pix”. Até porque, como todo e qualquer sistema, já surge uma variedade de modalidades de golpes, agora utilizando o Pix como ferramenta.



Entre os atrativos apontados pelos novos proprietários estão a beleza das praias e a segurança das cidades paraibanas

HÁ 47 ANOS

Miriri transforma a cana-de-açúcar em riqueza para a PB

Empresa, que trabalha com alimentos e bioenergia, é grande exportadora e geradora de empregos no estado

Thadeu Rodrigues
thadeu.rodrigues@gmail.com

Em abril de 1976, o empresário pernambucano José Ivanildo Cavalcanti de Moraes montou a Miriri Alimentos e Bioenergia, na cidade de Santa Rita (PB). Com uma área de 6.500 hectares, a empresa produzia etanol hidratado – utilizado no abastecimento de veículos. Em quase 47 anos de longevidade, a Miriri agregou novos produtos, está consolidada como uma exportadora do estado e emprega aproximadamente 900 funcionários com três unidades fabris, instaladas em uma área de 23.500 hectares.

Gilvan de Moraes preside hoje a empresa que é um legado deixado por seu pai, José Ivanildo



Foto: Edson Matos

Empresa familiar não dispensa a capacitação e as ideias inovadoras

A Usina Miriri iniciou suas operações de exportação ainda em 1979. O primeiro produto foi o etanol, para o Japão. Em 2010, a empresa passou a produzir açúcar, impulsionada pelo aumento dos preços no mercado internacional. Em 2016, metade da produção foi exportada para países da Ásia, onde não há cana, o que corresponde a mais de um milhão de sacas. Atualmente, por questões estratégicas, a produção do alimento está suspensa. “Também temos uma produção grande de álcool neutro, que é uma base para bebidas como vodka, cosméticos e perfumes. Exportamos para o Japão e a Índia, por meio de uma *trade* chamada Tradol, exclusiva para esse tipo de negócios. Em 2022, exportamos 30 milhões de litros para vários países”, comenta Gilvan. A empresa está investindo na produção de uma cachaça de alto padrão. A bebida está sendo oferecida a alguns clientes para avaliação, antes de seu lançamento no mercado. O destilado, quando produzido, é armazenado durante dois anos em um barril de carvalho antes de ser degustado. Já foram produzidos dois mil litros da cachaça e a expectativa é fabricar mil garrafas ao ano.

Familiar e profissionalizada

O ingresso de Gilvan na vida empresarial ocorreu cedo. Aos 16 anos, ele foi a São Paulo, onde estudou tecnologia de açúcar e álcool e Admi-

O empreendimento paraibano foi o segundo de José de Moraes. Ele já desempenhava a atividade da indústria sucroalcooleira desde 1955, em Macaparana (PE). Conforme o atual diretor-presidente da Miriri, Gilvan de Moraes Sobrinho, que é filho de José de Moraes, o pai visualizou na Paraíba uma possibilidade de crescimento para seus negócios. “Meu pai era um cara brilhante. Ele dizia: ‘cuide de gente, que o resto se resolve’”. Ele relembra que, na década de 1970, houve uma crise de petróleo no mundo, com a necessidade de utilização de um combustível alternativo, o etanol. O Programa Nacional do Álcool (Proálcool), criado no Brasil em novembro de 1975, contribuiu para o desenvolvimento da produção de bioenergia no país. “Com o apoio do Proálcool, meu pai expandiu as atividades para a Paraíba. Ele era um grande empreendedor e foi meu grande mentor”,

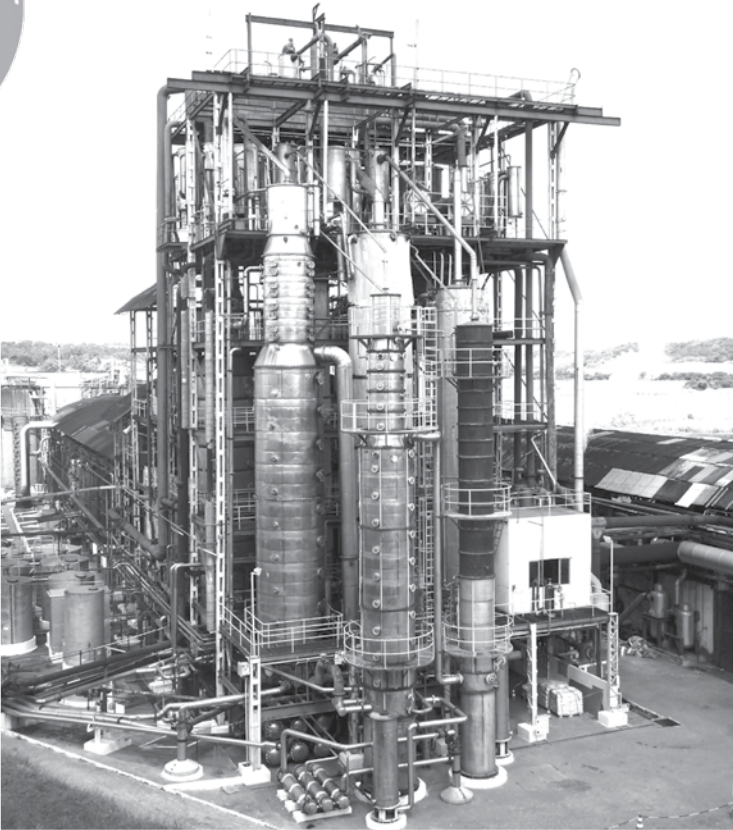
afirma Gilvan de Moraes. Naquela época, a usina produzia etanol hidratado – para abastecer os carros que só funcionavam com o biocombustível –, e etanol anidro, utilizado na composição da mistura da gasolina. O diretor-presidente da empresa explica que a gasolina tinha baixo teor de octanagem, isto é, capacidade de transformar energia química contida no combustível em energia mecânica e movimentar o carro. “Para permitir que a gasolina fosse mais eficiente, utilizava-se na mistura chumbo tetra etila, um produto petrolífero e cancerígeno. Depois do Proálcool, houve substituição pelo álcool anidro”. Segundo o dirigente, o etanol hidratado é mais potente do que a gasolina porque tem maior poder de octanagem. “O veículo flex vai consumir mais energia, o motor vai rodar 300 quilômetros com o tanque de etanol, mas o cabeçote estará limpo, o contrário do que ocorre com a gasolina”. Ele refuta os argumentos da indústria petrolífera sobre a capacidade de eficiência do etanol no veículo (de 70% sobre a da gasolina), o que exigiria



Foto: Divulgação/Usina Miriri



Dos anos de 1970 para a década atual, a usina Miriri passou por diversas transformações, adaptando-se aos novos produtos e às exigências do mercado



que o preço seguisse o mesmo patamar. “Hoje, temos carros flex que possuem autonomia de até 80% sobre a da gasolina. Além dos menores gastos com manutenção do automóvel, o motorista estará limpando o planeta e evitando problemas respiratórios. Abastecer com etanol é ter responsabilidade socioambiental”, frisa.

Processo natural
Gilvan de Moraes explica

que o álcool é feito a partir da fotossíntese da cana-de-açúcar. A cultura tem capacidade de transformar energia solar em biomassa, em um processo de captura do gás carbônico e liberação de oxigênio. Segundo ele, o procedimento inicial de fabricação dos produtos é o mesmo. “Fazemos a recepção da cana, moagem e extração do caldo, que é destinado para onde quisermos, transformando em etanol, destila-

do ou extraindo açúcar”. Cada produto é feito em uma fábrica diferente. Conforme o empresário, para a produção de destilado, o caldo é despejado em um tanque de fermentação. Já no caso do açúcar, retira-se a água do caldo, que passa por um processo de cristalização e centrifugação, havendo a extração do alimento. “Açúcar não é formulação química. É um processo biológico”.

Modernização e sustentabilidade garantem a longevidade da usina

Atualmente, 60% do corte da cana-de-açúcar é mecanizado. Conforme Gilvan de Moraes, a empresa não acelera o processo, que deve chegar aos 80%, para conservar os empregos. O corte manual exige o processo de queima controlada da cana, que mobiliza quatro caminhões-pipa, para o caso de haver um incêndio, já que o vento é um vetor de risco. Sem a queima controlada, a produtividade de um cortador é de três toneladas por dia. Com a queima, pode chegar a 10 toneladas. Segundo Gilvan, o cortador tem participação sobre o preço da cana, se for elevado durante a safra. “Ele pode ganhar até 30% em participação”.

A produtividade também é obtida com a implantação do sistema de mudas pré-brotadas, um conceito de multiplicação de plantas, desenvolvido pelo Instituto Agrônomo de Campinas. Para o plantio de um hectare de cana, o consumo de mudas cai de 20 toneladas para duas toneladas e as 18 toneladas restantes são utilizadas para a produção de álcool. Outros valores importantes para a Miriri são a questão social e a sustentabilidade. A usina mantém uma escola de Ensino Fundamental, que atende em torno de 100 filhos de funcionários da empresa. Também mantém 7.600 hectares dos 23.500 hectares de área como reserva de flores-

ta nativa, o que corresponde a 24,5% do total, superando os 20% exigidos pela legislação. A empresa planta em torno de 40 mil mudas de espécies nativas, por ano, a exemplo de ipês e sucupira. “Queremos ganhar produtividade usando tecnologia, a partir da verticalização, irrigação, importação de variedades novas de cana, mecanização da colheita e utilização de recursos tecnológicos agrícolas que permitam produzir mais na mesma área”, enfatiza. Cerca de um terço da cana é o bagaço, que é queimado em caldeiras, utilizado para produzir toda energia térmica e hidráulica que a usina precisa. Os 30% excedentes são vendidos para a concessionária de energia elétrica. Ele destaca que o setor tem passado um período difícil com a política energética do Brasil adotada no ano passado, com reduções tributárias que incentivaram o consumo de gasolina. “Em 2022, chegamos a vender o etanol por preço abaixo do custo de produção. Mas seguimos firmes. Agora, com a reoneração parcial de impostos federais sobre a gasolina, a situação vai melhorar”. Para Gilvan de Moraes, o segredo para a longevidade da empresa é a resiliência. “Empresas longevas são as que conseguem gerar receitas líquidas, que faturam mais do que gastam. Quem não consegue, quebra”.



Foto: Divulgação/Usina Miriri

Investimento no maquinário do corte de cana-de-açúcar fez com que a produtividade da usina dobrasse em pouco tempo

O DESAFIO DE SER MÃE

Mulheres cientistas e a maternidade

Pesquisas globais apontam queda da produtividade das pesquisadoras num período bastante delicado de suas vidas

Márcia Dementshuk e
Renato Félix
Assessoria SECTIES

A proporção de mulhe- res em atividade de pesquisa em universidades na Paraíba ultrapassa em 19% à dos ho- mens, desde a iniciação cien- tífica até o pós-doutorado, to- mando como base os dados provenientes da Fundação de Apoio à Pesquisa da Paraíba (Fapesq-PB) . Em 2022 foram concedidas um total de 811 bolsas de fomento à pesqui- sa, 477 (58,9%) desses subsí- dios são usados por mulhe- res e 334 (41,1%) por homens. Contudo, a aparição feminina na ciência paraibana pode ser um vulto temporário. Pesqui- sas globais apontam a queda da produtividade das mu- lheres cientistas num perí- odo bastante delicado de suas vidas: a maternidade.

Até então, a experiência de ser mãe em meio ao desenvol- vimento de um projeto cien- tífico e os impactos na carrei- ra era vivida por milhares de mulheres em todo o mundo, mas faltavam dados que men- surassem as implicações des- te evento na produtividade científica. Na pesquisa rea- lizada pela coalizão *Mothers in Science*, baseada na Fran- ça, com a parceria de outras 17 organizações ao redor do mundo, inclusive no Brasil, as maiores consequências nas carreiras acadêmicas das mu- lheres ocorrem em torno da cientista-mãe.

A pesquisa foi aplicada em nove mil pessoas, de 128 paí- ses ou nações. Comparou, du- rante um período de 10 anos, homens que se tornaram pais e mulheres que se tornaram mães: nesse período as mu- lheres tinham, pelo menos,

Mundo

A pesquisa foi aplicada a nove mil pessoas, de 128 países ou nações, e comparou, durante um período de 10 anos, homens que se tornaram pais e mulheres que se tornaram mães

10 artigos a menos publica- dos do que um homem que se tornou pai. Cerca de um ter- ço das mães (34%) que traba- lham em turno integral nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática e medicina, ultimamente, dei- xaram seus empregos. Uma entre três mulheres diz que sua competência foi questio- nada por seus empregadores e colegas desde que se tornou mãe. As mulheres são três ve- zes mais propensas do que os homens a dizer que receberam menos oportunidades profis- sionais. Mais de 60% das mu- lheres que estudam ou traba- lham nessas áreas disseram que a maternidade impactou negativamente a carreira.

Fala-se que a maternida- de é um problema individual, mas as conclusões do *Mothers in Science* mostram que é um problema estrutural. Outra pesquisa que mede o impac- to da maternidade na produ- tividade científica corrobo- ra os dados levantados pelo *Mothers in Science*. A pesqui- sa, publicada em 24 de feve-



Sandra Isay Saad, da UFCG, interrompeu sua pesquisa para ter a filha Elisa

Fala-se que a maternidade é um problema individual, mas as conclusões do *Mothers in Science* mostram que é um problema estrutural

reiro de 2021, na Revista espe- cializada Science, foi aplicada em 2017 e 2018 entre 3.064 professores titulares em 450 departamentos de Ciências da Computação, História e Negócios nos Estados Uni- dos e no Canadá. Aponta que a maternidade “explica a maior parte da diferença de produtividade de gêne- ro ao diminuir a produtivi- dade média de curto prazo das mães. Antes dos filhos, as taxas anuais de produ- tividade de homens e mu- lheres são semelhantes. (...) No entanto, a produtivida- de anual das mães diminui imediatamente após o parto, em comparação com as não mães ou os homens. O even- to da maternidade diminui acentuadamente a produ- tividade de curto prazo para as mães (de -48,3% a -17,3%), mas geralmente não para os pais, com exceção do campo da História.

“A maior parte da lacuna existente é causada por um efeito de gênero da materni- dade: entre os professores de ciências, ao longo dos 10 anos após o nascimento de seus fi- lhos, as mães produzem em média 17,6 menos artigos do que os pais – uma lacuna que levaria cerca de 5 anos de tra- balho para as mães fecha- rem”, informa a pesquisa.

E ainda, essa pesquisa de- monstra que políticas como licença parental remunerada e cuidados infantis adequa- dos auxiliam na permanên- cia das mulheres na acade- mia e em processos seletivos. “Esses resultados têm am- plas implicações para os es- forços para melhorar a in- clusão da bolsa de estudos”, registra o artigo.

Bolsas de pesquisa até o pós-doutorado

Os dados desmembrados fornecidos pela Fapesq mos- tram que em todos os graus de ensino a maior parte das bolsas de pesquisa é obtida pelas mulheres, desde a ini- ciação científica, em nível de graduação, até o pós-douto- rado. Mas neste último se dá uma diferença alta, um perí- odo no qual as pesquisadoras estão com mais maturidade e, habitualmente, planejam a gravidez ou a adoção de filho (a). No edital Nº 17/2022, es- pecífico na concessão de bol- sas de pós-doutorado, 63% das bolsas foram conqui- stadas pelas mulheres e 37% pelos homens. Apenas esse exemplo já é suficiente para a evolução de políticas que amparem as pesquisadoras e garantam a continuidade dos projetos.

O presidente da Fapesq, Rangel Júnior, declara que o tema já está sendo abordado pela fundação. “Nós já tive- mos discussões com relação a editais que possam desta- car o apoio às meninas e mu- lheres na ciência, é uma ini- ciativa que vamos apresentar ainda este ano. Tenho certeza

de que haverá apoio substan- cial do Governo do Estado a essas iniciativas. O governa- dor é simpático à causa”, afir- ma Rangel.

As iniciativas de apoio às pesquisadoras são propostas também pelo *Mothers in Scien- ce*, além do apoio financeiro para garantir a continuidade da pesquisa, fornecer flexibi- lidade aos pais e cuidadores, eliminar o preconceito e a dis- criminação, simplificar os pe- didos de subsídios e reformar o processo de avaliação, en- tre outros.

Em todos os graus de ensino, a maior parte das bolsas de pesquisa é obtida pelas mulheres, desde a iniciação científica, em nível de graduação, até o pós-doutorado

Pausa no trabalho para nascimento da filha

A professora Sandra Isay Saad, da Universidade Fede- ral de Campina Grande, teve que interromper sua pesqui- sa envolvendo meteorologia e meio ambiente por alguns meses: ela teve Elisa, sua se- gunda filha, durante o pro- cesso de pesquisa. Selecciona- da pelo edital Oportunidade de Fomento à Pesquisa Cola- borativa Fapesq-Fapesq 2019, ela agora solicita uma exten- são de seu prazo final para compensar o período em que exerceu a licença-materni- dade.

“Eu vou solicitar uma prorrogação no prazo do meu projeto para contem- plar esse período em que eu tive que ficar um pou- quinho parada por conta da licença-maternidade”, de- talha a pesquisadora, cuja pesquisa tem o título “Ris- cos e oportunidades regio- nais de mudanças do uso da terra e das mudanças climá- ticas aos serviços ecossistê- micos hídrico-climáticos: investigação para bacias na Caatinga e na Mata Atlânti- ca do Sudeste”, numa parce- ria entre USP e UFCG.

A legislação brasileira, pela Lei Nº 13.536, permite “a prorrogação dos prazos de vigência das bolsas de es- tudo concedidas por agên- cias de fomento à pesquisa nos casos de maternidade e de adoção”, mas não con- sidera outras barreiras que prejudicam o desempenho das pesquisadoras. “Minha pesquisa tenta unir a parte de meteorologia e clima com a parte de meio ambiente. Ver como os ecos- sistemas e o próprio clima colaboram para o bem-estar humano”, explica. “Verifica- mos a questão dos serviços ecossistêmicos, trabalhamos com modelagem atmosfê- rica para fazer simulações de mudança do uso da ter- ra, clima futuro, mudança climática. Trabalhamos, in- clusive, impacto nos recur- sos hídricos”. Ela considera que as mulheres que se tor- nam mães enfrentam dois desafios principais na área da pesquisa. “O primeiro é a questão do seu tempo. Por- que o tempo acaba ficando muito restrito. Principalmen- te no começo, em que o bebê ainda acorda de madruga- da e você tem que dormir de dia...”, conta. “Depois você vai conseguindo aumentar

um pouquinho o tempo em que consegue se dedicar às atividades e aos poucos você vai voltando. Mas sempre vai ficando mais restrito por cau- sa da família, das crianças”. Sandra hoje é mãe de Julio, de dois anos, e Elisa, de qua- tro meses.

Outro desafio diz respei- to aos relacionamentos pro- fissionais. “Porque, quando o bebê nasce, você fica im- pedido de viajar, por conta da amamentação e também porque você não pode ex- por o bebê no comecinho”, diz a pesquisadora. “Mesmo na gravidez, por causa dos riscos no final, fica compli- cado. Então reuniões, con- gressos, acabam sendo pre- judicados. Reunião *on-line* dá para fazer, mas não é a mesma coisa”.

Para Sandra, a distribui- ção mais igualitária entre os gêneros na carreira de docente-pesquisador é ne- cessária. “Mesmo na minha área, onde eu acredito que a distribuição entre homens e mulheres é mais próxima, acabam chegando mais ho- mens à carreira de docente -pesquisador”, avalia. “De alguma forma, eles acabam

sendo favorecidos. Isso aca- ba refletindo na ciência”.

Em sintonia com as colo- cações da professora e pes- quisadora Sandra, Rangel Júnior, presidente da Fapesq-PB, afirma: “Concordamos plenamente em acompanhar essas questões que envol- vem o direito de afastamen- to maternidade ou adoção e tudo o que se refere a direi- tos trabalhistas que devam ser transpostos para os pro- gramas de pós-graduação no Estado da Paraíba. Ao re- ceber uma bolsa ou financia- mento para pesquisa que de- verá beneficiar o Estado da Paraíba com o conhecimen- to científico, esse subsídio se torna uma remuneração es- sencial para o pesquisador. Toda e qualquer mudança na vida da pessoa que possa interferir nos rumos de um projeto de trabalho preci- sa ser reconhecida e respei- tada e valorizada, no senti- do de que se possa garantir àquela mulher o apoio ne- cessário para garantir sua escolha pela maternidade e a continuidade do trabalho, inclusive o afastamento por paternidade, que é uma for- ma de apoio à mulher”.

ATENÇÃO PRIMÁRIA

Plantas medicinais na saúde pública

Prática recomendada pela OMS desde a década de 1990 tem resultado em tratamentos com menos efeitos adversos

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Chá de Camomila para melhorar o sono e diminuir o estresse, chá de boldo para acalmar o estômago. Folha de babosa para amaciar os cabelos e aliviar queimadura de sol. Chá de limão, gengibre e alho cura qualquer resfriado e o quebra-pedras para dor nos rins. Muito mais que seguir uma recomendação das nossas avós, a utilização de plantas medicinais no tratamento de doenças e alívio de dores faz parte da humanidade há cerca de 10 mil anos, quando foram encontrados os primeiros sinais de uso em comunidades da Índia. No Brasil, o conhecimento sobre o poder de cura vindo das plantas é uma das heranças mais fortes da cultura indígena.

Raíssa Fernandes é adepta e entusiasta no uso das plantas medicinais. “Eu uso muito boldo, camomila e erva doce para insônia e faço um chá de louro para melhorar o desconforto da azia. Também tomo chá de endro para cólica menstrual, chá de carqueja para cálculo renal e gosto muito de chá de hibisco com hortelã, que uso como termogênico”, afirma a empresária, que não se limita aos chás. “Aprendi com minha mãe a fazer um lambedor com saião, hortelã da folha miúda e cebola branca. Na minha antiga casa eu conseguia manter uma pequena horta com algumas dessas plantas e elas estavam sempre à mão, infelizmente, não tenho mais espaço”.

Apesar da falta de pesquisas específicas sobre a quantidade de famílias brasileiras que fazem uso regular das plantas medicinais para o tratamento e alívio de dores e doenças, o caso de Raíssa não parece ser uma exceção. “Levando em consideração que é



Foto: Secretaria Municipal de Saúde

Utilização de plantas medicinais é uma tradição milenar que passou a ter reconhecimento científico e dos governos

uma prática doméstica, e por isso mesmo, difícil de mensurar, estima-se que 90% da população mundial em algum momento fez uso de plantas medicinais”, é o que afirma o professor Climério Avelino de Figueiredo, vice-coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Homeopáticas e Fitoterápicas da Universidade Federal da Paraíba.

“Não é um percentual preciso porque ele varia de acordo com o país, nível social, grau de escolaridade... o que se pode afirmar é que o uso vem aumentando consideravelmente, especialmente, porque vem aumentando cursos de graduação e, consequentemente, os estudos e pesquisas científicas”, afirma Climério.

A utilização de plantas medicinais é uma tradição milenar, e apesar de já possuir pesquisas e estudos sobre os seus resultados, ainda carrega preconceitos. Para o professor Climério Avelino, a resistência ao uso dos tratamentos fitoterápicos possui algumas particularidades.

“Em relação aos profissionais de saúde, existe a falsa ideia de que plantas e medicamentos fitoterápicos não possuem comprovação científica, mas isso tende a diminuir com o aumento das pesquisas. Em relação à população, o uso das plantas é bem aceito”, mas o pesquisador faz algumas ressalvas. “No geral, as pessoas acreditam que os remédios fitoterápicos não possuem efeitos adversos, e embora os alopáticos realmente produzam mais efeitos prejudiciais, achar que as plantas são totalmente inofensivas é um erro comum. Alguns fitoterápicos ou chás podem provocar desconfortos graves dependendo da forma como são usados e da dosagem”, e isso torna as pesquisas ainda mais necessárias.

Saúde passa a adotar os saberes populares nos tratamentos

Mas para além do uso doméstico, a utilização da fitoterapia tem sua implantação incentivada e indicada para ser implantada enquanto política pública, além de ser estimulada pela Organização Mundial de Saúde (OMS). A linha do tempo em relação ao reconhecimento da importância da medicina tradicional e das plantas medicinais começa ainda no início dos anos 1990, quando a Organização Mundial de Saúde reforçou a contribuição dessas práticas, especialmente, às populações que têm pouco acesso aos sistemas de saúde, e solicitou aos estados-membros que intensificassem a cooperação entre praticantes da medicina tradicional e da assistência sanitária moderna.

Em 2006, duas importantes iniciativas foram implementadas no Brasil: a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares e a Política Nacional de Plantas

Medicinais e Fitoterápicos, que foram fundamentais para garantir acesso seguro e uso racional de plantas medicinais e fitoterápicos e o fomento ao estudo e pesquisa na área.

O uso de plantas e medicamentos fitoterápicos oferecem inúmeras vantagens quando implementadas enquanto políticas públicas: custo menor para os municípios na aquisição e distribuição de remédios para a população; cria uma cadeia de emprego e renda; valoriza o conhecimento popular e possibilita um tratamento com menos efeitos adversos. “A implantação das políticas públicas também incrementou o ensino dos fitoterápicos nas faculdades e esse conhecimento se torna essencial não apenas para prescrever plantas e medicamento fitoterápicos, mas também para ter noção sobre o uso consciente”, enfatizou professor Climério.

Hortas em USFs já são uma realidade

Pioneiras

Em João Pessoa, o cultivo de plantas medicinais, com o envolvimento da comunidade, tem sido realizado nas USFs de Mangabeira, Bairro das Indústrias e do Grotão

Em João Pessoa, o cultivo de plantas medicinais nas Unidades da Saúde da Família (USFs) e nos Centros de Práticas Integrativas (CPICs) já é uma realidade e têm como base a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos e a Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares, ambas inseridas



Foto: Niaranjan do Ó

Plantio é feito em unidades de saúde em práticas comunitárias

no Plano Plurianual de Saúde de João Pessoa, de 2022 a 2025. As USFs Quatro Estações, em Mangabeira; Verde Vida no Bairro das Indústrias; e Integrada, do Grotão são referências nesse trabalho, sendo esta última uma das primeiras a desenvolver o cultivo de espécies de

plantas medicinais na rede municipal. Todo o trabalho envolve a integração entre os profissionais de saúde do local e a própria comunidade, incluindo a distribuição de mudas aos usuários.

“Todas as terças-feiras, a USF do Grotão realiza encontros com a comunidade

e todos os profissionais da unidade entre médicos, enfermeiros e agentes de saúde, que incentivam o uso das plantas medicinais, numa relação que dialoga com o consultório médico”, afirma Carminha Amorim, agroecóloga e assessora técnica de Práticas Integrativas da Saúde de João Pessoa.

Caminha Amorim explica que há um diálogo com os usuários sobre o cultivo e utilização das plantas de forma correta. “Para que eles tenham em casa a planta medicinal que se trabalha no espaço de saúde, é discutido com o usuário a autonomia do seu cultivo. São plantas que a comunidade conhece e a gente tem no espaço de educação popular por meio das hortas”, disse.



Foto: Cristiano Santos/Botafogo



Foto: Reprodução/Instagram/Treze

Na Maravilha do Contorno, muito trabalho durante a semana para o jogo diante do Nacional. Já no Presidente Vargas, os jogadores do Galo treinaram bastante para enfrentar a Queimadense

VAGAS NAS SEMIFINAIS

Dia decisivo no futebol paraibano

Botafogo e Treze precisam apenas vencer os seus adversários; já o Campinense vive uma situação muito delicada

Fabiano Sousa
fabianogool@gmail.com

Quando a última rodada classificatória da 1ª fase do Campeonato Paraibano for concluída, hoje, a competição vai conhecer as três últimas equipes classificadas para as semifinais. A competição chega nesta etapa com duas equipes rebaixadas, uma já garantida nas semifinais e mais seis brigando pelas últimas três vagas. Botafogo, Campinense e Treze correm o risco de ficarem de fora da sequência do Certame Estadual logo na primeira fase de disputa.

Auto Esporte x Campinense, no Estádio Almeidão, em João Pessoa; Treze x Queimadense, no Estádio Amigão, em Campina Grande; Nacional x Botafogo, no Estádio José Cavalcanti, em Patos; São Paulo Crystal x Serra Branca, no Estádio Carnei-

rão, em Cruz do Espírito Santo e também Sousa x CSP, no Estádio Marizão, em Sousa, são as partidas que fecham a disputa desta primeira fase do torneio. Todos os jogos acontecem em horário simultâneo, a partir das 16h.

Na primeira fase da disputa da competição, os 10 times clubes se enfrentaram em turno único no sistema de pontos corridos no total de 40 jogos já disputados, sendo que os quatro primeiros colocados avançam para a fase seguinte.

A classificação até esta penúltima rodada aponta o Sousa na liderança com 17 pontos, seguido por Nacional e São Paulo Crystal, com 14 pontos cada, na sequência aparecem Treze e Botafogo, com 12 respectivamente. O Campinense aparece na 6ª colocação com 11 pontos, o CSP tem seis pontos e ocupa a 7ª colocação que ainda

apresenta o Serra Branca em 8ª colocado com oito pontos e, por fim, os dois últimos colocados, Queimadense e Auto Esporte com quatro e dois pontos, respectivamente, ambos já rebaixados para segunda divisão estadual em 2024.

Portanto, seis clubes estão brigando pelas três últimas vagas para a fase de semifinais, Nacional, São Paulo Crystal, Treze, Botafogo, Campinense e CSP. O chamado “Trio de Ferro”, maiores campeões da história do estado (Botafogo, Campinense e Treze) não irão seguir juntos. Eles correm a ameaça de pelo menos um, dois ou até mesmo as três equipes ficarem de fora da competição.

O confronto entre Nacional e Botafogo marca a disputa direta por uma das vagas. O vencedor vai avançar para a fase de mata-mata. A diretoria do Belo admite a dispu-

ta de uma campanha irregular, tanto, que a equipe chega pressionada para conquistar a vaga. Para o vice-presidente, Afonso Guedes, o clube tem condições de voltar do Sertão com a vaga garantida.

“Sabemos de todas as dificuldades que iremos encontrar em Patos, a nossa campanha irregular nos obriga a vencer, para continuar na competição. Tivemos uma semana de trabalho produtivo, temos condições de sairmos vitoriosos, vamos em busca desse objetivo para conquistar a classificação”, disse.

O Jornal **A União** aponta as chances e o que cada clube dos seis concorrentes precisa fazer para conseguir a classificação à fase de semifinais. Definidos os classificados, a sequência da competição será disputada no sistema de mata-mata em jogos de ida e volta, desde as semifinais até as finais.

Chances de cada um Classificação

- Nacional - 14 pontos

Se empatar com o Botafogo estará classificado. Mas pode perder a vaga em caso de derrota e vitórias de São Paulo Crystal, Treze e Botafogo.
- São Paulo Crystal - 14 pontos

A exemplo do Treze, depende apenas de si, mas um empate em casa contra o Serra Branca garante a classificação. Em caso de derrota, Botafogo e Treze não podem vencer seus jogos.
- Treze - 12 pontos

Depende apenas de si para chegar a penúltima fase do estadual. Se empatar ou perder pode ser superado por Botafogo ou Campinense. Vai enfrentar o rebaixado Queimadense, no Amigão.
- Botafogo - 12 pontos

Se vencer o Nacional, no Estádio Cavalcanti, em Patos, garante a classificação. Outro resultado deixa o Botafogo de fora das semifinais, sendo a terceira eliminação de competição na temporada.
- Campinense - 11

Precisa vencer o Auto Esporte, no Estádio Almeidão e torcer por derrotas ou empates simultâneos nos jogos que envolvem Botafogo e Treze, caso contrário amarga mais uma eliminação na temporada de 2023.
- CSP - 9 pontos

É a situação mais improvável. Necessita de vencer o Sousa, no Marizão, torcer por derrotas simultâneas de Treze e Botafogo e, ainda, derrota ou empate do Campinense. Por fim tirar uma diferença no saldo de gols em relação ao Treze.

CLUBES	PG	J	V	E	D	GP	GC	SG
1º Sousa	17	8	5	2	1	10	3	7
2º Nacional	14	8	4	2	2	11	6	5
3º SP Crystal	14	8	4	2	2	7	6	1
4º Treze	12	8	3	3	2	9	6	3
5º Botafogo	12	8	2	6	0	9	6	3
6º Campinense	11	8	2	5	1	7	6	1
7º CSP	9	8	2	3	3	8	9	-1
8º Serra Branca	8	8	1	5	2	8	11	-3
9º Queimadense	4	8	0	4	4	5	11	-6
10º Auto Esporte	2	8	0	2	6	7	17	-10

9ª RODADA

- 16h
- Auto Esporte x Campinense

Treze x Queimadense

Nacional x Botafogo

SP Crystal x Serra Branca

Sousa x CSP

Jogos de hoje pelo Brasil

- ALAGOANO - 16h

Murici x ASA

BAIANO - 16h

Juazeirense x Jacuipense

BRASILIENSE 15h

Gama x Samambaia

15h30

Ceilândia x Capital

Santa Maria x Brasiliense

CARIOCA - 18h

Volta Redonda x Fluminense

CEARENSE 9h

Iguatu x Ceará
- 18h30

Ferroviário x Fortaleza

MARANHENSE - 18h

Sampaio Corrêa x Moto Club

MINEIRO - 16h

Athletic Club x Atlético

PARAENSE 10h

Cametá x Bragantino

16h

Independente x Paysandu

PARANAENSE 17h

Operário-PR x Aruko

19h30
- Athletico-PR x São Joseense

PAULISTA 19h30

Bragantino x Botafogo

16h

Corinthians x Ituano

PERNAMBUCANO 15h30

Petrolina x Afogados

16h30

Náutico x Salgueiro

PIAUIENSE - 15h45

Fluminense-PI x River-PI

POTIGUAR - 16h

Potiguar-M x América-RN

SKATE

Japinha, esperança olímpica do Brasil

Vice-campeão do mundo no mês passado, o paranaense Augusto Akio é malabarista e quase virou um atleta russo

Bruno Accorsi
Agência Estado

Vice-campeão do Mundial de Park em fevereiro e vencedor da primeira etapa da temporada 2023 do STU, o Circuito Nacional de Skate, no último final de semana, Augusto Akio colocou-se como nome forte na corrida para representar o Brasil na Olimpíada de Paris. A campanha da medalha de prata é considerada pelo paranaense de 22 anos, mais conhecido como Japinha, a melhor de sua história, mas subir em pódios não é uma obsessão para ele.

Dedicado a uma jornada de autoconhecimento, o skatista tenta estabelecer uma relação saudável com as competições, enquanto se mantém aberto a novas experiências. Inquieto, aventura-se como malabarista, concilia a carreira com a faculdade de Educação Física e quase foi seduzido por uma proposta para se naturalizar russo.

Japinha anda de skate desde os sete anos e viu sua paixão mudar a percepção que o pai tinha sobre o esporte. “Meu primo, que é mais velho, apareceu com um skate em casa uma vez e ele falou que era coisa de vagabundo. Não lembro se jogou fora ou doou o skate”, afirmou ao Estadão.

Quando Augusto começou a praticar, o pai percebeu o quanto aquilo ajudava o garoto, então introvertido e com dificuldade de fazer amigos, a se socializar. Por isso, decidiu levar o filho para as pistas. “O verdadeiro motivo de ele me incentivar a fazer o que eu gosto é porque ele percebeu que aquilo fez bem pra mim. Graças ao skate, minha socialização melhorou bastante”, relembra o vice-campeão.

Desde cedo, Japinha aprendeu com o skate. No convívio com outros skatistas nas pistas de Curitiba e mais tarde rodando pelo mundo, ainda muito jovem, adquiriu um forte senso de coletividade. Nunca parou de aprender e tirou lições até de episódios dos quais não se orgulha. Em 2019, participou do Mundial de Park, em São Paulo, na corrida olímpica, e foi eliminado no qualificatório, após ter um comportamento que considera incompatível com os valores propagados dentro do universo do skate.

“Vendo como me comportei no aquecimento, nos treinos e nos intervalos entre as voltas, foram atitudes que repudio. Dropei entre todos os intervalos. Devo ter andado mais do que os outros, e ninguém deve andar mais do que ninguém. Eu não estava respeitando os outros, estava olhando só para mim mesmo, não foi à toa que foi uma das minhas piores campanhas. Tive de enxergar meu erro, perceber que estava fazendo algo contra os meus valores, contra a minha concepção de esporte”, disse.

A reflexão fez Japinha evoluir como skatista. As manobras que ele acertou nos Emirados para ser vice-campeão mundial já estavam em seu repertório em 2019, a diferença de lá até aqui foi sua postura. “Eu já sabia que amava skate naquela época, mas só depois me encontrei, vi a forma que posso retribuir para o coletivo.

Nesse ciclo começando agora, acredito que eu estou muito mais ciente de qual é minha participação no skate”.

Malabares e seleção russa

Augusto tira ensinamentos de outras atividades. Depois do skate, a principal é o malabares, arte praticada por ele desde 2020. “Vi muita semelhança com o skate. No sentido de que todo mundo está em pé de igualdade, apesar de alguns terem uma habilidade maior, todo mundo tem conhecimento de vida que pode agregar e somar na vida do outro. Tanto no skate quanto no malabares, acontece o lance da empatia, do respeito e da coletividade”.

O respeito demonstrado por Japinha nos lugares onde chega é retribuído. Quando não tinha nem 20 anos, o paranaense conheceu alguns skatistas russos no campeão Vert Attack, em Malmo, na Suécia, manteve contato com eles e foi convidado para ser treinador da seleção de skate vertical da Rússia. Mandou até currículo, mas desistiu da ideia, pois, para assumir o cargo, teria de passar por um longo processo para se naturalizar russo

“Foi bem maneiro, porque eu nunca tinha montado um currículo. Mandeí contando sobre minha história nos skate. O lance foi que acharam muito da hora, mas a intenção principal não era só que eu treinasse, mas que eu competisse pela Rússia também. Acabei descartando porque um dos pré-requisitos é que eu morasse lá. Agora não lembro, mas acho que nos três primeiros anos, eu moraria lá e não poderia competir em campeonato homologado, porque eu ainda seria brasileiro. Eu teria de ficar um tempo afastado do esporte e depois reingressar”, explica.

Essência

As relações construídas no esporte estão em primeiro lugar entre as coisas que mais importam para Augusto, por isso ele celebra, tanto quanto as medalhas, feitos fora do circuito de competições, como lançar um longa-metragem com seus amigos. Após mais de três anos de produção, a Low Pressure, sua ‘crew’, como são chamados os coletivos formados em torno da cultura do skate, finalizou o filme “LowMovie”, que já teve festa de lançamento e em breve estará disponível no site especializado “Black Media Skate”.

O grupo é composto por skatistas, videomakers, designer, fotógrafos, músicos e artistas, e o filme mostra um pouco do estilo de vida levado por eles, em meio a manobras em pistas e nas ruas, inclusive em locais desafiadores. “É a realização de um sonho. O coração de tudo isso foi o Rafão, o videomaker da crew. Cada manobra, cada imagem que está no vídeo, algumas vieram rápido, outras demoram, mas cada uma teve sua própria batalha, interna e externa. Às vezes, até conflitos externos de pessoas de fora que não compactuam com a prática em determinados locais e querem censurar o esporte”, explica Japinha.



Japinha anda de skate desde os sete anos e viu sua paixão mudar a percepção que o pai tinha sobre o esporte, antes “coisa de vagabundo”

FÓRMULA 1

Toto Wolff vê tudo errado na Mercedes

Não foram apenas os pilotos da Mercedes que ficaram decepcionados com o carro na estreia da temporada da Fórmula 1, no GP do Bahrein. O diretor executivo Toto Wolff se irritou muito com a falta de progresso e reclamou que "tudo está errado" na escuderia. Em contrapartida, falou sob a evolução da Aston Martin e elogiou a rival Red Bull, dizendo que a atual campeã de Pilotos e Construtores pode ganhar todas as corridas na temporada.

"Bem, (no Bahrein) foi um dos piores dias de corridas, realmente nada bom. Só nos falta ritmo à frente, à direita e ao centro. Esse é o reflexo", disparou Wolff,

em entrevista às Sky Sports. "A Aston Martin é muito rápido, eles merecem isso, e a Red Bull está em um planeta diferente", avaliou.

Wolff não ficou surpreso com a dobradinha da Red Bull, mas se lembrou dos áureos tempos da Mercedes. "Isso que dói, porque eles estão muito à frente. Me lembra de nossos melhores anos, em que colocávamos um segundo (por volta) em todos os outros", disse. "Essa é a referência, mas precisamos dar um passo após o outro para simplesmente voltar, e podemos fazer isso. Absolutamente podemos."

O diretor ainda afirmou que não dá para esperar a chegada da temporada eu-

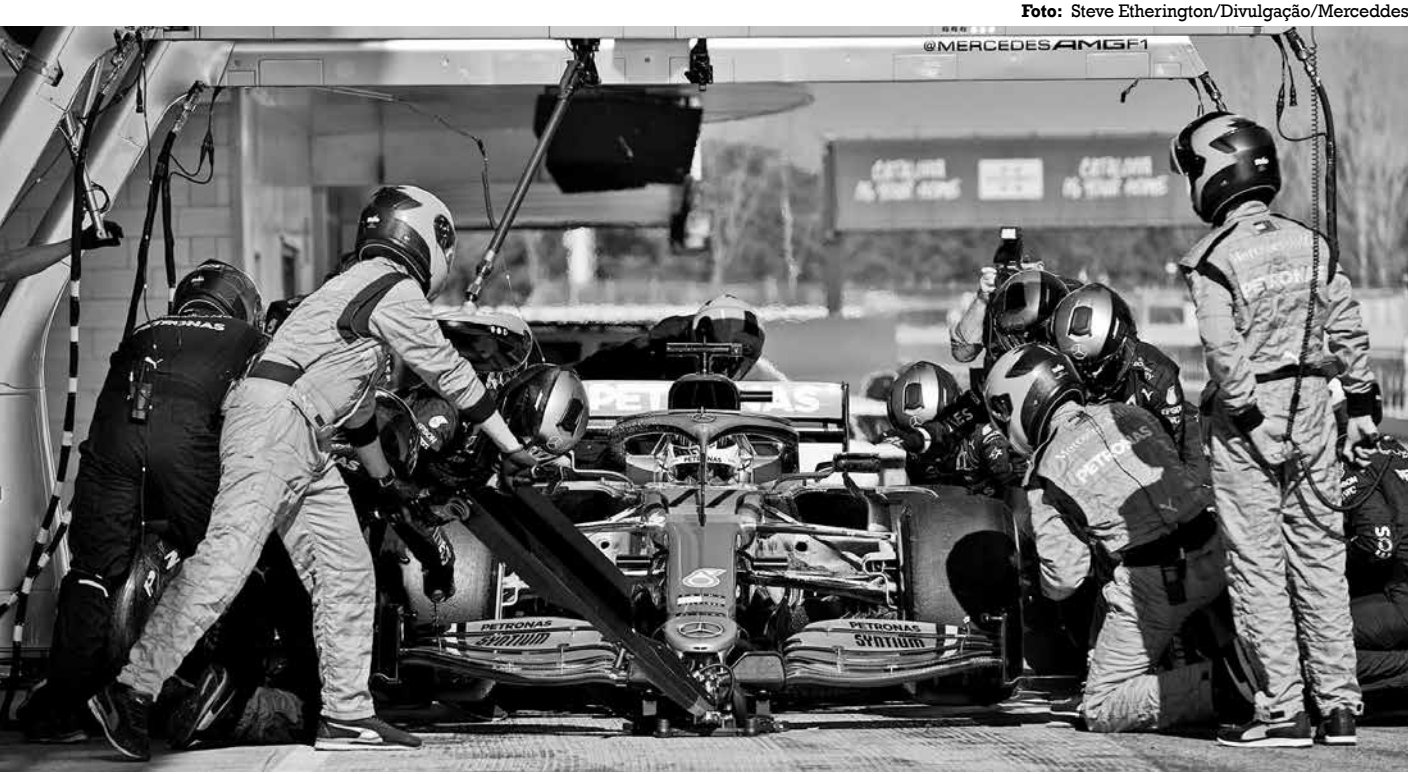
ropeia, que começa em Ímola, na sexta corrida do ano, com o GP da Emília-Romagna. Para ele, a evolução tem de vir antes. Ele sabe que na Arábia Saudita, na próxima semana, é impossível, mas quer apresentar melhores já na Austrália, dia 2 de abril

"Não dá para esperar. Precisamos ser muito mais radical nas etapas do que apenas esperar uma atualização de três décimos", afirmou. Wolff ainda falou ao portal austríaco OE24, no qual também mostrou toda sua revolta com o trabalho da equipe.

"Por minhas ambições, foi terrível ver nosso déficit. Há um time que está a quilômetros de distância (Red

Bull), brincando com a concorrência e depois dessa primeira corrida, acho que vão vencer todas as outras."

Wolff ainda explicou o motivo de a Aston Martin ter progredido tanto. "Eles trouxeram um homem da Red Bull (o diretor técnico Dan Fallows), que de repente conseguiu deixar o carro dois segundos mais rápido. Um ano atrás, a Aston Martin estava em 17º e 19º nos treinos. Lance Stroll correu na parte da frente do grid com duas mãos quebradas, além de um dedo do pé quebrado. Isso prova como o carro é bom. Nunca vi um salto tão grande na Fórmula 1."N



Carro da Mercedes volta a enfrentar problemas em início de temporada e deixa diretor executivo bastante irritado

SELEÇÃO BRASILEIRA

Muricy vê Abel como melhor solução

Para o coordenador técnico do São Paulo, não há motivo para a CBF buscar fora do país o novo comandante

Agência Estado

Muricy Ramalho por pouco não dirigiu a seleção brasileira em 2010. Fazendo grande trabalho no Fluminense na época, não aceitou convite da CBF para “honrar a palavra dada” ao clube carioca. Iria por mérito e revelou, esta semana, que Abel Ferreira deveria ser o substituto de Tite na equipe nacional justamente por estar fazendo a diferença no comando do Palmeiras

O técnico português é disparado o melhor na atualidade dirigindo um clube no país. E, na visão de Muricy Ramalho, atualmente coordenador técnico do São Paulo, deveria ser o principal candidato a assumir a Seleção por vivenciar o futebol brasileiro e estar em solo verde amarelo.

A CBF ainda não definiu quem substituirá Tite,

“

Eu acho o seguinte: tem de ser o melhor, e o do país. Então, eu acho que tem que ser o Abel (Ferreira) porque ele já está acostumado

Muricy Ramalho

que saiu após encerrar o ciclo na Copa do Mundo do Catar. O nome de Carlo Ancelotti, do Real Madrid, é o mais comentado. Mas, para Muricy, a CBF devia buscar alguém que está vivenciando o futebol brasileiro e o que faz um melhor trabalho por aqui.

“Eu acho o seguinte: tem de ser o melhor, e o do País. Então, eu acho que tem que ser o Abel (Ferreira) porque ele já está acostumado com o futebol brasileiro, mesmo se você falar que os jogadores jogam tudo fora. Não interessa, aqui a imprensa é diferente, a logística é diferente, tudo é diferente, e ele já conhece”, afirmou Muricy em entrevista ao programa Último Lance, da TNT Sports.

Muricy foi além e teceu mitos elogios ao treinador do arquirrival Palmeiras. “Além de conhecer, ele é vitorioso, ganhador. Para dirigir a seleção brasileira tem que ter vitórias, títulos. Ele já mostrou nesses anos que está no Brasil que, hoje, ele é o melhor. A gente tem que entender isso.”

Na visão de Muricy, Abel Ferreira não tem a valorização que merece pelo trabalho bem feito no Palmeiras. “O cara ganha um campeonato, os caras falam ‘tudo bem, o time é muito bom, deu liga’, aqueles conversas do futebol”. Mas ele não ganhou só um não. Quando começa a repetir muito título é porque o cara é bom”, afirmou. “É bom de verdade. O Abel nesse momento, para mim, é o melhor do Brasil. A gente tem que respeitar isso. Não traria nenhum de fora, traria ele.”



Muricy Ramalho vê no técnico do Palmeiras muita identidade com o futebol brasileiro e a melhor solução para a CBF

Foto: Reprodução/Instagram

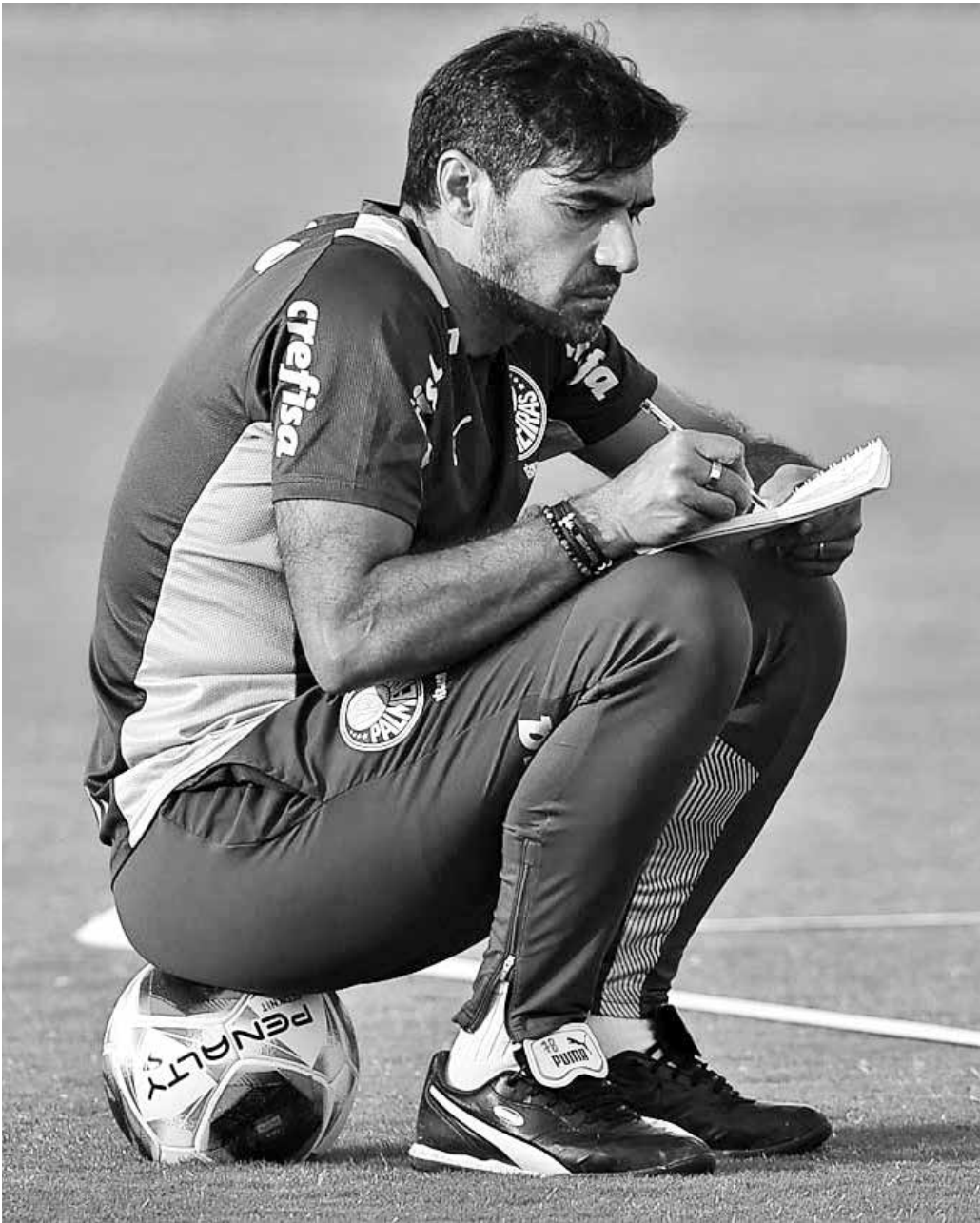
STJD pune Abel Ferreira com dois jogos de suspensão por conduta antidesportiva

Agência Estado

O STJD aplicou dois jogos de suspensão ao técnico Abel Ferreira pela expulsão na decisão da Supercopa do Brasil, diante do Flamengo, e o treinador ainda terá de cumprir um jogo, sendo desfalque na estreia da Copa do Brasil ou do Brasileirão. Os auxiliares João Martins e Vítor Castanheira receberam um jogo de pena cada e estão liberados.

O trio foi enquadrado no artigo 258 do Código Brasileiro de Justiça Desportiva: "Assumir qualquer conduta contrária à disciplina ou à ética desportiva". Nos acréscimos da decisão, Abel Ferreira perdeu a paciência quando um possível escanteio ao Palmeiras não foi marcado e saiu esbravejando, 'dando um soco no ar e chutando o microfone de captação de áudio', de acordo com a súmula de Wilton Pereira Sampaio.

O técnico ainda tentou se defender no STJD. "Tinha muita coisa em jogo,



Técnico Abel Ferreira fazendo anotações em jogo do Palmeiras pelo Paulistão de 2023

Foto: Cesar Greco/Palmeiras

uma final de título. Falta apenas um minuto para acabar o jogo, em um ataque nosso, nosso jogador chuta a bola e seria um escanteio para o Palmeiras. Foi claro. Mas o árbitro entendeu que era um tiro de meta a favor do Flamengo. Foi aí que levantei, protestei com o árbitro e, quando voltei em direção ao banco, atingi o microfone", alegou. Os auxiliares também apresentaram suas versões após também levarem o cartão vermelho

"Os depoimentos e provas de vídeo não afastam os fatos, pelo contrário, corroboram com a denúncia.

“

O comportamento da comissão técnica foi desrespeito com a equipe de arbitragem, conforme o relato da súmula

George Ramalho

cia. O comportamento da comissão técnica foi desrespeito com a equipe de arbitragem, conforme o relato da súmula", avaliou o procurador George Ramalho. "Existe um grau de reprovabilidade maior na conduta de um técnico, que é um profissional que precisa estar preparado para momentos decisivos como esse", afirmou.

O relator foi além: "Cabe a ele ser um exemplo tanto para a comissão quanto para seus jogadores, e isso também pode influenciar os próprios torcedores. Temos que reprimir, sim, e punir de forma exemplar quem comete esses equívocos. Por isso, a Procuradoria entende que está plenamente demonstrada as infrações e pede a aplicação das penas aos denunciados", completou, sugerindo dois jogos de penalidade ao técnico e um para cada auxiliar.

Os auditores Eric Chiarello, Cláudio Diniz, Bruno Tavares e o presidente Luís Felipe Procópio concordaram na íntegra com o voto de George Ramalho, definindo a punição ao trio palmeirense. Apesar do anúncio da punição para Abel Ferreira, ainda cabe recurso ao clube.

VEM AÍ!

PALCO O SOM DA PARAÍBA TABAJARA

especial
USINA ENERGISA
20 ANOS

Terças - 20 às 22h
de 21 de março a 25 de abril

CABURÉ ✧ MACUMBIA

DEAD NOMADS ✧ MUSA JUNKIE

VIEIRA ✧ LUCAS DANTAS ✧ ORIJAH

JÉSSICA MELO ✧ IAGO D'JAMPA

MYRA MAYA ✧ GABI BLUE

SÓCRATES

MARKETING EPC

Índia Aparecida

Há 42 anos, morria a indígena “capturada” em Serra Lavrada, cuja identidade e origem permanecem um enigma até hoje

Hilton Gouvêa
araujogouvea74@gmail.com

Pesquisadores, antropólogos e arqueólogos da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) até hoje procuram levantar as origens de uma mulher primitiva encontrada (e “apreendida”) por caçadores no município paraibano de Pedra Lavrada, na Região do Curimataú, em 19 de julho de 1974. Além de vestir roupas rudimentares, costuradas grosseiramente com tiras de caruá, ela falava um dialeto estranho, nunca ouvido pelos que a encontraram. Como não sabiam seu nome verdadeiro, a mulher foi “batizada” de Índia Aparecida.

Caruá é o mesmo que caroá (nome científico: Neoglasiovia variegata), que também é conhecida como gravatá, gravá, croatá, caraguatá e Coroatá. É um tipo de bromélia de poucas folhas, com flores vermelhas ou rosadas. Seu nome vem do Tupi.

De acordo com o artigo escrito por uma equipe de professores da UEPB, composta por arqueólogos e antropólogos – com destaque para a participação do professor Juvandi Santos –, ao fugir de Pedra Lavrada em 1975, um ano após a sua “captura”, Índia Aparecida passou a viver na Caatinga, do lado oposto à Serra das Flechas, até ser “recapturada” pelo agricultor Gerson do Retiro, em 1981, ano em que ela morreu.

Aparecida compartilhou momentos domésticos com a filha de Gerson, Maria Elisabeth, que se tornou íntima da indígena. A partir de uma visita ao local onde Aparecida viveu após ser “capturada” pela primeira vez, situado a sete quilômetros a noroeste da sede do município de Pedra Lavrada, e por meio de entrevistas, documentos, fotografias e fatos apresentados, quando comparados às teses já existentes na literatura, não ficaram dúvidas sobre a veracidade dos fatos. Existiam boatos na época de que “outra índia” tinha surgido em Pedra Lavrada, antes de Aparecida.

Tratava-se da mesma indígena “capturada” na Serra das Flechas. No entanto, com alguns fatos diferentes das informações registradas pelos historiadores, pois a indígena, ao que parece, “não era pura e sim uma cafuza (ou caboré, uma designação dada aos indivíduos resultantes da miscigenação entre ameríndios e negros africanos)”. Ela tinha perfurações pelo corpo, dava nomes às pessoas em seu próprio dialeto e gravou conversas enquanto era “catequizada” por um representante católico. Acometida de uma doença no sistema digestivo, teve sua morte confirmada e registrada em 1981, no cartório de Parelhas, no Rio Grande do Norte.

“Este é um fato inusitado para a Arqueologia e a Antropologia (...), e a Índia Aparecida não estava sozinha

Jornal A União, da década de 1980



Ilustração: Tônio

Além de vestir roupas rudimentares, costuradas grosseiramente com tiras de caruá, Índia Aparecida falava um dialeto estranho, nunca ouvido pelos que a encontraram

DNA pode indicar suas origens ou parentes

A Índia Aparecida foi enterrada no cemitério público do município potiguar de Parelhas. Seus restos mortais poderão servir para futuras catalogações de DNA e constatar mais precisamente as suas origens. É opinião do professor Juvandi Santos que, na Serra das Flechas, Aparecida é considerada, provavelmente, a última tapuia “selvagem” encontrada na Paraíba (relatada nos contos populares, como a ‘Índia da Serra das Flechas’) pelo agricultor Joca de Generina.

“Este é um fato inusitado para a Arqueologia e a Antropologia do estado, visto que o fim dos relatos sobre os tarairiú é datado ainda no século 18, oficialmente, em 1722. Além disso, possivelmente a Índia Aparecida não estava sozinha, segundo o jornal **A União** publicou no final da década de 1980”.

Na primeira reportagem sobre Aparecida, publicada por **A União**, em meados da década de 1970, consta que a população de Pedra Lavrada, no Curimataú, distante a 180 quilômetros de João Pessoa, amaneceu nas ruas, espantada com a aparência de uma mulher estranha, vestida com roupas grosseiras, feita de pele de animais e amarradas em tiras de caruá.

Ela chegou à área urbana escoltada por quatro caçadores. Era a Índia Aparecida, assim batizada por ser vista várias vezes num ermo da Serra das Flechas, furtando roçados

e criações pequenas, como bodes, galinhas e perus, acompanhada por “dois irmãos”, cujas aparências eram como a dela: pele escura, cabelos encarapinhados e estatura um pouco acima da mediana. Na matéria, também assinada por Hilton Gouvêa, “os antropólogos de esquina” especularam sobre a origem da mulher: índia ou remanescente de um quilombo?”.

Embora Aparecida fosse vista eventualmente acompanhada, ninguém jamais localizou seus companheiros (irmãos?). Muitas especulações se perderam no tempo. Como se sabe, a história da indígena foi dada como inconclusa, contada, muitas vezes, de forma resumida e indireta, da sua “captura” até a sua morte, em 1981. No entanto, esse recorte temporal que resume a passagem de “uma personagem” para a história da cidade de Pedra Lavrada e da região sempre “incomoda” por falta de registros que comprovassem os fatos. Após a fuga dela, em 1975, o que se tem é a informação sobre sua morte, seis anos depois.

Há relatos – não comprovados – que apontam uma suposta “devolução” de Aparecida à sua aldeia, ou que ela pode ter morrido dentro da mata. No entanto, a teoria mais difundida é a de que ela caminhou até a cidade de Parelhas e, após chegar lá, por estar fraca, morreu enquanto recebia os cuidados de um médico.

As informações de Manoel de

Pesquisa

Aparecida foi enterrada em um cemitério público no Rio Grande do Norte e seus restos mortais poderão servir para futuras catalogações de DNA e constatar mais precisamente as suas origens

Júlio e de Maria do Céu Alves, em 2019, contam que a indígena foi recapturada por Gerson Olímpio, porém, as narrativas apresentam-se sempre incompletas. A partir do relato de um familiar de Gerson do Retiro, foi descoberto que a indígena, na verdade, após fugir de Pedra Lavrada, viveu dentro da Caatinga durante quatro meses e, após esse período, foi capturada no mesmo ano, mas, dessa vez, por Gerson do Retiro, ex-combatente da Segunda Guerra Mundial.

A princípio, o questionamento era saber se se tratava da mesma pessoa, no caso, a tapuia de Pedra Lavrada encontrada em 1974. De fato, todas as evidências apontam que sim, era a própria, desde

sua passividade para com os “civilizados” até detalhes minuciosos, como sua relativa cristandade, adquirida por meio de ensinamentos católicos enquanto na primeira forma de domesticação e pela narrativa de que a indígena relembra uma convivência com “Céu”, que é a mesma denominação de Maria do Céu Gadelha Brito, que cuidou dela enquanto viveu em Pedra Lavrada.

A fonte oficial da história é um artigo publicado no jornal Diário da Borborema (1974), com o título ‘Índios de Pedra Lavrada’. O artigo conduz a história até o primeiro ponto chave, que é: “Fala uma língua que ninguém entendeu nada. Durante os três dias que ela permaneceu no meio dos civilizados, dava sempre a entender que queria voltar para onde vivia”.

Os moradores mais antigos de Pedra Lavrada levantaram muitas suposições: Aparecida e seus irmãos (já avistados antes) seriam supostos indígenas ou quilombolas que não resistiram às armas de fogo dos bandeirantes Oliveira Lado, autorizados a matá-los pelo governador Manoel de Albergaria (1697-1700). Albergaria patrocinou diversas expedições de extermínio para que Teodósio de Oliveira Ledo, fundador de Campina Grande, varresse os índios tarairiús e cariris e quilombolas escondidos na área, “para se dar início às fazendas de gado”.



Inventor, jornalista, físico geômetra e matemático, Padre Azevedo era um homem simples e sem ambição

Hilton Gouvêa
arantjogouvea7@gmail.com

O padre paraibano Francisco João de Azevedo foi um inventor, jornalista, físico geômetra e matemático, que “brilharia como repórter” se o espião industrial anglo-americano Christopher Alan Sholler não tivesse copiado sua máquina de escrever. Sholler fez adaptações estratégicas ao equipamento criado por Azevedo e acabou se associando a um magnata norte-americano, dando início à fabricação em série das famosas máquinas Remington, que revolucionaram a datilografia.

Homem simples e sem ambição, Padre Azevedo criou o primeiro protótipo de máquina datilográfica em todo o mundo, com as teclas movidas a pedais. Era um gênio: nas horas de folga do seu trabalho no Arsenal da Marinha de Guerra, em Recife, construiu um canivete e “inventou” diversas folhas de “lixa”, utilizando uma cola improvisada com resina de cajuero e ferramentas toscas. Não manipulava pregos. Seus encaixes eram perfeitos e a cola-gem à base de resina natural auxiliava na fixação.

Sua máquina, que obteve medalha de ouro obsequiada por Dom Pedro II, na Exposição Internacional do Rio de Janeiro, em 1861, iria para uma exposição em Londres. O comandante do navio alegou não ter espaço para transportá-la. E nenhuma autoridade forçou a barra para que a revolucionária máquina chegasse à capital inglesa, segundo relatam seus biógrafos.

Ilustração: Tono

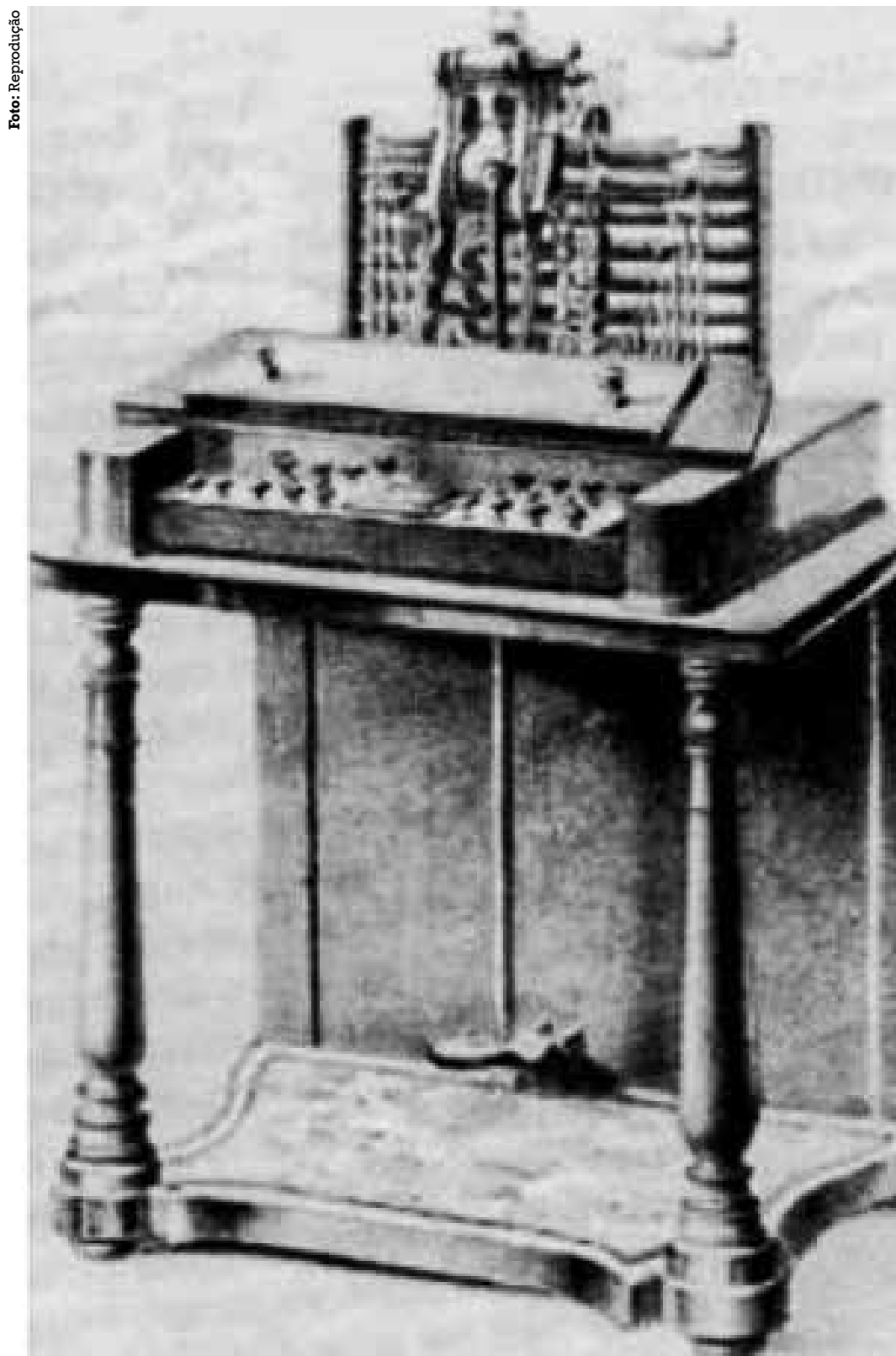


Foto: Reprodução

Primeiro protótipo de máquina datilográfica em todo o mundo criado por Padre Azevedo, que movia as teclas por meio de pedais

Padre Azevedo

Paraibano é considerado o inventor da máquina de escrever

Escritor Mark Twain como o garoto propaganda da empresa Remington

Miguel Milano e outros pesquisadores contam que Sholler, hábil mecânico acostumado às lides das impressoras inglesas e norte-americanas de livros e jornais, saiu fuçando endereços e encontrou os pontos de pouso predileto de Azevedo em Recife e na Cidade da Paraíba (a atual João Pessoa).

Conta-se que, não o encontrando em Recife, achou o padre doente na casa de um advogado seu amigo, aqui na Paraíba. Sholler convidou Azevedo a ir para os Estados Unidos e ele recusou, alegando doença. O espião pediu para ver a máquina e o padre deixou. Um ano depois, a agora invenção adaptada de Sholler aparece fabricada em série e dotada de teclas manuais, em Londres e em Nova Iorque, batizada e patenteada com a marca Remington.

Esse era um fabricante falido dos famosos rifles Remington C-44, a estrela das armas dos bons atiradores do velho oeste norte-americano. A marca da máquina de escrever Remington só perdeu a liderança de vendas no mundo na década de 1990, por causa do computador. E o garoto propaganda dessa máquina foi o escritor Mark Twain. Em 30 de setembro de 2018, o Diário do Comércio publicou reportagem especial sobre Padre Azevedo. (...) “Está aqui uma revelação que vai deixar muita gente surpresa. Um brasileiro, o inventor da máquina de escrever. Não se trata de revelação brotada de uma interpretação chauvinista da história, com apelação para elementos emocionais, a fim de suprir a carência de argumentos fatuais. Nada disso”.

A reportagem continua informando que pesquisa envolvendo mais de um especialista proclama de maneira irresponsável que a paternidade da invenção pertence a um brasileiro ilustre,

cujo nome é desconhecido da grande maioria de seus patrícios, o sacerdote paraibano Francisco João de Azevedo. O historiador Miguel Milano, no livro ‘Heróis brasileiros’, dá notícia pormenorizada de toda a história. “A trajetória desse sábio, em quem alguns identificam um símbolo permanentemente atual do inventor brasileiro, com sua obstinação criadora e pesada carga de frustrações, vai ser aqui contada. Valha o relato como contribuição para que se faça conhecida uma rica afirmação da inteligência humana, deploravelmente encoberta nas névoas de injusto esquecimento.

De origem humilde, Francisco João de Azevedo nasceu em Paraíba, mais tarde João Pessoa, a 4 de março de 1814. O pai, um marinheiro português, faleceu à época em que o filho completava nove anos. Francisco tirou o melhor proveito do curso primário”.

Como não existisse curso secundário em sua terra natal, chegou à adolescência ocupado em trabalhos serviais, de onde retirava recursos minguados para a subsistência. Em 1832, quando contava 17 anos, foi dos primeiros a matricular-se no primeiro curso secundário implantado na Paraíba. Numa visita pastoral do bispo da Diocese, Azevedo convenceu-o de sua inclinação religiosa, obtendo matrícula no Seminário de Olinda. Em 1838 foi ordenado, transferindo-se para Recife, onde se consagrou a intensa atividade apostólica, ao magistério e às invenções.

Em 1841, Padre Azevedo fundou a Sociedade dos Artistas Mecânicos e Liberais. A instituição seria, mais tarde, reconhecida de utilidade pública pelo governo imperial, atraindo ajuda oficial. O imperador Dom Pedro II visitou as instalações, doando à obra um conto de réis.

“As atenções do sacerdote estavam voltadas, obsessivamente, à difusão de conhecimentos profissionais em todas as camadas da população, de modo a acabar com a aversão de muitos, notadamente nas classes mais abastadas, pelos trabalhos manuais. Nesse afã, o estabelecimento introduziu o ensaio das ciências aplicadas às artes, incentivando jovens que não possuíam vocação para as carreiras liberais e que para elas eram conduzidos por modismo, comodismo, vontade paterna, a que se ocupassem de adestramento profissional compatível com seus reais pendores”, registra o Diário do Comércio.

Responsável, ele próprio, pelas cadeiras de geometria e desenho, Azevedo ministrava aulas práticas que lhe valeram, rapidamente, justo renome nos círculos estudantis, em que pese a glacial indiferença, quando não escancarada hostilidade, que a sua ação de educador provocava junto a setores ortodoxos do magistério e lideranças políticas.

Ao tempo em que atuou no Arsenal de Guerra, revelou sua condição de inventor. O historiador Miguel Milano assinala que algumas das invenções foram consideradas, na época, notáveis feitos. Mas nem todos os inventos, lamentavelmente, chegaram inteiros ao conhecimento público.

Existem referências vagas, com base em fragmentos de informações, a três realizações que exercitaram febrilmente a imaginação criadora do sacerdote: um veículo para o mar, “acionado pela força das ondas”; um veículo para a terra, “movido pelas correntes aéreas” e uma máquina para traçar elipses, que obteve medalha de prata na exposição provincial de 1876.

Angélica Lúcio

angelicallucio@gmail.com

Gestão em comunicação exige profissionais especializados

A gestão da comunicação está entre as cinco tendências globais que mais têm sido aplicadas pelas empresas atualmente. É o que aponta o relatório ‘Approaching the Future: trends in reputation and intangible asset management’ (‘Aproximando-se do Futuro: tendências em gestão de reputação e ativos intangíveis’), divulgado em outubro de 2022.

Produzido pela Corporate Excellence – Centre for Reputation Leadership, pela Canvas Estrategias Sostenibles e pela Global Alliance for Public Relations and Communication Management, o relatório identifica 16 tendências globais que estão impactando a agenda de negócios – e sobretudo o trabalho das equipes de comunicação.

Para a pesquisadora Elizabeth Saad Corrêa, a comunicação corporativa contemporânea vem sendo considerada uma área estratégica em uma quantidade cada vez mais significativa de organizações e diferentes tipos de agrupamentos sociais. “Quando administrada de forma estratégi-

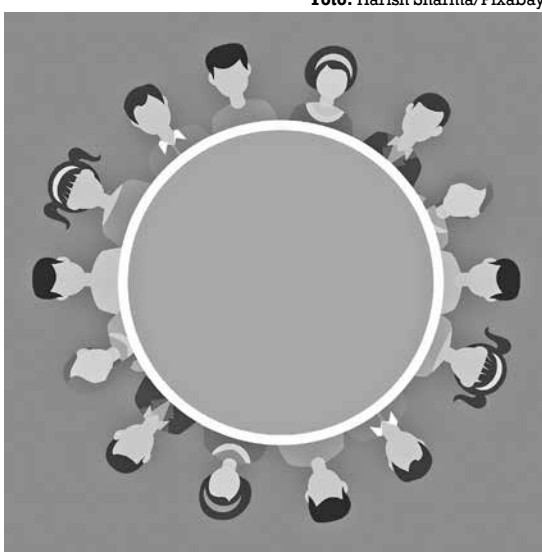


Foto: Hariash Sharma/Pixabay

ca e integrada, a comunicação contemporânea também atua direta e diferencialmente no processo de competitividade global em que as empresas hoje se veem inseridas”, aponta.

Em complemento, Margarida Kunsch afirma que “planejar e administrar a comunica-

ção das organizações hoje, no contexto de uma sociedade complexa diante de um ambiente de mercado altamente competitivo, requer do gestor responsável conhecimento em planejamento, gestão e pensamentos estratégicos e bases científicas da própria área de Comunicação que ultrapassem o nível das técnicas e de uma visão linear”.

Nessa mesma linha, uma matéria na publicação ‘Dossiê Comunicação Empresarial’, edição 110 de 2023, da Associação Brasileira de Comunicação Empresarial (Aberge), mostra que o comunicador-gestor e a comunicadora-gestora precisam lidar cada vez mais com responsabilidades e demandas complexas, da gestão humanizada e personalizada à administração do orçamento.

“O bom comunicador deve dominar as disciplinas da administração – além de promover o diálogo e a conexão entre os diversos públicos da corporação, precisa estar preparado para encarar novas demandas organizacionais”, ressalta reportagem assina-

da pela jornalista Aline Scherer. Na mesma matéria, é ressaltado que a capacidade de gestão de líderes das agências e áreas de comunicação é uma habilidade decisiva para o sucesso das organizações.

Para o gestor em comunicação e pesquisador Jorge Duarte, a “gestão da comunicação nas organizações implica a condução de processos de informação e relacionamento com objetivos intencionais”. Nesse escopo, estão incluídas várias funções, como ampliar o aumento do conhecimento, promover a construção de relacionamentos produtivos e garantir credibilidade e confiança.

A cereja do bolo em todo esse processo remete à especialização da função, porque comunicação não é tema que todos dominam ou panela em que todos metem a colher, ao contrário do que muitos pensam. Certo, Jorge Duarte aponta: “A importância dessas responsabilidades justifica a gestão da comunicação ser liderada pelos principais dirigentes e coordenada por especialistas”. Salve, Jorge!

Tocando em Frente



Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

O som que vem da Bahia – Outros baianos: João Gilberto – Parte II

Contribuiu para a transição vocal e o jeito de cantar de João Gilberto o surgimento de intérpretes como Lúcio Alves e Dick Farney, que davam início a uma forma mais moderna e intimista de interpretar o que cantavam. É dessa época o início do seu relacionamento afetivo com a incipiente Sylvia Telles (Rio, 1934 – Maricá, 1966), e amistosidade com o compositor Luiz Carlos Paraná (PR, 1932 – SP, 1970), com quem dividiu um quarto, como residência (somente fazendo divagações, este último nos deixou, de sua época romântico-caipira, a belíssima modinha sertaneja consagrada pela dupla Cascatinha & Inhama, o clássico ‘Flor do Cafezal’, de 1967, oriunda de um tempo em que se fazia música com a alma e com os sentimentos). Por essa época, João Gilberto tornou-se amigo de Lúcio Alves que o apresentou e recomendou à Rádio Nacional, então líder de audiência no Brasil. Daí foi um pulo para a gravação, em 1953, da primeira composição do baiano, ‘Você esteve com meu bem’ (parceria com Russo do Pandeiro – Antônio Cardoso Martins – Rio, 1913-1985), com o acompanhamento do violão dele, gravada pela namorada de então, Marisa Gata Mansa (Marisa Vértulo Brandão – Rio, 1938-2003), intérprete do início da Bossa-Nova, com incursões pela cha-



Foto: Reprodução

mada “música de fossa” (mesma linha adotada por Maysa) e hoje, infelizmente, quase esquecida.

Já no início da década de 1950, o baiano fez amizade com Carlos Machado, conhecido como o “Rei da Noite” carioca, e participou de alguns espetáculos musicais com outros artistas, como Ataulfo Alves e Grande Otelo, passando também a fazer parte de um novo conjunto musical, o Quitandinha Sereaders, e, posteriormente, por curta tempo-

rada, do famoso grupo vocálico Anjos do Inferno, que já existia desde os anos de 1930 e que, em outras épocas, havia excursionado pela América Latina e pelos Estados Unidos, como acompanhantes de Carmen Miranda.

Foi em Porto Alegre, em 1955, onde ele viveu uma temporada, que conheceu Armando Albuquerque, pianista, compositor, violonista, musicólogo e professor, com quem passou a estudar música, centralizando seus interesses maiores no quesito harmonização. Como ele próprio confidenciou depois, foi ali que percebeu que “se cantasse mais baixo, sem vibrato, poderia adiantar ou atrasar o canto em relação ao ritmo, desde que a batida fosse constante”, assertiva de que nasceu a criação do seu próprio estilo de cantar e acompanhar-se ao violão. Foi quando, no início de 1957, durante pequena temporada com a família, em Juazeiro, compôs o ‘Bim Bom’, certo de que havia encontrado o ritmo e a batida do violão, como vinha buscando.

É nessa mesma época que ele retorna ao Rio de Janeiro e procura mostrar a “inovação” aos amigos músicos, entre os quais Tito Madi e Roberto Menescal, que lhe abriram as portas do universo musical. Este, devidamente empolgado com a “batida do violão”, levou

o “inovador” para apresentá-lo e o seu estilo a Ronaldo Bôscoli e a Nara Leão. Empolgado, João Gilberto fazia a apresentação de sua técnica inovadora, com explicações e demonstrações: “A mão direita toca os acordes (não as notas), produzindo ritmo e harmonia em uníssono, enquanto, no vocal, utiliza-se de novas técnicas de respiração (como se usa na ioga), o que permite alongar as frases sem perder o fôlego”. Estavam lançadas as bases para a Bossa-Nova.

No próximo passo, veio a apresentação e a aproximação com Tom Jobim, que, na época, trabalhava para a Odeon. Este recebeu as inovações com encantamento, perscrutando ali o advento de modernização do samba, com a simplificação rítmica, novas formas harmônicas, o que proporcionava mais liberdade para a execução dos arranjos. Enthusiasmado, apresenta ao “principiante” uma sua composição em parceria com Vinícius de Moraes guardada havia cerca de um ano. Era o hoje clássico ‘Chega de Saudade’. Proliferam-se os convites para apresentações, inclusive no point da época, boate do Hotel Plaza, onde outro astro, Milton Banana, buscava uma adequação do seu instrumento, a bateria, ao que começava a se consagrar como o “estilo João Gilberto”.

TESOURO PERDIDO

Whisky de naufrágio poderá valer milhões

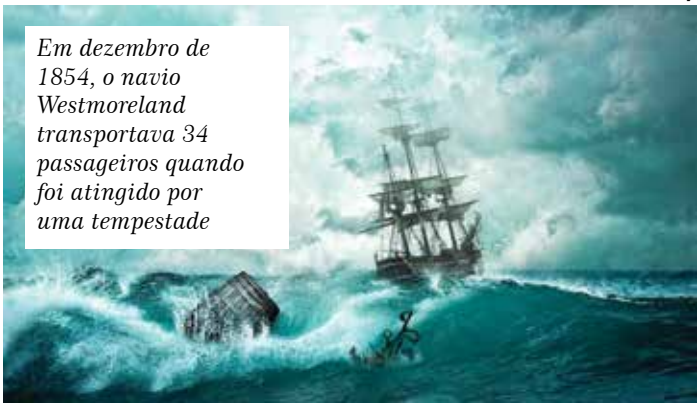
Barris estavam a bordo de um navio que naufragou no Lago Michigan

Da Redação

No inverno de 1854, um navio de passageiros com 280 barris de whisky e um carregamento em ouro afundou no Lago Michigan, nos Estados Unidos. Durante décadas a embarcação ficou “sepultada” no fundo do lago, a quase 60 metros de profundidade. Recentemente, uma equipe de mergulhadores exploradores localizou os destroços e vem tentando recuperar a carga do navio, que pode valer mais de 17 milhões de dólares. É o que relata o All That’s Interesting (um site em inglês de notícias sobre história e ciência), em informação reproduzida pelo Portal Zap.

Em dezembro de 1854, o navio Westmoreland transportou 34 passageiros pela Passagem de Manitou, uma área do Lago Michigan conhecida pelas ondas e correntes fortes. Acabou sendo atingido por uma tempestade. Segundo o MyNorth.com (um jornal de Michigan), ondas que mediam entre três a seis metros bateram contra o navio enquanto ele atravessava a passagem. O Westmoreland acabou afundando, matando 17 passageiros.

Nos dias que se seguiram ao naufrágio, os jornais publicaram histórias que falavam do ouro e dos barris de whisky a bordo do Westmoreland. Quando naufragou, o navio estava a caminho de um forte do exército norte-americano. As moedas de ouro que levava a bordo seriam para pagar os salários dos soldados. Essas histórias levaram muitos caçadores de tesouros a procurar o navio



Em dezembro de 1854, o navio Westmoreland transportava 34 passageiros quando foi atingido por uma tempestade

afundado ao longo dos anos.

Mais de um século após o naufrágio, em julho de 2010, o historiador local e mergulhador recreativo Ross Richardson atravessou quilômetros pelo Lago Michigan em busca dos destroços, após vários anos de pesquisa com recurso a mapas e a relatos históricos. Quando encontrou destroços de um navio, Ross identificou que se tratava do Westmoreland. Mas, em termos legais, havia pouco que ele pudesse fazer para explorar o naufrágio ou para resgatar a sua carga. A lei do Michigan impede que mergulhadores amadores explorem naufrágios sem autorização.

Várias universidades se interessaram em mapear o Westmoreland e, quase dez anos após Ross encontrar o naufrágio, finalmente ele teve a permissão para fazer a exploração. Em 24 de junho de 2020, Ross e sua equipe mergulharam para explorar o Westmoreland e procurar o seu famoso tesouro. A tripulação identificou vários barris de whisky e moedas de ouro, mas não conseguiu extraí-los devido à lei de Michigan.

“Estamos nos estágios iniciais de uma operação de salvamento para recuperar os barris de whisky e outros artefatos”, disse o explorador recentemente ao Daily Mail (um tabloide britânico). Mas ainda não há uma data para o início dos trabalhos. “O Westmoreland é um museu subaquático, repleto de relíquias de 1850. Preservá-las para exibição pública seria uma causa digna”, apelou Ross.

Em relação às moedas de ouro, ele afirmou ao mesmo jornal que “valeriam cerca de um milhão de dólares” caso fossem fundidas e ven-

didas. “O verdadeiro valor é o valor numismático dessas moedas, que pode ser superior a 20 milhões de dólares”, acrescentou.

O whisky, por sua vez, é excepcionalmente raro, e destilarias regionais já manifestaram interesse em comprá-lo para testes e venda. Ainda não se sabe a quantidade que ainda existe desse produto, mas qualquer barril que permaneça intacto terá envelhecido 170 anos. Além disso, segundo o The Mirror (outro tabloide britânico), a composição genética do milho em 1854 era diferente da de hoje, o que significa que o whisky também teria um sabor diferente.

Apesar dos embaraços legais e das difíceis condições em que se encontra o navio, Ross espera extrair o whisky e os artefatos depois de receber as devidas licenças. “Só o tempo dirá se o Westmoreland irá partilhar os seus segredos conosco”, especulou o historiador.



Charada

Francelino Soares:
francelino-soares@bol.com.br

Objetivando provocar uma consciência semântica, iniciamos uma sequência de charadas, que consistem ao leitor em descobrir sinônimos para as palavras destacadas, indicadas pelos números de sílabas, que apresentarão, como resultado final, o vocábulo definidor. Exemplo: um (2) olhar (1) morto (3) – (2 + 1 = 3); um = cada (duas sílabas) e olhar = ver (uma sílaba); Solução: cadáver (três sílabas). A charada da semana: acende, acende, acendedor (2 + 2 = 4). Solução: no próximo domingo (19).

Eita!!!

Foto: Pixabay



PlayStation 2 completa 23 anos

Mesmo 23 anos após o seu lançamento, o legado do PS2 continua vivo e influenciando gerações de jogadores e desenvolvedores de jogos. O “jogo-brinquedo” foi um marco na história dos videogames. Lançado em 2000, o PS2 revolucionou a indústria dos jogos eletrônicos com seus “gráficos incríveis”, vasta biblioteca de jogos e recursos avançados, como DVD player integrado.

Mais popular de todos os tempos

Com um design icônico e jogos inesquecíveis, como ‘GTA San Andreas’, ‘Final Fantasy X’ e ‘Metal Gear Solid 2’, o PlayStation 2 tornou-se um dos consoles mais populares de todos os tempos. Seu lançamento foi um grande evento na indústria de videogames. A Sony investiu pesadamente em publicidade e promoção do console, com campanhas publicitárias em televisão, revistas e outdoors. O lançamento ocorreu simultaneamente em vários países.

Console mais vendido da história

Foi o console mais vendido da história, com mais de 155 milhões de unidades comercializadas. Durante seu lançamento, teve como principais concorrentes o Dreamcast da Sega e o Nintendo 64 da Nintendo. O Dreamcast foi lançado em 1998 e foi o primeiro console da sexta geração de videogames. O Nintendo 64, lançado em 1996, foi o console mais popular de sua geração, mas teve dificuldades em competir com o PlayStation 2 devido à sua falta de recursos.

Nova era dos jogos eletrônicos

Apesar da forte concorrência, o PlayStation 2 conseguiu se destacar graças à sua biblioteca de jogos variada e à capacidade de reproduzir DVDs, que o tornou um aparelho muito versátil para os consumidores. Seu sucesso ajudou a estabelecer a Sony como um dos principais players da indústria de videogames e marcou o início de uma nova era na história dos jogos eletrônicos.

Capaz de rodar jogos antigos

Os dez jogos mais populares do PlayStation 2: ‘Grand Theft Auto: San Andreas’, ‘Final Fantasy X’, ‘Metal Gear Solid 2: Sons of Liberty’, ‘God of War’, ‘Kingdom Hearts’, ‘Shadow of the Colossus’, ‘Resident Evil 4’, ‘Gran Turismo 3: A-Spec’, ‘Dragon Quest VIII: Journey of the Cursed King’ e ‘Ratchet & Clank’. O PlayStation 2 era capaz de rodar jogos do PlayStation 1, o que permitiu aos jogadores continuar a jogar seus jogos favoritos em uma plataforma mais avançada.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 – boca da lua; 2 – porcentagem no chapéu; 3 – lago da minhã; 4 – olho do coelho; 5 – bola na chadeira; 6 – ponteiro do relógio; 7 – rabo do coelho; 8 – dentel do Chapapeleiro; 9 – joaninha.

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota

